

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



UMA BOOKSHELF COM ENORME PERSONALIDADE

CAIXA PARADIGM PERSONA B

E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

AMPLIFICADOR DE FONES DE
OUVIDO SENNHEISER HDV 820

CABO DE INTERLIGAÇÃO
SUNRISE LAB QUINTESSENCE

CAIXAS ACÚSTICAS Q ACOUSTICS 3020I

TOCA-DISCOS DE VINIL RELOOP TURN2

NOVIDADES DE MERCADO

AS NOVAS TVS 8K

EFICIÊNCIA MINIMALISTA

AMPLIFICADOR AUDIO RESEARCH
REFERENCE 75 SE



**MUSICIAN: A MÚSICA SINFÔNICA NO
ROMANTISMO - NACIONALISMO- VOL. 7**

TCL

SEMP TCL

SEMP.TCL.COM.BR/TCL

NEYMAR JR. É TCL

QLED X6 | P6 4K UHD TV | C2 4K UHD TV



NEYMAR JR.

TCL GLOBAL BRAND AMBASSADOR



4K
ULTRA HD
3840 x 2160 pixels

HDR

RGB

**ULTRA
SLIM**

**METALLIC
FRAME**

GLOBOPAY

NETFLIX

You Tube





**AMPLIFICADOR AUDIO RESEARCH
REFERENCE 75 SE**

24

E EDITORIAL 4

A física quântica também irá revolucionar os materiais acústicos

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 12

Novidades

ENTREVISTA 14

Euclides Marques, virtuose e audiófilo

TECNOLOGIA 18

Atenuadores

TESTES DE ÁUDIO

24
Amplificador Audio Research
Reference 75 SE

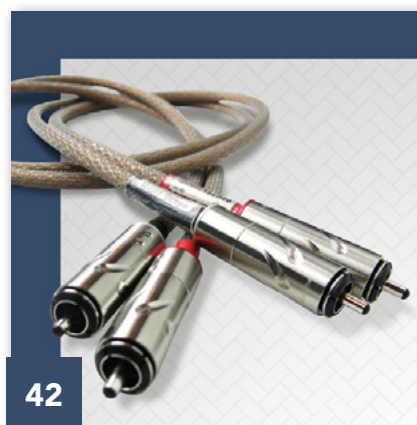
30
Caixa Paradigm Persona B



30



36



42

TESTES DE ÁUDIO

36
Amplificador de fones de
ouvido Sennheiser HDV 820

42
Cabo de interligação
Sunrise Lab Quintessence

48
Caixas acústicas
Q Acoustics 3020i

52
Toca-discos de vinil
Reloop TURN2

DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: o Nacionalismo musical na Europa Central, Escandinávia e Espanha **58**

Bibliografia: Romantismo - Nacionalismo na música **68**

Romantismo - Nacionalismo - Vol. 7 **72**

VIDEOTECH 76

High Bit-Rate ou simplesmente HB-R

ESPAÇO ABERTO 78

O pacto

VENDAS E TROCAS 80

Excelentes oportunidades de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

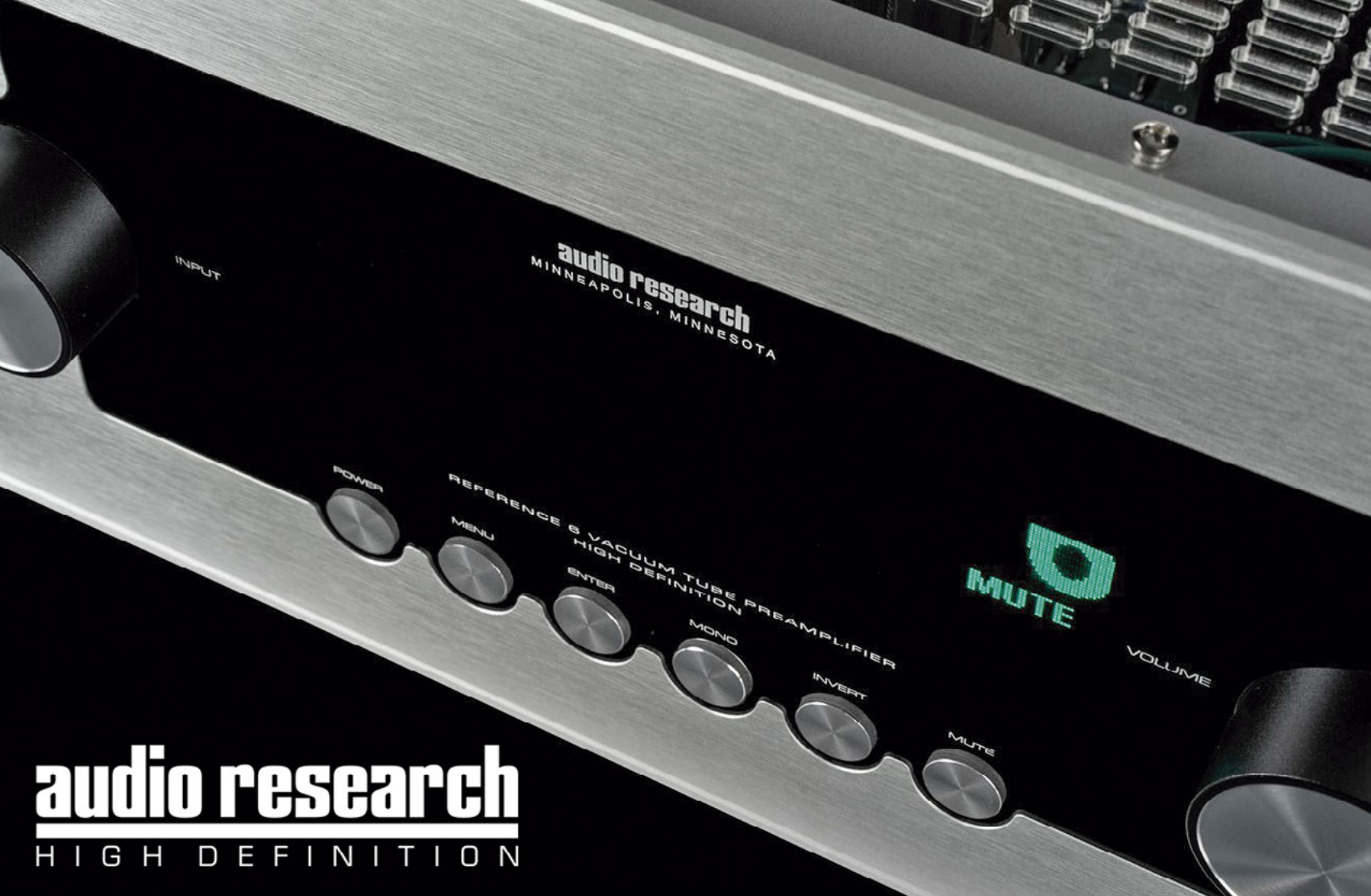
A SILENCIOSA EVOLUÇÃO DOS ALTO-FALANTES

Lembro-me que, em uma acalorada discussão na redação da revista, no começo deste século (se não me falha a memória foi em 2004), um dos colaboradores levantou a seguinte pauta: ‘qual é o atual gargalo do hi-end?’. Com exceção de um dos participantes, todos foram unânimes em afirmar serem os alto-falantes o calcanhar de Aquiles do hi-end naquele momento. E cada um foi descrevendo as limitações, e como um componente que já tinha um século de existência impedia de se avançar nos quesitos mais importantes como: eficiência e fidelidade! Falava-se, àquela altura da virada do século, de novas ‘possibilidades’ como o plasma para substituir o ‘limitado’ alto-falante. Mas, pelo que parece, o plasma continua sendo apenas uma remota possibilidade, e pouco se houve falar hoje em dia que, dos primeiros experimentos que duraram apenas alguns segundos, realizados na virada do século, tenha ocorrido algum avanço significativo e confiável. Basta deixar o preconceito de lado e certamente todos perceberão um avanço consistente na fidelidade dos centenários alto-falantes (se ainda muito pouco em termos de eficiência, muito em termos de durabilidade e performance). Achei que valeria discutir em editorial este tema, após testar a nova caixa Persona B, do fabricante canadense Paradigm, que conseguiu diminuir as distorções de resposta a níveis realmente surpreendentes e perfeitamente audíveis até mesmo pelo leigo. E o sucesso desta empreitada, ainda que seja um conjunto de esforços, como melhora no gabinete, desacoplamento do tweeter em relação ao falante de médio-grave da caixa, componentes e topologia do crossover, o sucesso deste esforço passa impreterivelmente pela qualidade dos falantes. A Paradigm é o primeiro fabricante de caixas acústicas hi-end a produzir os cones de berílio para os seus falantes de médio-grave. E o resultado está aí para quem quiser ouvir e reconhecer os benefícios e avanços deste cone de berílio (deixo os detalhes para os que lerem o Teste 2, nesta edição).

Simultaneamente (ao teste da Persona B), recebo informações de que o fabricante dinamarquês de caixas Dali, também desenvolveu uma tecnologia batizada de SMC que reduz drasticamente a

distorção magnética não-linear. Segundo o fabricante, o ferro do ímã recebe um disco de SMC (patenteado pela empresa), e o uso deste disco acoplado ao ferro reduz a distorção mecânica do falante e a distorção de terceira ordem, permitindo audições mais longas e com uma melhora na quantidade de informações recebidas. Outra característica que o fabricante cita como um avanço consistente é a capacidade de ampliação do padrão de dispersão lateral dos falantes, que além de reduzir a distorção harmônica e as difrações, possibilita que as caixas deste fabricante possam trabalhar paralelas às paredes laterais sem o uso de toe-in.

Novos materiais, mais leves, rígidos e com melhor dispersão térmica, e novos ferrites para bobinas e o uso da nano tecnologia, certamente darão uma sobrevida aos centenários alto-falantes de pelo menos mais umas décadas! Eu não tenho dúvida em afirmar que assim será! O que importa mesmo, para nós amantes da boa música, é que essas pesquisas se multipliquem e se espalhem como uma nuvem de pó para todos os fabricantes de caixas acústicas hi-end, e que as futuras gerações se encantem com a sonoridade dos bons e velhos alto-falantes, como se encantam hoje com os LPs e com os amplificadores valvulados. Afinal, este é talvez o único hobby em que tecnologias de ponta se misturam com topologias centenárias sem o menor atrito ou resistência. A prova está nesta edição em que apresentamos um amplificador valvulado que utiliza as novíssimas válvulas KT150, a caixa Persona B com um índice de distorção inimaginável dez anos atrás, um amplificador de fones de ouvido de altíssimo nível, um toca-discos de entrada de ótimo custo/performance, uma caixa mini monitor que encara qualquer estilo musical e uma nova geração de cabos fabricados no Brasil que além de uma performance Estado da Arte, encara os melhores cabos importados, por uma fração do preço desses pesos-pesados. Espero que você se inspire neste caleidoscópio de produtos que dão cor e forma a esse incrível segmento audiófilo! E aprecie cada um dos equipamentos aqui testados nesta edição! ■



audio research
HIGH DEFINITION

Audio Research de volta ao mercado brasileiro!



A German Áudio traz de volta ao Brasil uma das marcas de áudio mais consagradas do mundo. Produtos altamente desejados, primorosamente construídos e com um rigoroso processo de qualidade.

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

contato@germanaudio.com.br

german
Áudio
www.germanaudio.com.br



Q900R, PRIMEIRA SMART TV 8K QLED DA SAMSUNG, É APRESENTADA NA IFA 2018



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GVQJRDHRBWQ](https://www.youtube.com/watch?v=GVQJRDHRBWQ)

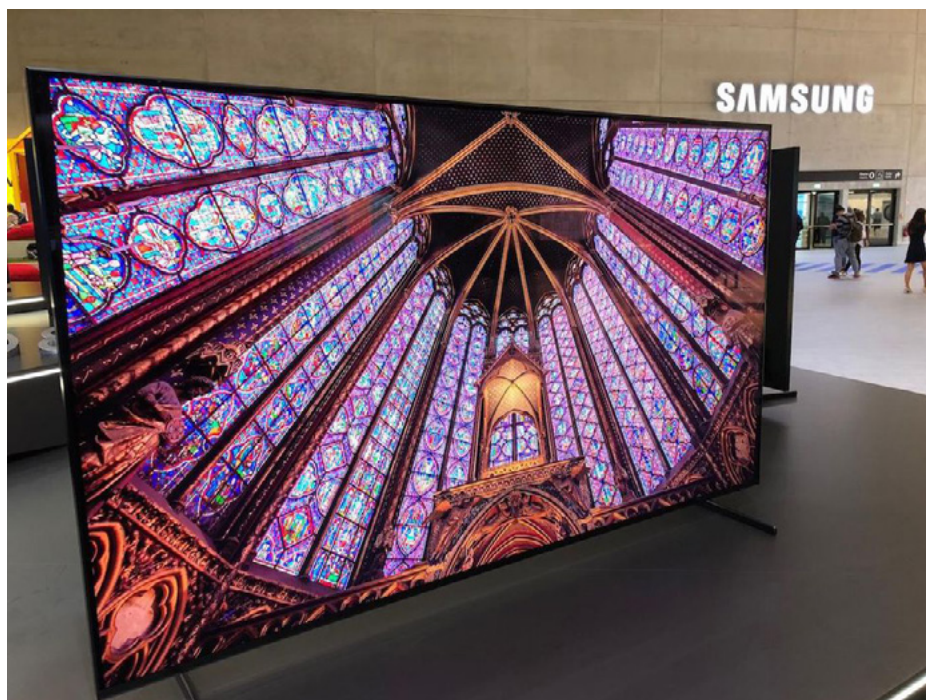
A Q900R é a primeira smart TV QLED com resolução 8K da Samsung. A novidade foi apresentada em 30.09.2018, durante a conferência da fabricante na IFA 2018, em Berlim. O modelo vai chegar ao mercado nos tamanhos de 65", 75", 82" e 85 polegadas. Segundo a fabricante, o televisor traz tecnologias como HDR 10+, processador quântico e upscaling inteligente voltados para entregar o 8K real.

O 8K, com quatro vezes mais definição de imagem que o 4K, vem sendo testado há algum tempo e é uma forte promessa para o futuro das TVs no mundo. Para chegar ao alto padrão, a Samsung apostou em tecnologias específicas. Um exemplo é a Q HDR 8K, renomeado a partir do HDR 10+, que reforça o brilho da tela e traz melhorias relacionadas às cores. Segundo a fabricante, o recurso

deve possibilitar a reprodução fiel das cores utilizadas durante a criação do conteúdo.

Outro responsável pela entrega da resolução é o 8K AI upscaling, função própria da marca que, por meio do processador quântico 8K da TV, reconhece os níveis de reprodução para criar experiência semelhante à real definição de 33.177.600 milhões de pixels. Dessa forma, mesmo enquanto o usuário assiste a filmes via streaming ou vídeos espelhados do celular, por exemplo, a qualidade da imagem vai subir, independente de qual seja a resolução adotada na produção do conteúdo.

Além das tecnologias relativas ao 8K, a Samsung também oferece na nova Q900R recursos para diversos tipos de uso, como o One Remote, Ambient Mode, conexão invisível, já presente nos modelos QLED 4K, SmartThings e Universal Guide.



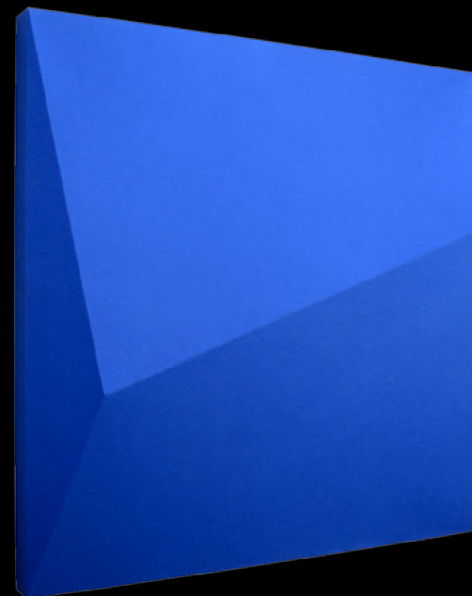
Os preços ainda não foram divulgados pela marca sul-coreana, mas a nova TV deve chegar às lojas no final de setembro. Vale ressaltar que a fabricante também não especificou os países que vão receber o produto.



Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Axabó oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi *e*xperience
www.hifiexperience.com.br

SAMSUNG ANUNCIA INÍCIO DAS VENDAS DAS NOVAS QLED TVS NO BRASIL



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8IP2EZIGNG](https://www.youtube.com/watch?v=8IP2EZIGNG)

Após anunciar a nova linha de televisores QLED durante evento realizado em São Paulo, em junho deste ano, a Samsung divulga o início das vendas dos produtos no Brasil. Com os novos modelos, a marca reforça seu compromisso em oferecer ao consumidor uma experiência completamente diferenciada em entretenimento, fazendo da TV um item especial na casa do consumidor, até quando a QLED está “desligada”. São recursos como o Modo Ambiente, Única Conexão Invisível, qualidade de imagem impressionante e, claro, a automação e integração com a Internet das Coisas.

As novas QLEDs 2018 se baseiam em três pilares: design, qualidade de imagem e navegação. No primeiro, o grande destaque é o exclusivo Modo Ambiente, que substitui a tradicional tela preta da TV

quando ela está desligada por uma solução única em design, a fim de integrar a QLED TV com a decoração. Basta o consumidor selecionar uma das texturas já pré-definidas ou tirar uma foto da QLED na parede para que ela se adeque ao seu espaço. Depois disso, é só incrementar este processo com os modos “Deco”, “Info” ou “Foto”.

Apenas um único cabo é suficiente para fazer a nova QLED TV 2018 funcionar. Com a Única Conexão Invisível um fino e quase transparente cabo conecta a TV a uma central de conexão externa, o One Connect, que liga simultaneamente a QLED à energia e aos seus demais equipamentos, deixando a sala organizada, com todos os aparelhos escondidos. Para fechar a sessão de estilo, com o Suporte de Parede No Gap, o espaço entre o televisor e a parede ►

é quase inexistente. Essa é uma combinação de atributos na medida certa, que faz com que o consumidor preste atenção apenas na mais pura e realista imagem já vista em uma TV, sem confusões de cabos, distrações quando a TV está desligada e sem atraso no entretenimento. Além disso, apresenta design 360° com bordas infinitas e design inovador, sem parafusos ou cabos aparentes.

Na qualidade de imagem, a tecnologia de Pontos Quânticos marca presença em todos os modelos, garantindo a entrega de 100% de volume de cor em todos os seus conteúdos, com ótimos níveis de brilho. O modelo Q9FN alcança HDR com pico de 2000 Nits e conta ainda com um controle de iluminação por zonas, que ajusta precisamente o brilho cena a cena, gerando profundos tons escuros, independente da iluminação do seu espaço, se é dia ou noite.

Além da garantia de 10 anos contra o efeito burn-in, muito importante para quem, eventualmente, exibe imagens estáticas por longos períodos na tela, a QLED TV ainda aciona o modo game automaticamente ao ligar o videogame, diminuindo o tempo de resposta. Com recursos adicionais, como o Game Motion Plus, a QLED evita manchas e trepidações da tela, além de dar fluidez ao game com a tecnologia Freesync (VRR).

A Samsung também traz com as novas QLEDs o conceito da Internet das Coisas (IoT) e transforma as TVs em centrais de automação. Com o app SmartThings, o consumidor poderá conectar e controlar os aparelhos inteligentes, criando até distintos cenários para facilitar a rotina. E para ajudar nessa tarefa, a Bixby, assistente de voz inteligente da Samsung, auxilia na interatividade e facilita a comunicação com os dispositivos inteligentes. Isso sem falar no Controle Remoto Único, diferencial da Samsung, onde é possível controlar todos os aparelhos que estão conectados à TV. ■

Já disponíveis nas lojas, os preços sugeridos para todas as novas QLED TVs são:

- Q6FN 49" (QN49Q6FNAGXZD): R\$ 4.999
- Q6FN 55" (QN55Q6FNAGXZD): R\$ 6.199
- Q6FN 65" (QN65Q6FNAGXZD): R\$ 10.599
- Q7FN 55" (QN55Q7FNAGXZD): R\$ 8.099
- Q7FN 65" (QN65Q7FNAGXZD): R\$ 14.999
- Q7FN 75" (QN75Q7FNAGXZD): R\$ 31.999
- Q8CN 65" curva (QN65Q8CNAGXZD): R\$ 17.999
- Q9FN 75 (QN75Q9FNAGXZD): R\$ 41.499

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

LG ANUNCIA A PRIMEIRA TV 8K OLED DO MUNDO, COM 88 POLEGADAS



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MZNYG2BL3_Y](https://www.youtube.com/watch?v=MZNYG2BL3_Y)

A LG anuncia a primeira TV do mundo com resolução 8K (7680 x 4320 pixels) e tecnologia OLED, durante a IFA 2018. O aparelho conta com 33 milhões de pixels distribuídos em um painel com 88 polegadas, o que pode ser considerado recorde para um display construído com diodo orgânico. Segundo a fabricante, a tecnologia consome menos energia e possibilita que o monitor seja leve e fino, além de oferecer melhores ângulos de visão, brilho e contraste em comparação com o LCD.

Vale ressaltar que o 8K traz quatro vezes mais definição que o 4K, e é uma forte aposta para o futuro das TVs. O modelo ainda não teve seu preço divulgado, e não há previsão de chegada do produto no Brasil.

A resolução 8K já é testada há algum tempo, mas ainda está distante do consumidor final. Modelos 4K vêm ganhando popularidade no Brasil nos últimos anos, e a expectativa é que ainda leve um

tempo considerável até que o 8K tenha viabilidade. Ainda assim, é comum que fabricantes aproveitem feiras como a IFA para apresentar novidades envolvendo a tecnologia. Em 2017, a Sharp foi uma das primeiras empresas a apresentarem uma aposta de TV 8K, também no evento que ocorre anualmente na Alemanha.

Apesar da fase inicial, a LG acredita que o número de aparelhos com o 8K alcançará a marca de cinco milhões de unidades comercializadas até 2022 - por isso a aposta em um modelo OLED, que também tem fatia pequena do mercado no mundo. Os valores ainda não foram divulgados, mas a expectativa é que o produto tenha preço alto em um primeiro momento. ■

Para mais informações:
LG
www.lg.com/br



O AV Group traz ao Brasil a URC, uma das indústrias pioneiras em sistemas de controle e automação. Completo com controladoras, touchpanels, controles remotos Wi-Fi, sensores e sistemas de multi-room por IP a URC oferece uma solução completa para residências dos mais diversos padrões.

Todos os sistemas se integram nativamente com os sistemas de comando por voz Amazon Alexa e Google Assistant e com as mais respeitadas marcas do segmento como Lutron, Cool Automation, Sonos, Arcam, Emotiva, Lexicon, Zektor dentre outras.

AV GROUP

Novo Contato:

+55 11 3034-2954

contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

Entre em contato e conheça mais sobre essa e outras marcas do nosso portfólio.

LUTRON.

JBL SYNTHESIS

Cool Automation

WOLF CINEMA

mark LEVINSON.

REVEL

Metra HOME THEATER GROUP

SI.

EMOTIVA AUDIO CORPORATION

ZEKTOR

REL ACOUSTICS LTD.

ARCAM

NÖRDOST MAKING THE CONNECTION

lexicon



HI-END PELO MUNDO



CAIXAS BAFFLEX DA HIGH FIDELITY CABLES

Sediada no Texas, a norte-americana High Fidelity Cables está introduzindo seu primeiro modelo de caixas acústicas, intituladas Bafflex, que são um design tipo open-baffle, com as laterais móveis para ajuste fino das mesmas em uma grande variedade de tipos de ambientes - além das laterais serem equipadas com dispositivos anti-ressonates que também podem ser regulados. A sensibilidade das Bafflex é alta, em 101dB, com impedância de 8 Ohms, e a resposta de frequência - segundo o fabricante - vai de 2 Hz a 20 kHz. O preço das Bafflex ainda não foi divulgado. ■

www.highfidelitycables.com

CAIXAS THE EXCENTER DA AER

A empresa alemã AER Loudspeakers apresentou seu novo modelo The Excenter, misturando um gabinete de corneta esférica com um open-baffle. As Excenter têm sensibilidade de 116 dB e são indicadas para uso com amplificadores valvulados single-ended de baixa potência, prometendo grande dinâmica, alta dispersão e baixa distorção, respondendo de 100 Hz a 70 kHz - sendo que vêm acompanhadas de um subwoofer. O valor do par de Excenters com subwoofer é de €60.000, na Europa. ■

www.aer-loudspeakers.com



INTEGRADO MARANTZ PM-KI RUBY KEN ISHIWATA SIGNATURE

Sediada no Japão, a célebre Marantz está lançando o amplificador integrado modelo PM-KI Ruby, em homenagem aos 40 anos de colaboração entre a marca e o engenheiro projetista Ken Ishiwata. Com circuito puro analógico discreto de dois estágios e tecnologia HDAM, o PM-KI traz pré de fono MM/MC, vem montado em um gabinete reforçado de alumínio e tem seu projeto e ajuste fino feitos pelo próprio Ken Ishiwata. O preço do integrado PM-KI Ruby é de US\$ 4.000. ■

www.marantz.com





CABO SIGNATURE SUPER ARAY DIGITAL DA CHORD

A célebre fabricante inglesa de eletrônicos e cabos Chord Company acaba de lançar o cabo digital de sua nova linha Signature Super Aray, que usa a geometria de condutores super-array, proprietária da empresa, resultando em um cabo digital de 75 Ohms de cobre livre de oxigênio com banho de prata, com dielétrico de teflon, além de blindagem e plugues de baixa massa também banhados à prata. O preço do cabo Signature Super Aray Digital é de £800, com um metro. ■

www.chord.co.uk

PRÉ E POWER SÉRIE 5000 DA YAMAHA

A japonesa Yamaha, em mais um passo de volta ao mercado de áudio de alta qualidade, lançou seu par de pré-amplificador e amplificador de potência modelos C-5000 e M-5000, ambos usando o aterramento flutuante da marca. O pré vem com pré de phono MM/MC, e entradas e saídas RCA e XLR. O power M-5000, com desenho de circuito totalmente balanceado, vem equipado com transformador toroidal e provê 100 W por canal de saída em 8 Ohms ou 200 W em 4 Ohms. O preço final ainda não foi divulgado, e seu lançamento oficial é em novembro de 2018. ■

www.yamaha.com



INTEGRADO BLACK NIGHT DA S.A.LAB

A empresa de Alexey Syomin, sediada em Moscou, apresentou seu novo amplificador integrado, modelo Black Night, cujo diferencial é utilizar somente transistores de germânio - os primeiros inventados na década de 1940. Por serem muito sensíveis à temperatura e variações de corrente, a empresa diz que criou um circuito com intenso controle de temperatura e estabilização de corrente, trazendo 25 W por canal e uma sonoridade mais próxima da válvula. O preço do Black Night ainda não foi divulgado. ■

en.salaboratory.com



EUCLIDES MARQUES, VIRTUOSE E AUDIÓFILO



XX

Ricardo de Marino
revista@clubedoaudio.com.br

Euclides Marques, hoje com 36 anos, já tocou com grandes nomes da música brasileira como Guinga, Hamilton de Holanda, Zé da Velha, Rolando Boldrin, Roberto Menescal, Beth Carvalho, Martinho da Vila, Monarco, Moacyr Luz, Chico Saraiva, entre outros. Quando tivemos acesso ao seu disco, um duo de violão com Luizinho 7 Cordas, e soubemos que ele era fascinado pelo universo hi-end, decidimos convidá-lo para dividir sua história conosco.

Muitos grandes músicos desenvolveram sua relação com a música desde muito cedo. Como foi com você?

Minha relação com a música também veio desde cedo. Comecei a tocar aos quatro anos de idade quando ganhei uma sanfoninha de oito baixos de meu avô. Em casa havia cinco sanfonas e, conforme eu ia crescendo, a sanfona me acompanhava: de oito baixos passei à de 32, depois à uma Scandalli de 80, chegando enfim a 120 baixo. Em casa também havia cavaquinhos, violões e outros instrumentos ligados à música brasileira. Quando criança desenvolvi muito a percepção tirando músicas de ouvido, esta foi minha primeira forma de aprender música. Aos 10 ou 12 anos comecei a me interessar por harmonia. Lembro-me que tirei Garota de Ipanema e fiquei encantado.

O mesmo ocorreu com Tarde em Itapuã do Vinicius e Toquinho e O Bêbado e o Equilibrista do João Bosco. A riqueza que encontrava nos acordes me deixava impressionado. Em seguida comecei a tirar músicas do Segovia. Pegava os discos do meu pai e passava do LP para a fita K7, pois na vitrola era complicado o processo de voltar os trechos muitas vezes. Desta época ficou uma relação bastante apaixonada e sentimental com vinil. Saí de Penápolis, minha cidade natal, aos 17 anos para fazer faculdade e logo passei a tocar com o pessoal do choro e do samba de Campinas. Fui ter meu primeiro som de melhor qualidade aos 19 ou 20 anos. Ao ouvir novamente aquelas gravações que me educaram musicalmente percebi que tinha cometido alguns erros ao tirá-las. Havia baixos errados, frases erradas. Percebi que de tanta coloração que havia no sistema do meu pai eu não conseguia ouvir direito. A Chaconne do Bach tocada pelo Segovia, por exemplo, tem partes com fraseados rapidíssimos e aquele velho sistema não respondia direito aos transientes. Eu não ouvia todas as notas. Um grande número de músicos e até mesmo profissionais do áudio que conheci parece bastante alienada em relação aquilo que envolve qualidade de reprodução e audição crítica. Desde meus 21 anos que me dedico exclusivamente à música e

a constatação que eu faço é a seguinte: no Brasil as pessoas que mais gostam de música, ou que supostamente mais gostam - os músicos - não sabem ouvir música. Com isto não quero dizer que eles não sejam audiófilos e não consigam ouvir o sound stage ou o equilíbrio tonal em seus sistemas. Falta a eles estes conceitos, pois sequer sabem que isto existe. O fato de não termos uma cultura de se ouvir música com o mínimo de qualidade é um fator que, na minha opinião, prejudica a formação do músico. Desta forma saímos perdendo em relação a países onde existe esta cultura de ter um sistema de qualidade para se escutar música em casa.

Isto não foi abordado no curso de música da UNICAMP?

Se o curso de música lá não for o melhor curso de música do Brasil está certamente entre os melhores. Mas veja só, eu tive matérias como: equipamentos e sistemas MIDI e isto foi o que mais se aproximou daquilo que estamos conversando aqui. Um dia, na aula sobre microfones, estudamos as características de dinâmicos, condensadores, de eletreto, etc. Então fomos fazer a apreciação. A melhor sala disponível era equipada com um 3 em 1 da Sony. Como se pode esperar perceber diferenças entre uma voz gravada em um tipo de microfone ou outro ouvindo através um som destes. Só se for usando a imaginação. É chocante isto ser realidade em uma das melhores faculdades do país. Já passou da hora de haver matérias que ensinem como ouvir e reproduzir música nos currículos de cursos ligados à música. Além disto, pegue a média dos estúdios que temos aqui. A sala de mixagem da grande maioria tem suas caixas Mackie ou Genelec amplificadas, enfiadas na parede. O técnico de som está no computador próximo demais delas e as salas são pequenas demais. Como se ouve adequadamente nestas condições. E para um músico no Brasil, provavelmente esta vai ser a melhor condição na qual ele ouvirá música. Esta foi a grande lacuna em minha formação como músico que só fui resolver mais tarde através da revista Áudio e Vídeo.

E como você costuma escutar música nesta época de faculdade?

Durante meu curso, em pouco tempo, tinha juntado uma boa coleção de LPs. Ouvia eles num toca discos simples da Gradiente e me perguntava: E aí, é só isto que dá para ouvir de um disco? Foi quando comecei a vir para São Paulo e dar aulas que conheci o Geúlio Cinquetti: talvez o maior técnico de Revox e Thorens em São Paulo. - Tem um Thorens aqui na caixa... o cara comprou dois, um ele usou o outro ele guardou. - Eu fui ver o toca discos e ele estava realmente impecável, um TD-125 mkII. Comprei-o Thorens junto com uma cápsula Shure V15. Ele o ajustou deixando-o impecável.

E então que você começou a perceber as questões relativas à reprodução eletrônica?

Quando fui ouvir novamente meus discos, foi um susto: espera aí, estes discos parecem outros. Mais ou menos nesta época o Ulisses

Rocha veio me contar uma história. - Pô Euclides, você tem de ver cara, eu fui convidado para uma gravação lá no Teatro Alpha... uma coisa de louco. Cabos de carbono com prata, microfones lá no meio da platéia, sabe? Eles querem captar os sons dos instrumentos sem usar equalização, sem usar compressão, sem nada... são uns audiófilos. O objetivo é ouvir o disco como se fosse música ao vivo! As coisas culminaram quando eu gravei meu disco e tive de mixá-lo. Decidi acompanhar toda a pós produção e aí que as questões começaram a aflorar. Como deve ser o som do violão, seu timbre, sua posição na mixagem, etc. Decidi ouvir gravações... muitas gravações de violão. Cheguei a duas conclusões, ambas foram novas para mim. A primeira: a variedade no padrão de qualidade e de timbre é muito grande... vai da água para o vinho. Não do Cabernet para o Merlot, literalmente da água para o vinho. E o violão de nylon é um instrumento cujo timbre não muda tão grosseiramente assim. Segunda constatação: é incrível como no Brasil nossos grandes discos de violão foram mal gravados... no geral, muito mal gravados. Pegue um disco do Baden Powell, pode ser um disco histórico, maravilhoso musicalmente falando. Não há equilíbrio no timbre, o violão soa metálico demais, há excessos nos agudos... Há discos do Raphael Rabello em que ele estava no auge da técnica, tocando tudo e mais um pouco, maravilhoso, super criativo, mas que tem reverb demais, o som é muito estridente e sobra um monte de coisas. São sonoridades que não existem no mundo real.

Não há exceções?

Tem algumas, vou citá-las. Há bons discos do Paulo Belinati, do Marcos Pereira e do Ulisses Rocha. Também do André Geraissati, mas já em outro estilo de violão. Pouquíssimos chegam ao nível dos discos do John Williams ou do Julian Bream. Mesmo os violonistas do erudito, no Brasil, gravam muito mal. Você tenta ouvir as gravações e há muita ambiência e transientes ruins. No Brasil temos uma cultura de más gravações. Nossa música é riquíssima, nossos músicos são dos melhores, só que deixamos a desejar nesta parte. São exceções os bons discos gravados aqui. Os Genuinamente Brasileiro me deixaram louco... e foram os discos no qual o Ulisses Rocha tinha participado. Quando os escutei decidi ver como estas pessoas ouvem música para que pudesse também aprender a ouvir música.

Há em toda esta história uma grande contradição, pois tenho amigos violonistas e é enorme o esforço que fazem para encontrar um violão que os permita chegarem à sonoridade que procuram. Aí testam até as marcas das lixas ultra-finas para obter o melhor polimento das unhas e ter um timbre limpo, claro e melhorar a articulação. Só que este cuidado não atravessa a fronteira entre geração e captação / reprodução da música.

É uma contradição terrível. É comum o músico comprar um violão de doze mil ou quinze mil reais. Temos ótimos violões no Brasil e eu ►



tenho um violão assim. [Eles] tem de todo esse cuidado, como você disse, e quando gravam seus discos não há preocupação com o que irá acontecer depois. Fica a impressão de que eles gravavam e deixavam a mixagem nas mãos de qualquer um. E nossos técnicos deixam muito a desejar. Infelizmente são pouco valorizados.

E como você lidou com estas questões na gravação do seu disco?

Como dizia, eu comecei a questionar um monte de coisas. Qual vai ser o timbre o meu violão, deve ter mais brilho, menos brilho... a ambiência como vai ser, vai ter só som da sala ou deve-se acrescentar reverberação artificial, entre muitas outras questões que vieram à minha cabeça. Onde que eu fui encontrar a resposta? Encontrei quando comecei a ler a revista Áudio e Vídeo. 90 % das minhas dúvidas eu resolvi ali, com a metodologia. Eu aprendi a ouvir e a forma de se reproduzir uma gravação com o mínimo de fidelidade.

Quando você ouviu seu disco em um sistema de maior qualidade pela primeira vez?

Este momento aconteceu quando eu entrei no Reference Mastering, do Homero Lotito, para masterizar meu disco. Amplificadores Manley, cabos Van den Hul, duas Dynaudio C4 maravilhosas, processadores Weiss, equipamentos DCS... enfim, o melhor estúdio que poderia imaginar. O Homero elogiou muito o trabalho artístico, mas certos detalhes de mixagem e que tem a ver com palco ele sacou logo de cara. São coisas que eu jamais faria hoje, por exemplo, pois não retratam fielmente a forma como nós tocamos. Palco, posicionamento, profundidade.. foram detalhes que eu não pude

perceber na época que não estavam sendo bem trabalhados por não ter um sistema legal para ouvir música. A experiência de ouvir daquela forma pela primeira vez foi interessante, pois me fez curtir muito mais as coisas que estavam legais: as interpretações e timbres que me agradaram; e detestar aquelas que poderiam ter sido feitas melhor. Estava tudo muito visível, os defeitos e as qualidades.

Como você avalia o impacto da audiofilia em você enquanto músico?

O Gogo, meu professor de harmonia, me disse uma frase há mais de dez anos que jamais esquecerei: - Para o artista, a crise se instala quando o velho já não serve mais e o novo ainda não está pronto. Neste momento, o fato de ter ampliado meu leque musical ouvindo música em um sistema minimamente descente teve um impacto direto. Acho que eu nunca ouvi tanto em minha vida como no últimos dois anos. E não escuto só pelo prazer de se ouvir música, o que já bastaria, mas buscando entender melhor como aquelas composições funcionam. Aí que fui conseguir ouvir bem Stravinsky, Beethoven e todo o universo da música erudita que é inesgotável. Acho que música erudita é uma fonte inesgotável. Ouvir uma orquestra bem gravada em um som legal é como ter um universo musical se descortinando na sua frente. Mas tente ouvir Stravinsky em um som como aquele que tive na minha adolescência. Não dá, você não entende nada. Do ritmo, que é um elemento importantíssimo na música de Stravinsky, você não consegue pegar a divisão... não dá para gostar de Stravinsky conhecendo somente gravações mal reproduzidas. Agora coloque Stravinsky em um bom sistema e você verá ele levando ao limite a exploração dos transientes. Acho que tudo isto me direcionou para um novo ciclo com foco em composição.

Conte-nos um pouco sobre sua parceria com o Luizinho que, depois da morte do Dino 7 cordas, é nossa referência absoluta no instrumento. Como tudo começou?

É uma história engraçada. Luizinho tem um filho em Campinas, o Adriano, que é excelente bandolinista. Obrigatoriamente nos encontramos, tocamos e até chegamos a gravar juntos. Descobri que ele era filho do Luizinho e, ao encomendar meu primeiro violão de 7 cordas, resolvi ter aula com seu pai. Quando cheguei, ele estava dando aula e fiquei na sala ao lado. Peguei um violão que está lá e comecei a tocar enquanto aguardava. Quando ele veio me chamar e me viu tocando, pegou um 7 cordas e começamos a tocar ali mesmo. Foram duas horas pelo menos. Ao final ele me disse: - Semana que vem tenho um show no SESC e quero que você vá tocar comigo. Vamos fazer isso que agente fez aqui, não precisa mais que isto. - Uma semana depois fizemos nosso primeiro show. Pouco tempo depois, tocando em um bar de comida baiana na Vila Madalena, vimos chegar a Beth Carvalho com toda sua banda. Ele ficou nos ouvindo o tempo todo. O bar fechou lá pelas quatro da manhã, ela veio sentar com a gente, elogiou muito a apresentação e fez

uma proposta indecente: - Amanhã temos um show com o Martinho da Vila no Via Funchal e eu quero que vocês façam uma participação especial representando os músicos de São Paulo. Fomos lá e o produtor disse que não seria possível encaixar-nos no programa. A Beth disparou que se não nós tocássemos não haveria show algum, então aquele foi o primeiro grande show que fizemos. Subimos pelo elevador do fosso da orquestra que normalmente sobe o piano: eu, a Beth, o Luizinho e o Martinho da vila. Depois de dois ou três solos acompanhamos eles em alguns sambas de compositores paulistas, como Adoniram Barbosa, Eduardo Gudin e Paulo Vanzolini. Então começamos a ficar conhecidos, chegamos às finais do prêmio Visa e gravamos o disco.

No disco houveram algumas participações muito significativas.

Tivemos participações maravilhosas e acima da nossa expectativa inicial. Laércio de Freitas é um grande maestro, arranjador e pianista de São Paulo. Ele gravou Jorge do Fusa conosco de primeira: ao vivo dentro do estúdio. O grupo de samba Quinteto em Branco e Preto que, com tamborins maravilhosos e muito swing contribuiu para aquela que seja talvez a única gravação do Samba do Avião do Tom Jobim feita em ritmo de samba. O Paulo Moura, um dos maiores chorões e clarinetistas da história, que emprestou uma emoção especial à sua interpretação e criou um dos momentos mais mágicos do disco. Dentre outros excelentes instrumentistas.

Fale-me sobre os seus arranjos.

Quando faço arranjo para uma música acredito ser essencial acrescentar alguma coisa. Caso contrário é melhor ouvir o original. Só faz sentido regravar uma música se você conseguir revelar alguma beleza que estava latente, mas que ninguém havia sido capaz de chegar até ela. Meus arranjos partem deste princípio e tem bastante personalidade. Metade do disco é composto por obras primas muito conhecidas e a outra metade são obras primas que quase ninguém conhece. Há algumas primeiras versões para estas músicas ainda desconhecidas, mas que estão no mesmo nível daquelas já consagradas que se tornaram clássicos.

Quais frutos já foram colhidos com este belo trabalho?

Este disco me abriu as portas. Ganhamos o prêmio Rival Petrosbras de melhor arranjo, o disco foi muito elogiado no Japão e nos Estados Unidos, ganhamos um edital da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo dentre mais de 600 concorrentes... a única notícia ruim foi o fechamento da Kuarup, um selo tradicional de música brasileira pelo qual lançamos o disco, neste ano. Depois de mais de 30 anos e tendo o maior catálogo de música brasileira, o maior de Vila Lobos inclusive. Então nosso disco parou de ser distribuído e os estoques já estão acabando. Já não se acha em muitas lojas e, veja

só, na Amazon um disco usado sai por 64 dólares. Minhas cópias já estão acabando.

Gostaria que fizesse uma indicação aos leitores da revista sugerindo algo de importância artística que eles deveriam prestar atenção ao ouvir seu disco.

Um ponto muito relevante neste disco é o diálogo entre os dois violões. Em umas três ou quatro músicas eu lanço mão deste recurso e as frases são feitas na forma de uma conversa com o Luizinho através do violão. Outro aspecto que muitos não se dão conta é o fato de termos um duo de violão tipicamente brasileiro. Este tipo de duo você não achará em nenhum outro lugar no mundo. É formado por um violão de seis cordas convencional de nylon e um violão de sete cordas de aço, nada convencional, que é tocado com dedeira. Nele as duas primeiras cordas mais agudas são de nylon, as quatro seguintes de aço e a sétima é uma corda Dó de violoncelo, também

metálica. Foi a forma como o Dino desenvolveu a sonoridade dele, um violão trastejado tocado com dedeira. Ela representa um violão típico das rodas de samba onde o som do violão tinha de concorrer, sem microfone, com o pandeiro, o bandolim, o acordeon e o clarinete. Então era necessário projetar o som do instrumento para que ele pudesse ser ouvido. O Luizinho vem desta

tradição, que esta acabando, pois quase ninguém toca assim mais hoje. Eu não toco assim... o instrumento é muito duro e pesado. Mas possui uma sonoridade toda especial que dá uma riqueza de timbre e de textura ao trabalho pelo contraste criado com o outro violão.

Qual deve ser o papel do hi-end na educação auditiva das pessoas?

Eu acho importante ser colocado a conhecimento público aquilo que existe de melhor. No momento em que você conhece o limite, o estado da arte, você adquire parâmetro para o resto. É aquilo que está na ponta que vai estabelecer o que vem abaixo. Muitas pessoas acham que não faz sentido colocar uma caixa de som na revista que custa, por exemplo, cinquenta mil reais. Mas é conhecendo um caixa de cinquenta mil reais que você vai poder avaliar melhor o resto e acho válida esta perspectiva. Após ter ouvido o sistema do Fernando ficou fácil avaliar, em meu próprio sistema, aquilo que está bom e aquilo que não está tão bom. Percebi também que o elo mais fraco de meu sistema, hoje, é a sala. Acredito que tudo deva ser balizado pelo prazer e a necessidade de se ouvir música direito. É assim que vejo o audiófilo, como alguém que, além de gostar de música, está interessado em entender como a coisa funciona na reprodução eletrônica, com os equipamentos. Isto deveria ser obrigatório para os músicos. As pessoas não têm noção de como é possível se ouvir música bem. ■

ATENUADORES

XX Guilherme Petrochi
petrochi@gmail.com

As ferramentas disponíveis hoje no mundo da gravação digital possibilitam a manipulação do sinal de maneira inimaginável. Soa paradoxal, mas é um fato constatado: apesar de todo avanço tecnológico, a qualidade das gravações piorou. Os recursos extremamente úteis são ao mesmo tempo prejudiciais quando não usados com sabedoria.

Com exceção dos Clássicos, Jazz e alguns outros de gêneros variados, os discos têm faixa dinâmica cada vez menor, timbres que não correspondem ao instrumento gravado, palco sonoro chapado e pobre equilíbrio tonal.

A facilidade de montar um estúdio e a falta de referência dos técnicos são fatores que contribuem com a baixa qualidade das gravações, mas a demasiada confiança

nos softwares pode até fazer um técnico experiente menos-prezar a parte mais importante da gravação: a captação.

Um disco bem gravado não necessita de softwares de última geração e racks repletos de periféricos, mas sim de uma captação bem feita e um bom sistema de monitoração. O disco *Time Out* de Dave Brubeck, gravado em 1959, é um ótimo exemplo do que se pode fazer com apenas quatro microfones e um gravador analógico de três canais.

Do mesmo modo que a captação é, sem dúvida, a parte mais importante da gravação, a recepção com qualidade do sinal fornecido pela fonte sonora é fundamental à reprodução eletrônica de alta fidelidade. Essa recepção é feita pelo atenuador/circuito de entrada de pré-amplificadores e amplificadores integrados. Quando um articulista diz que o equilíbrio tonal de um equipamento fica comprometido em determinados volumes, isso indica problemas



figura 2

no atenuador/circuito de entrada. Amplificadores transistorizados são mais suscetíveis a esse problema devido à sua baixa impedância de entrada (~10 kOhms) e devem ser alimentados por pré-amplificadores com baixa impedância de saída (50 - 100 Ohms). Os “pré-amplificadores passivos”, compostos apenas por atenuador, têm impedância de saída muito alta (2,5 - 25 kOhms) e podem comprometer o desempenho do sistema, dependendo do circuito de entrada do amplificador. No caso de amplificadores integrados, a utilização de um Buffer logo após o atenuador garante uma

resposta de frequência plana.

O tipo mais comum de atenuador é o Potenciômetro, que se trata de um divisor de potencial variável. O divisor de potencial atenua o sinal através da combinação de dois resistores (Figura 1a) de acordo com a equação:

$$V_{SAÍDA} = (R_b / (R_b + R_a)) \cdot V_{ENTRADA}$$

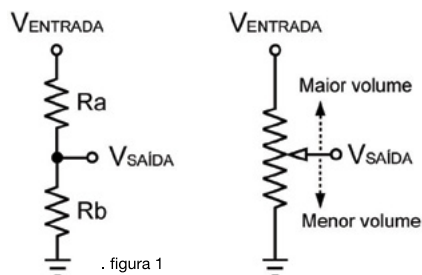
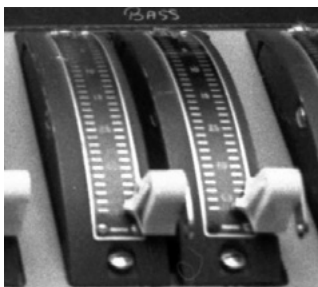


figura 1

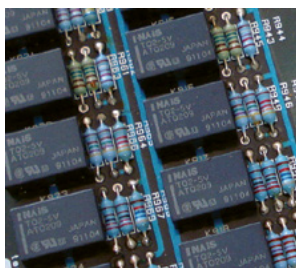
Para exemplificar: Vamos supor que desejamos ouvir música num volume equivalente a $1/3$ da potência máxima do amplificador. Para simplificar, nesta situação considera-se que o ouvido não tem resposta logarítmica à variação de pressão sonora e assim ouvimos de maneira linear. O amplificador em questão tem sensibilidade de entrada de 2 volts, para casar com o nível de saída do CD Player (2 volts). Sabendo que a tensão na saída do atenuador deve ser 0,66V ($1/3$ da sensibilidade de entrada) e assumindo um valor fixo para R_a (100 ohms) encontra-se o valor de R_b (50 ohms).

O Potenciômetro (Figura 1b) é um resistor variável feito com uma trilha resistiva de carbono e um ponteiro (saída do sinal) que se move sobre ela.

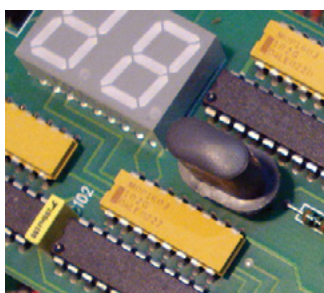
O Potenciômetro usado no controle de volume varia de maneira logarítmica. A fabricação desse dispositivo envolve a deposição de um filme de carbono com resistência variável de maneira logarítmica. A complexidade do processo faz com que o Potenciômetro logarítmico tenha baixa precisão da resistência das trilhas, que prejudica o balanço entre os canais e consequentemente o palco sonoro. Seu uso em equipamentos Fully Balanced tem consequência ainda pior: O ajuste de um sinal balanceado requer duas trilhas para cada canal (Potenciômetro quádruplo). Como as trilhas não são idênticas, a natureza da operação diferencial (balanceada) é afetada. Outra desvantagem do Potenciômetro é relativa à vida útil. Ao aumentar e abaixar o volume, o ponteiro raspa sobre a trilha de carbono e a desgasta lentamente. Esse



. figura 3



. figura 4



. figura 5

desgaste é responsável pelo ruído que ouvimos ao manusear o volume de um equipamento muito usado ou com Potenciômetro de qualidade questionável.

Obviamente, existem fabricantes de Potenciômetros de alta qualidade como Alps, Noble e TKD (Figuras 2a, 2b e 2c). Esses componentes estão presentes em mais de 90% dos equipamentos high-end e são de alta confiabilidade. Há também uma alternativa ainda melhor: O Atenuador de Passo (Stepped Attenuator). O uso desse dispositivo em equipamentos high-end é relativamente recente, mas sua existência não. Nos anos 60, os estúdios Abbey Road, EMI e BBC usavam mesas de som com Quadrant Fader, um Atenuador de Passo mecanicamente diferente dos usados hoje

em dia (Figura 3), que garantia um Fade Out sem variações abruptas de atenuação. O Atenuador de Passo é um divisor de potencial variável, como o Potenciômetro, mas ao invés da trilha de carbono ele é composto por resistores de alta precisão ou redes resistivas. A combinação desses resistores pode ser executada por: Relês (Figura 4), CIs chaveadores (Figura 5) e Switches rotatórios (Figura 6a e 6b), mas importante mesmo é a maneira como eles são combinados. Existem três tipos de combinação, que classificam o atenuador em: Series, Shunt ou Ladder.

O tipo Series é mais comum e funciona da mesma maneira que o Potenciômetro: Uma cadeia de resistores faz o papel da trilha de carbono e a saída atenuada é obtida das junções dos resistores (Figura 7). Os resistores de alta precisão possibilitam melhor balanço

ARTE ACÚSTICA

TRATAMENTO ACÚSTICO PARA SALAS DE AUDIÇÃO MUSICAL

- Material de baixo custo •
- Acabamento personalizado •
- Rápida instalação •

FREDERICO RIBEIRO

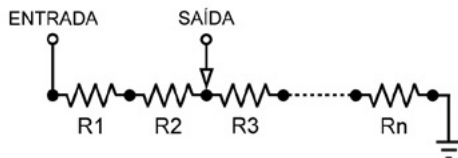
(81) 99987.1809

fredericoc.ribeiro@uol.com.br

TECNOLOGIA

entre canais em relação ao Potenciômetro, entretanto não são eliminados problemas como impedância variável e geração de ruído, resultante do grande número de resistores associados em série (semelhante ao da trilha de carbono do Potenciômetro).

O tipo Shunt é o mais adequado para equipamentos Fully Balanced. Um resistor fixo é combinado com diversos resistores minuciosamente escolhidos para uma atenuação precisa e livre de ruídos (Figura 8). Seu desempenho é excelente. Tem ruído baixíssimo, apenas dois resistores ficam no



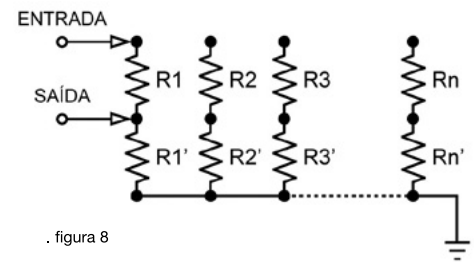
. figura 7



. figura 6

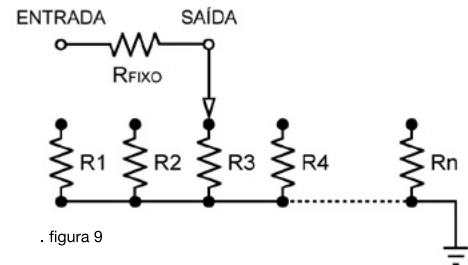
caminho do sinal; ótimo balanço entre canais e alta precisão na atenuação, pois os erros de tolerância dos resistores não se somam. O problema de impedância variável também não é resolvido nesse tipo de atenuador. No tipo Ladder, a entrada e a saída do sinal são chaveadas simultaneamente (Figura 9), fazendo com que cada passo de atenuação tenha sua respectiva dupla de resistores (divisor de potencial).

O valor dos resistores é escolhido de modo que a impedância seja relativamente constante. Essa característica associada ao baixíssimo ruído, excelente balanço entre canais e alta precisão na atenuação fazem com que o atenuador tipo Ladder seja a melhor solução disponível atualmente.



. figura 8

Para saber qual é o atenuador do equipamento que vamos comprar basta checar as especificações técnicas. Fabricantes que usam Atenuadores de Passo ou Potenciômetros de alta qualidade enfatizam essa característica. ■



. figura 9

**Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso.
Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!**



**Cabo de Interconexão
Reference Magic Scope**



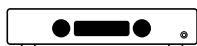
**Cabo de caixa acústica
Reference Magic Scope**



**Cabo Digital
Reference Magic Scope**

*A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos.
Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.*

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



H90 Integrated Amplifier



Better
than yours



H90

No Hegel H90 incluímos streaming, Apple Airplay®, uma variedade de conexões digitais e analógicas. Com entradas de nível fixo é fácil integrar o H90 em um sistema de Home Theater e automação. É um amplificador integrado completo, possui componentes de altíssima qualidade e o sistema de amplificação Sound Engine 2 diminui absurdamente qualquer distorção. Existe também uma saída de alta qualidade de fone de ouvido e uma tela OLED elegante.

H90 Sejam honestos. É melhor do que o seu.



SoundEngine2



mediagear

DISTRIBUIDORA
EXCLUSIVA HEGEL
NO BRASIL

(016) 3621 - 7699
contato@mediagear.com.br
www.mediagear.com.br

REVENDAS MEDIATEAR

Studio Vip
Fortaleza - Ceará
Telefone: (85) 3242-6995

Hifi Club Áudio e Vídeo Hi-End
Belo Horizonte - Minas Gerais
Telefone: (31) 2555 - 1223

Essence in Home
Salvador - Bahia
Telefone: (71) 3022 - 8829

Studio Som
Fortaleza - Ceará
Telefone: (85) 3262 - 5421



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson N°585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson N°526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
PS Audio BHK Signature 300 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.224

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson N°519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon Cadenza Black - 90,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.216

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharm Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Sunrise Lab Reference Magic Scope - 95 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Timeless Guarneri - 99 pontos (Estado da Arte) - Timeless Audio - Ed. 243
Sax Soul Ágata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AE8H2UK0KUW](https://www.youtube.com/watch?v=AE8H2UK0KUW)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=71M-07URQ_W](https://www.youtube.com/watch?v=71M-07URQ_W)

AMPLIFICADOR AUDIO RESEARCH REFERENCE 75 SE

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Sugiro aos que não tenham ainda lido o teste do pré-amplificador Ref 6, publicado na edição de agosto, o façam, pois lá eu pincelo a fase atual deste renomado fabricante de áudio, que está próximo de completar meio século de vida.

Assim como existem os amantes de McIntosh, também existem os apaixonados por Audio Research que não abrem mão de ouvir seus discos preferidos em um setup todo da marca. William Z. Johnson, o fundador da Audio Research, era um projetista muito resignado e disposto a provar ao mercado que seus produtos possuíam uma assinatura musical 'única'. Desde o lendário pré-amplificador SP-1 e o power ST-70 C1, ambos apresentados em 1970, houve o reconhecimento que os produtos deste fabricante eram robustos e de uma sonoridade cativante.

Todos os audiófilos com mais de cinquenta anos, em algum momento de sua vida tiveram ou desejaram ter um Audio Research. E muitos apenas sonhavam com essa aquisição, já que seus orçamentos

não possibilitavam a realização deste sonho. Meu pai mesmo foi um grande admirador da marca, e voltava mudo dos clientes que possuíam um setup Audio Research. Acho que foi a única eletrônica que o 'balançou' da paixão que ele tinha pelos Marantz.

O amplificador Ref 75 SE em nada difere na aparência do Ref 75 que ouvimos no final de 2014. A única observação externa é uma etiqueta na tampa de cima, onde está escrito Ref 75 SE. As mudanças se deram no interior do equipamento. E ainda que use o mesmo circuito de estado híbrido (estágio de entrada JFET alimentando um driver duplo de triodo 6H30) continua sendo um amplificador totalmente balanceado, sem nem dar a opção de uma entrada RCA para o usuário.

O Ref 75 original utiliza inclusive os mesmos componentes do Ref 150 mono, então a grande mudança no SE se encontra na troca das válvulas KT120 para dois pares de KT150. Considerada a válvula do momento, e começando a ser utilizada por uma legião de ►



fabricantes! Os defensores da KT150 falam de sua maior eficiência, sua potência de saída maior e sua distorção harmônica muito mais baixa que as KT88 e KT120. Em contrapartida, para essas melhorias se tornarem audíveis, essas válvulas exigem um sinal de entrada bem maior e um circuito muito bem projetado.

Para os amplificadores da Audio Research isso 'soou como música', pois casou perfeitamente com seu sistema híbrido. O legal é que os consumidores que possuam o modelo Ref 75 podem fazer este upgrade em seus aparelhos e se beneficiar de todas as vantagens das KT150.

Ainda que seja um amplificador razoavelmente pesado, suas alças ajudam muito na hora de retirar o produto da caixa e o instalar sozinho no rack. Dá mais trabalho abrir a tampa com seus vinte e tantos parafusos de cabeça philips, para a instalação das válvulas, do que propriamente ligar, sentar e realizar a primeira audição. Como todo produto Audio Research, o cabo IEC é de 20 Amperes, o que diminuiu drasticamente minhas opções naquele momento, pois tinha que manter alimentado o pré-amplificador Ref 6 e ainda utilizar o outro único cabo de 20 Amperes no power. Assim foi feito.

O sistema foi, basicamente, nosso setup de referência, com a substituição do Dan D'Agostino pelo Ref 6 (na primeira metade do

teste), com inúmeros cabos XLR de interconexão: Sax Soul Ágata, Sunrise Lab Quintessence (leia teste 3 nesta edição) e Transparent Opus G5. Cabos de força 20 A: Kubala Sosna Emotion no pré Ref 6 e Transparent PowerLink MM2 no power Ref 75 SE. Fonte digital: sistema Scarlatti da dCS. Fonte analógica: pré de phono Tom Evans Groove+, toca-discos Air Tight, cápsula Transfiguration Proteus (sim, minha Air Tight PC-1 Supreme está no estaleiro) e braço SME Series V.

O fabricante e o importador (German Audio), falam de 200 horas de amaciamento. Serei mais realista: pode contar de 280 a 350 horas. Ouvir e dar alguma opinião antes de todo este amaciamento é um chute no escuro. Pois poucas vezes ouvi um power valvulado mudar tanto sua performance durante o amaciamento. Talvez em razão da topologia híbrida, talvez por uma própria necessidade das KT150 (válvulas que nunca havia escutado), mas prepare-se, pois a transformação é da água para o vinho!

A princípio, assim que se instala e senta para escutar, temos um som literalmente 'morno', com uma região média muito rica, palpável e natural, porém com ambos os extremos 'ceifados', lembrando aqueles antigos amplificadores dos anos 60 valvulados em que a região média era sempre predominante. Serão mais de 100 horas para começarmos a enxergar 'terra à vista', ou melhor, os extremos ►

sutilmente se apresentando. Primeiro são os médios-graves, que com 120 horas se encorpam e ganham energia. Depois, próximo de 140 horas, os agudos começam a ganhar arejamento, extensão e presença. Mais 40 horas e as ambiências se tornam nítidas, ou melhor, audíveis. E a partir das 200 horas a fundação dos graves, a última oitava embaixo, dá o ar de sua graça. Serão momentos de angústia e sérias dúvidas para qualquer audiófilo desesperado. com... Mas, acredite, com 250 horas o comportamento do Ref 75 SE, começa a mudar e as audições além de muito mais prazerosas, sinalizam que no seu desabrochar ele se transformará em um outro amplificador.

A sonoridade da válvula KT150 é muito diferente de todas as válvulas com que convivi ou testei. Diria que na 'impetuosidade' de aceitar desafios em passagens mais complexas, elas lembram as EL34 (que tanto admiro), porém com maior folga para suportar variações dinâmicas mais complexas.

Posso afirmar, depois de quase dois meses de convivência com esse conjunto, que as KT150 irão causar um frisson no mercado, já que sua baixa distorção aliada à sua maior folga e extensão nos dois extremos, lhe possibilitará atender a um contingente de ouvintes que justamente se negavam a ter um amplificador valvulado por perceber

essas limitações. Essas características da KT150 desmistificam aquela impressão que válvula atende apenas aos interessados em uma sonoridade mais quente e aveludada, pois sua capacidade de reproduzir qualquer estilo musical com maior 'propriedade', as coloca em uma situação privilegiada em relação às outras válvulas.

Seu equilíbrio tonal é muito bom, com extremos com ótima velocidade, corpo e decaimento muito suave. Seu grau de energia nos graves nos encanta e nos faz aceitar que a KT150 é sim uma evolução em relação à todas a válvulas existentes no mercado.

Seu soundstage é amplo, com enorme folga e silêncio entre os instrumentos. E o foco e recorte diria serem cirúrgicos e muito bem apresentados, tanto em largura, como altura e profundidade.

As texturas são excelentes, assim como a resposta de transientes. A micro-dinâmica, graças ao grau de transparência tanto do pré como do power, permite uma inteligibilidade de alto nível. E a macro-dinâmica só não é ainda mais surpreendente pela limitação de potência do Ref 75 SE. Mas, com caixas de excelente sensibilidade, como a Kharma Exquisite Midi e a Paradigm Persona B (leia teste 2 nesta edição) foram os pares perfeitos para o amplificador.

O corpo harmônico é um dos destaques deste conjunto, pois os instrumentos não só se apresentaram com as proporções corretas, como nos deram uma perfeita sensação de holografia 3D. E a materialização do acontecimento musical se mostrou palpável (organidade) colocando os músicos a nossa frente!

Ainda que me torne chato e repetitivo, tenho que lembrar a todos, que em nossa metodologia o último quesito - Musicalidade - é a soma de todos os demais quesitos. E quanto mais coerentes e harmoniosos forem os outros sete quesitos, melhor será a nota de Musicalidade.

O Ref 75 SE não é um amplificador tipicamente valvulado, como muitos têm em mente serem os melhores desta topologia. Ele é, sim, um amplificador de um som quente, natural, de extremo conforto auditivo. Porém, ele possui um diferencial que se torna evidente depois de todo o seu amaciamento (350 horas). Sua folga, incomum para essa topologia e seu grau de precisão na apresentação de tempo, ritmo e energia (transientes). Chamou-nos muito a atenção essas duas características, que acreditamos serem qualidades das válvulas KT150. Como não testamos ainda produtos similares com esta válvula, de outros fabricantes, não posso afirmar que seja. Mas nossa experiência indica que aonde há fumaça há fogo. Então espero algum dia poder compartilhar com vocês se essa minha observação está correta. Até lá, computo essas qualidades ao sistema híbrido da topologia dos ARCs e a esta nova válvula, que no meu modo de entender, irão revolucionar os amplificadores da Audio Research e certamente aumentará ainda mais os fãs desta marca lendária. ►



Você que sempre teve um apreço pela sonoridade de amplificadores valvulados, mas que nunca passou da admiração para a atitude, por achar que faltava algo a mais, está na hora de rever esta resistência.

São válvulas que esquentam muito e precisam de uma ótima ventilação. Testei-o no inverno, em nossa sala com 50 m², então não senti tanto. Mas posso dizer que após 10 horas de uso contínuo, na hora que ia desligar o sistema, era nítido o calor gerado por aquele par de KT150!

Ainda que você tenha apenas uma curiosidade de conhecer a sonoridade das KT150, se a audição for feita em condições ideais, você irá se surpreender, eu garanto! Um amplificador que se aliado a uma caixa de excelente sensibilidade (acima de 90 dB), com um par de eletrônicos à sua altura, trará um prazer auditivo difícil de ser superado. Diria que é viciante, para todos que querem conforto auditivo e prazer absoluto em ouvir seus discos preferidos!

Sonoridade cativante e zero de fadiga auditiva.

Necessita de excelente circulação de ar e uma caixa com sensibilidade de pelo menos 90 dB.

ESPECIFICAÇÕES

Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	11,0
Textura	12,0
Transientes	11,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	12,0
Total	90,0

Estilo Musical	Porcentagem
VOCAL	100%
ROCK . POP	100%
JAZZ . BLUES	100%
MÚSICA DE CÂMARA	100%
SINFÔNICA	100%



ESTADO DA ARTE

PORSCHE DESIGN
SOUND



GRAVITY ONE



MAISON DE LA MUSIQUE
ÁUDIO E VÍDEO HI-END



SPACE ONE



Fone:
(11) 2738-8543

MOTION ONE

KEF®

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Q-5X6QIHVEC](https://www.youtube.com/watch?v=Q-5X6QIHVEC)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Nv6WK2XENAC](https://www.youtube.com/watch?v=Nv6WK2XENAC)

CAIXA PARADIGM PERSONA B

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Tive que recorrer às minhas anotações pessoais para saber a última vez que testei um produto deste fabricante canadense de caixas acústicas. Foi em 1999! O ano em que lançamos nossa metodologia e gravamos nosso primeiro disco, o Genuinamente Volume 1 - Sound Stage.

Faz muito tempo, então tentar fazer algum paralelo entre aquele produto e a Persona B é o mesmo que comparar carros nacionais dos anos setenta com os carros de agora.

Nem sequer as caixas da série Signature, lançadas há mais de uma década, eu ouvi em nossa sala de audição. Apenas breves audições em showrooms de lojas ou na casa de algum leitor.

A Paradigm sempre foi reconhecida por atuar na faixa de caixas de padrão intermediário, e foi aí que ela cresceu em termos globais e conquistou sua fatia de mercado. Por isso foi com surpresa que

recebi a solicitação do Edmar Hashioka para ouvir e testar a nova linha, batizada de Persona, que coloca a Paradigm em outro nível, acima, e pronta para brigar com outros fabricantes de peso como Focal, Dynaudio, etc.

A série Persona começa com a bookshelf Persona B, na faixa de 7 mil dólares (nos Estados Unidos) e acaba com a coluna Persona 9H, ativa, por 35 mil dólares. Entre a bookshelf e a torre ativa existem colunas passivas e um canal central.

A Paradigm, sabendo da briga de gigantes que enfrentaria, usou toda a sua expertise de maior fabricante de caixas acústicas Canadense e investiu muito em novas tecnologias e soluções realmente inovadoras. A Persona B utiliza um tweeter de berílio de 1" e um woofer, também com cone de berílio, de 7". Sendo até este momento o único fabricante a utilizar o berílio em um cone de falante de médio-grave. Outro diferencial, segundo o fabricante, é o uso em ►



todos os falantes da tecnologia ART (Active Ridge Technology): uma bobina de 1,5 polegadas moldada diretamente no cone do falante, essa tecnologia permite excursões do cone maiores e mais lineares, para uma menor distorção.

Outra tecnologia utilizada na linha Persona é o sistema shock-mount que consiste em utilizar insertos e juntas de borracha para isolar o falante de médio-grave do gabinete. O tweeter de 1 polegada possui um diafragma de berílio Truextent, um ímã de neodímio, e esta envolto em seu próprio gabinete para isolá-lo do falante de médio-grave.

O berílio é utilizado por diversos fabricantes de caixas hi-end por serem muito leve e rígido. E com uma distorção de sinal muito baixa. Em uso em conjunto com a tecnologia ART, a Paradigm diz ter conseguido, nesta nova série, resultados muito acima do normal!

Os diafragmas de berílio são feitos pela Materion, que produz pra diversos fabricantes de áudio. As caixas são montadas em Mississauga, na província de Ontário (veja os vídeos que disponibilizamos).

A caixa possui um acabamento primoroso, gabinete com curva na parte de trás para o cancelamento de suas ondas estacionárias, produzido com sete camadas de composite de madeira prensada, mantidas unidas por um adesivo especial utilizado também pela indústria aeroespacial.

A caixa possui um pórtico na parte de trás, logo acima dos terminais de caixa de altíssimo padrão e que possibilitam o uso da caixa biamplificada ou bicablada. As caixas Personas estão disponíveis em vários acabamentos, sendo que a que veio para teste foi em branco metálico. Outro detalhe que chama muito a atenção é a tela em metal com defletores e lentes PPA, que lembram uma mandala, dando um acabamento de luxo as caixas e tendo a função de maior linearidade na reprodução de foco e recorte.

As Personas B foram recebidas lacradas. Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos - amplificadores integrados: Sunrise Lab

V8 MkIV e Audio Research VSi75. Powers: Audio Research Ref 75 SE e Hegel H30. Pré-amplificadores: Dan D'Agostino e Ref 6 da Audio Research. Sistema digital: dCS Scarlatti e Hegel HD30. Analógico: pré de phono Tom Evans Groove+, toca-discos Air Tight, braço SME Series V e cápsula Transfiguration Proteus. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão: Ortofon Reference Black, Sax Soul Ágata, Sunrise Lab Quintessence (leia teste 5 nesta edição), Timeless Guarneri e Transparent Opus G5.

Pessoalmente não gosto de ler nenhum teste do produto que estou testando, pois gosto de comparar minhas observações finais apenas quando acabei integralmente o teste. Mas como um amigo meu veio ouvir a caixa, ele me comentou que um site de nome 10 Audio havia testado a caixa e detonou o produto, a ponto de acabar o teste com a seguinte frase: "Este teste aqui foi mais curto por um bom motivo. Houve um forte desejo de desligar o sistema e encerrar a audição". Aí aguçou minha curiosidade em conhecer outras avaliações de sites ou revistas mais conceituados. E cheguei à seguinte conclusão: o articulista do site 10 Audio recebeu uma caixa com defeito, pois suas conclusões não batem com a de nenhum outro articulista que ouviu a Persona B e muito menos batem com as minhas observações.

Mas vamos por etapas. A Persona B necessita de estar muito bem instalada em um pedestal em que o tweeter fique ligeiramente acima do ouvido. Ela gosta de trabalhar com um ligeiro ângulo voltado para o centro do ponto ideal de audição e necessita de respiro, tanto em relação às paredes laterais, como a parede às costas da caixa. Outro cuidado extremo é com a distância entre as caixas, que não deve nunca ser inferior a 2,00 metros, pois a quantidade de energia que os falantes de médio-grave proporcionam entre as caixas é impressionante!



Os falantes de berílio necessitam de uma longa queima, e quando digo a você longa, estou falando acima de 400 horas (o articulista da 10 Audio amaciou por 200 horas). Outro cuidado: não é pelo fato da caixa ter uma sensibilidade boa (92dB em sala de audição e 89 dB em câmara anecóica) que amplificadores de 10 Watts serão bem vindos (o articulista da 10 Audio insistiu no uso de dois amplificadores valvulados de baixa potência). E, por último os cabos de caixa precisam ser de alto nível.

A caixa vem de fábrica com um par de jumpers de bom acabamento, mas muito abaixo do que a Persona B pode render com um bom par de jumpers feitos de cabo de boa qualidade. Eu utilizo o da Sunrise Lab, de excelente construção e bastante neutro, mas existem muitas excelentes opções no mercado. E, em uma caixa deste nível, a substituição dos jumpers originais é essencial para quem vai usar a caixa monocablada.

Com todos esses cuidados, digo a você leitor que sua satisfação com essa estupenda bookshelf será total! Pois suas qualidades sonoras são admiráveis.

Mas, antes de se atingir o nirvana sonoro que a Persona B é capaz de oferecer, existe o obstáculo chamado: longa queima. As primeiras 100 horas são absolutamente sofríveis, pois os falantes oscilam muito. Hora abrem, hora escurecem, como se fosse uma roda gigante. Capaz de levar os afoitos a roerem todas as unhas dos pés e das mãos. E, acreditar nessas primeiras 100 horas que daquele patinho feio saia um cisne é tarefa para audiófilos de muita rotação.

Uma dica importante: mesmo com todo esse processo caótico de amaciamento, o ouvinte atento imediatamente percebe que o grau de distorção desta caixa é tão baixo, mais tão baixo, que uma quantidade imensurável de informações estão presentes como nunca estiveram antes em nenhuma caixa que o audiófilo já tenha tido ou admirado!

E estou comparando esta qualidade com caixas que custam dez vezes mais que a Persona B! Um requinte de informações que, à medida que a queima vai estabilizando os falantes, só torna as audições cada vez mais cheias de surpresas agradáveis!

O fabricante fala que a caixa desce a 50Hz, e pode parecer pouco, no primeiro momento, mas a impressão é que a caixa desce pelo menos a 40Hz, pois à medida que o falante de médio-grave abre, o corpo do médio baixo é simplesmente excepcional.

Essa mudança de comportamento geral nos médios e médios-graves ocorreu por volta de 240 horas. Daqui em frente, o que faltava abrir eram aos agudos, acima de 3kHz, que ainda eram tímidos e com muito pouco corpo. Mas grande parte da informação na região média já era assustadoramente de alto nível, tanto em termos de naturalidade, como de qualidade de informação e inteligibilidade.

Com 300 horas, outro fato marcante ocorreu: o grau de energia e a apresentação do acontecimento musical entre as caixas ganharam uma energia que eu só tinha visto até então nas bookshelf Boenicke W5SE. Nenhuma outra bookshelf por nós testados teve essa característica tão evidente.

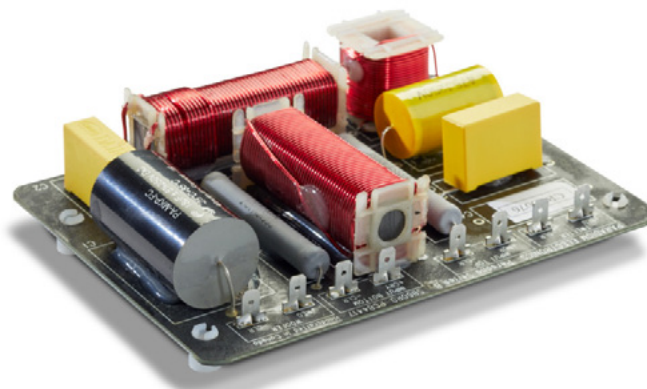
Aí muitos dos nossos leitores devem estar se perguntando: “o que eu desfruto com essa energia a mais entre as caixas?”. Você irá desfrutar desta energia de duas maneiras, abaixando primeiramente o volume de todos os seus discos e posteriormente você verá seu conforto auditivo dobrar exponencialmente! Simples como um passe de mágica.

E para aqueles que necessitam ouvir em volumes reduzidos na calada da noite, esta é uma qualidade que a família em peso agradece.

Chegando às 350 horas, o tweeter finalmente desperta de seu sono profundo e passa a nos brindar com uma extensão, velocidade correta, corpo (que muitos reclamam que nos falantes de berílio são menores) e um decaimento exemplar!

As ambiências são apresentadas com um grau de fidelidade espantoso. Assim como o foco, recorte e planos. As caixas somem na sala, deixando-nos a sós com os músicos. O equilíbrio tonal pleno só foi atingido com 420 horas, e daí para frente a Persona B se estabilizou completamente.

Mas algo ainda me incomodava: algumas gravações de piano teimavam em dar uma ‘beliscada’, como se em alguma frequência na região de 3kHz os harmônicos teimassem em saltar para à frente das caixas. Eram, para ser claro, três exemplos de solo de piano. Foi aí que resolvi trocar o jumper original pelo da Sunrise Lab. Eureka! Essa sensação de sobreposição sumiu e o palco sonoro ganhou ainda mais em largura, altura e profundidade. Mas o maior benefício da troca dos jumpers ocorreu na apresentação das texturas e no grau de naturalidade e conforto auditivo.





Como já mencionei, algumas linhas acima, a baixa distorção dessas caixas deverá se tornar um sério problema para a concorrência. Pois é audivelmente superior, ao ouvir músicas com maior número de instrumentos e com variações dinâmicas complexas, a qualidade e o grau de inteligibilidade que a Persona B oferece. Mesmo em gravações mais limitadas tecnicamente, o grau de informação é muito maior.

Esse baixo índice de distorção dá às caixas Persona B uma folga e um conforto auditivo difíceis de serem superados. O que me levou a solicitar ao importador que nos envie assim que possível uma coluna (pode ser a 5F ou a 7F), para tirar uma dúvida.

Esse baixo índice de distorção é do falante de médio-grave de berílio, ou também estará presente nas colunas em que o grave é de cone convencional? Fiquei realmente com essa dúvida, pois determinados resultados que escutei me pareceram muito mais do cone de berílio do que da tecnologia ART. Quando testarmos alguma das colunas da série Persona, dividirei com vocês minhas conclusões.

Outra vantagem do baixíssimo nível de distorção desta série é na reprodução de micro e macro-dinâmicas. Pois as resoluções parecem muito mais precisas e nos ajuda a compreender o grau de dificuldade de diversas obras. E ainda que haja a limitação física da caixa e do falante de 7 polegadas, a apresentação de macro-dinâmica é exemplar e referencial para a maioria da bookshelves de duas vias. Muitos leitores reclamam que ainda que suas salas estejam muito mais condizentes com caixas book, resistem a ir nesta direção pelo fato do corpo dos instrumentos ser diminuto nessas caixas. E que é difícil conviver com essa limitação.

Concordo com a maioria desses leitores. Pois ouvir todos instrumentos como se fossem pizza brotinho, espalhados no palco sonoro, não ajuda em nada nosso cérebro a esquecer que estamos em uma reprodução eletrônica. Mas já existem diversas bookshelves que driblaram este problema com maestria. E entre essa nova geração, temos que acrescentar a Persona B. Talvez até o momento a melhor book para a reprodução de corpo harmônico que testamos!

E chegamos ao nosso penúltimo quesito - Organicidade - ou seja, a capacidade do produto em teste de materializar o acontecimento musical na nossa frente. Em gravações de excelente qualidade técnica isso não é nenhum mistério. Mas em gravações boas ou medianas? Quem se habilita? A Persona B não só se habilita, como mostra como pode ser bem feito.

Nas gravações primorosas ela nos deixa os músicos quase que palpáveis, e nas gravações boas, nos coloca frente a frente com os solistas.

CONCLUSÃO

Recebemos a Persona B com interesse em conhecer que caminho a Paradigm havia escolhido para galgar o degrau dos fabricantes mais top, e acabamos o teste, certos de que a Paradigm acertou em cheio.

E vai causar um baita problema para a concorrência. Escreva aí o que eu estou dizendo. O produto é bem acabado, possui um grau de compatibilidade muito alto e uma performance impressionante! É, junto com a Boenicke W5SE foi a bookshelf que mais nos impactou pela capacidade de nos fazer crer que é possível sim, em um espaço de até 25 m², conviver com uma bookshelf sem sentir falta de nada. ►

Uma caixa que alia design, tecnologia e performance para ser a nova referência do mercado de books top!

Se você pensa em uma caixa Estado da Arte para o seu sistema, e seu espaço é reduzido, mas não abre mão da melhor fidelidade e resolução possível, ouça a Persona B. ■

Uma book irrepreensível em termos de qualidade e performance.

Troca de jumpers e exigência com um sistema à altura de suas qualidades.

Tipo	Caixas bookshelf de 2 vias bass-reflex
Crossover	3ª. ordem (corte em 2 kHz)
Resposta de frequência	+/- 2 dB de 60 Hz a 45 kHz
Driver de alta frequência	1" (25 mm) dome de Berílio Truextent®, amortecimento ferro-fluido. Lentes acústicas Perforated Phase-Aligning (PPA™)
Driver mid-woofer	7" (178 mm) driver com cone de Berílio Truextent®. Lentes acústicas Perforated Phase-Aligning (PPA™)
Extension de baixa frequência	36 Hz
Sensibilidade	92 dB
Impedância	Compatível com 8 Ohms
Para amplificadores de	15 - 250 Watts
Potência máxima	150 Watts
Dimensões (L x A x P)	22.5 x 43.5 x 33 cm
Peso	14 kg

CAIXA PARADIGM PERSONA B	
Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	11,0
Textura	12,0
Transientes	11,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	12,0
Total	89,0

VOCAL

ROCK . POP

JAZZ . BLUES

MÚSICA DE CÂMARA

SINFÔNICA

Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 48.000

ESTADO DA ARTE





ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7AZNSK92UMU](https://www.youtube.com/watch?v=7AZNSK92UMU)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IZCUNFE7YCE](https://www.youtube.com/watch?v=IZCUNFE7YCE)

AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Testamos nos últimos cinco anos alguns bons amplificadores de fones de ouvido. Alguns realmente nos agradaram, não só pela sua qualidade de áudio, como também pela sua versatilidade e preço. É um mercado extremamente competitivo e com uma centena de excelentes produtos para todo tipo de bolso e gosto.

Dos modelos mais top, testados por nós, certamente os leitores irão lembrar do Luxman P-1u, que ganhou o prêmio de melhor amplificador de fone hi-end já avaliado por nós. Agora recebemos um outro peso-pesado, o HDV 820 que, além de um amplificador de fones de ouvidos também inclui um excelente DAC e também pode ser utilizado como pré de linha.

A Sennheiser, ao desenvolver este novo modelo pensou naquele usuário que possui uma coleção de fones de ouvidos e por isso disponibilizou entradas XLR3, XLR4, 6,3 mm e um soquete Pentacom de 4,4 mm. O gabinete é em alumínio anodizado preto com um botão de liga/desliga com luzes LED brancas, além de um

seletor de fontes e o botão de volume. Nas suas costas temos: entradas e saídas balanceadas analógicas, além de entradas digitais coaxiais, óticas e USB. Além de um knob de ganho rotativo para quem desejar fazer algum ajuste fino.

O produto cabe em qualquer prateleira e pesa apenas 2,25 kg. O DAC tem resolução DSD256 e 32-bit/384 kHz para arquivos PCM. Para o teste utilizamos dois fones da própria Sennheiser: o HD 600 na entrada XLR3 e o HD 800S na entrada XLR4. O próprio fabricante indica que a melhor performance será usar a entrada XLR4, de quatro pinos. Então seguimos à risca a indicação, deixando a entrada XLR3 para ouvirmos o HD 600.

Para o teste do DAC utilizamos a entrada coaxial e apenas o nosso transporte dCS Scarlatti. Os cabos de força foram o original enviado pelo fabricante e o Transparent PowerLink MM2. Como pré de linha ligamos o HDV 820 nos powers Hegel H30 e Audio Research Ref 75 SE (leia teste 1 nesta edição), pela saída XLR do Sennheiser. ►

Como conheço muito bem o fone HD 800S, já que é a minha referência em fones de ouvido, e a primeira impressão foi altamente positiva, pois se tem algo que imediatamente se sobressai no fone de ouvido HD 800S, que é a qualidade de resposta, peso e corpo dos graves.

As pessoas que nunca tiveram acesso a um fone deste gabarito, não acreditam que um fone de ouvido que não seja intra-auricular possa ter uma resposta tão correta e precisa nas baixas frequências. E o HDV 820, pela entrada XLR4 evidencia ainda mais esta virtude. Mas, as surpresas não param por aí, pois o silêncio de fundo deste amplificador de fone é admirável, permite o acompanhamento do mais sutil detalhe, ainda que ele esteja quase que encoberto pelo hiss da fita master analógica, em gravações dos anos sessenta e setenta. Esse silêncio também possibilita a reprodução de forma muito convincente e satisfatória das ambiências, com seus rebatimentos e decaimentos suaves em grandes salas de concerto.

Os médios são bem transparentes, mas bastante equilibrados tonalmente, e mesmo gravações mais agressivas que sofreram o uso de muita compressão ou equalização, em volumes cuidadosos são prazerosas de ouvir.

Os agudos são excelentes, tanto em termo de extensão quanto de velocidade. Porém achei o corpo um pouco menor que no Luxman P-1u, nossa referência até o momento. Mas nada que incomode ou nos faça perder o interesse nas audições. É uma questão de assinatura sônica, não um defeito.

Digo isso pelo fato de que, no outro extremo, a qualidade, peso e corpo nos graves, são muito superiores ao Luxman P-1u. Então é tudo uma questão de gosto, estilo musical e setup.

Fiquei embasbacado com a apresentação de texturas, tanto de vozes quanto de instrumentos acústicos, pois o calor e a naturalidade proporcionam um conforto auditivo viciante. Escutei dezenas de cantoras e pequenos grupos orquestrais, por muito mais horas do que estou acostumado a ouvir com fones de ouvido. Há uma proposta de imersão total e um convite para você 'dissecar' suas obras preferidas como você nunca fez antes.

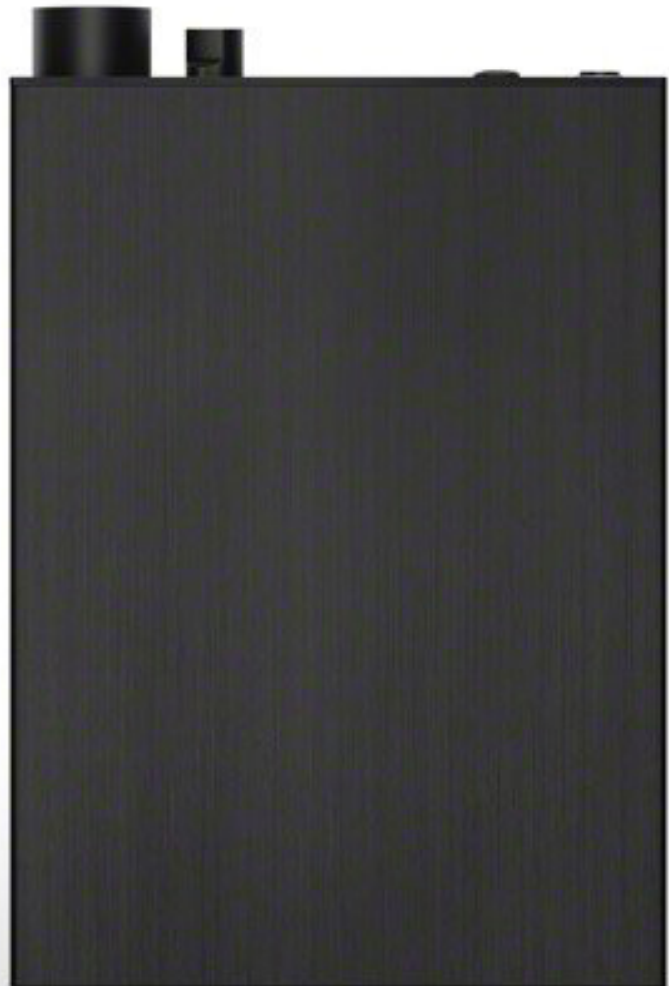
Os transientes são maravilhosos, principalmente em obras com grandes variações de andamento, dando-nos a nítida impressão que os músicos estavam absolutamente concentrados e imersos no acontecimento musical.

É preciso ser cuidadoso com este HDV 820, pois se você se empolgar, você se pegará ouvindo em volumes superiores ao que você geralmente escuta. Eu tive que me penitenciar, pois cometi este delito inúmeras vezes, empolgado com a folga e o conforto auditivo proporcionado pelo conjunto HDV 820 e HD 800S na entrada XLR4.

A macro-dinâmica também se mostrou impressionante, provando que o HDV 820 possui uma folga muito incomum na maioria dos amplificadores de fone (mesmo os mais top).

Como DAC, outra grande surpresa: me lembrou muito do DAC Hegel HD12. Musical, ótimo silêncio de fundo e extremos, ainda que mais 'contidos', muito corretos. Pode perfeitamente ser superior a muitos DACs de entrada ou CD-Players mais antigos.

E para aqueles que só escutam música de seus computadores, o DAC existente no HDV 820 é um 'plus a mais' que pode sim ser o conversor definitivo para quem tem um sistema Diamante intermediário.



A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:

Oi Ulisses, saudações!

Estive pensando em como expressar meus sentimentos com relação ao V8 e o cabo RCA, então cheguei no seguinte:

"Vou resumir, em poucas palavras, minhas observações sobre o integrado Sunrise Lab V8 MK IV: impetuosidade, mas com pleno conforto auditivo; transparência, mas com uma sublime naturalidade; precisão, mas com uma encantadora musicalidade. Meu sistema decolou e, a cada audição, literalmente, vou às nuvens. Parece que a concorrência agora tem um grande problema para resolver."

E com relação ao cabo RCA:

"O Ulisses, gentilmente, me emprestou o cabo RCA Sunrise Lab Reference Magic Scope para testar em meu sistema. Chamei alguns amigos e fizemos o tradicional A x B contra meu cabo de referência que, a propósito, custa mais do que o dobro. Dinâmica, velocidade, silêncio de fundo, decaimento, transparência e naturalidade, dentre outras são suas principais características. Conclusão: o Reference Magic Scope não só desbancou meu cabo de referência, como não mais retornou às mãos do seu criador, para a minha alegria é claro."

Grande abraço!

Nivaldo Furlan

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



Como pré de linha, ainda que modesto, suas qualidades são evidentes, já que fica explícito que o objetivo dos engenheiros da Sennheiser foi o de oferecer uma solução barata e honesta, visando atender ao usuário que possui um power e um par de caixas e deseja um pré de linha para ouvir música fora do fone de ouvido. Sua qualidade sonora se equipara facilmente a um pré de linha Ouro com um pé na categoria Diamante de entrada.

Voltando ao HDV 820 como amplificador de fone, ao mudar do fone HD 800S para o HD 600, na entrada XLR3, pudemos ouvir esse fone como nunca o escutamos antes (nem mesmo quando o testamos há alguns anos). Fiquei muito surpreso com o quanto o HD 600 se beneficia de estar ligado ao HDV 820. Graves mais bem estendidos e com maior resolução em termos de peso, foco e recorte. E um agudo mais suave e correto. Foi como se o HD 600 tivesse recebido um upgrade!



CONCLUSÃO

Com os espaços cada vez menores nas grandes metrópoles, e o aumento insuportável da poluição sonora, ter um local em que possamos nos esconder de todos os problemas e ficar a sós com nossa música é um convite irresistível.

E ainda que estejamos falando de um conjunto caro (HDV 820 e HD 800S), perto dos custos de um sistema hi-end esse pacote é apenas uma fração do preço. Se você sonha em recuperar seu espaço para ouvir algumas horas diárias de música, sem a preocupação com acústica, vizinhos ou incomodar a família, meu amigo, acredite: não há solução melhor do que investir neste pacote.

Você estará comprando um dos melhores amplificadores de fone do mercado, com um enorme diferencial: um conforto auditivo impressionante! Na minha opinião este é o maior diferencial deste Sennheiser para com inúmeros outros concorrentes.

Você deve estar se perguntando: será que ele tem essa mesma performance com fones de ouvidos de outros fabricantes? Eu, infelizmente, não posso lhe dar esta resposta, pois tentei conseguir fones de outras marcas para testar, mas sem sucesso. Mas minha experiência diz que sim, que o HDV 820 possui a mesma performance como outros fones hi-end do mercado. E digo isso baseado tanto na assinatura sônica do seu DAC, como ele sendo utilizado como pré de linha. Esse conforto auditivo é parte do seu DNA. A diferença é que no fone é ainda mais evidente!

Resposta de frequência	<10 Hz à >100 kHz
Distorção harmônica total	<0.001%
Consumo	12 W (com fones de 300 Ω conectados à saída de 4.4 mm)
Ganho	- Entrada RCA / XLR4: ajustável de 14 dB, 22 dB, 30 dB, 38 dB, 46 dB - Entrada XLR / XLR4: 16 dB
Voltagem	100 a 240 V ~, 50 a 60 Hz
Dinâmica	>115 dB @ 600 Ω load (A-weighted)
Dimensões	224 x 44 x 306 mm
Peso	2.25 kg

Estará certamente entre os Produtos do Ano e é sério candidato a levar o Selo do Editor. Como melhor amplificador de fone por nós já testado (abaixo do HE 1 da própria Sennheiser, que é um ponto fora da curva) no quesito de custo/performance, ele já ganhou! 

PONTOS POSITIVOS

Enorme versatilidade e um conforto auditivo excelente.

PONTOS NEGATIVOS

O preço pode ser um pouco alto para os usuários que investem em um bom amplificador de fone.

AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820	
Equilíbrio Tonal	11,0
Soundstage	10,0
Textura	12,0
Transientes	11,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	11,0
Total	86,0

[illegible]

Sennheiser
(11) 3136.0171
R\$ 15.840

ESTADO DA ARTE





ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=E6T3XYQYAVQ](https://www.youtube.com/watch?v=E6T3XYQYAVQ)

CABO DE INTERLIGAÇÃO SUNRISE LAB QUINTESSENCE

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Foi literalmente um parto a publicação deste teste, afinal eles estão comigo há nove meses e cada vez que achava que poderia publicar minhas avaliações, lá vinha o Ulisses me pedindo mais um tempo, pois ele queria avaliar um novo upgrade, hora no Magic Scope, hora nos plugues do cabo.

E assim o tempo foi passando e eu escutando pelo menos uma dúzia de variações - sutis, é verdade - mas que, como um diamante bruto na mão de um especialista, foi ganhando lapidações até se tornar literalmente uma jóia rara.

Quando percebi que o potencial dessa topologia Magic Scope era muito fora da curva, e que com cabos ainda melhores que o da série Reference, tornou-se uma questão difícil avaliar o limite que esses Quintessence poderiam atingir. Então relaxei e liberei o teste e sua publicação somente para quando o Ulisses se desse inteiramente por satisfeito (quem o conhece, sabe que mesmo depois de lançado o produto, ele continua arquitetando futuros upgrades e já me confessou que novos materiais serão utilizados em uma futura geração).

Mas, pelo menos os Quintessence de interconexão estão prontos e já começaram a ser comercializados.

Para quem não leu o teste do Quintessence de caixa acústica, eu sugiro a leitura, pois ali o leitor terá uma ideia exata do salto e do que representa essa topologia Magic Scope neste segmento. Com o teste, o Quintessence de caixa substituiu meu cabo de referência por longos anos, o Transparent Reference XL MM2. E não pensem que foi uma decisão difícil, pois ficou claro desde o início dos testes que o Quintessence era em tudo superior ao meu Reference XL MM2. E o melhor de tudo: custando um terço do valor do meu cabo! E nos dias de hoje, com o dólar nas alturas, isso literalmente faz muito bem ao bolso!

Para o teste o Ulisses nos mandou dois sets RCA de 1 metro (para usarmos tanto no digital, como no setup analógico) e dois pares XLR para ligarmos todo o sistema com Quintessence. É maravilhoso quando os importadores e fabricantes de cabos nos mandam um setup completo, pois isso facilita demais nossa vida.

Segundo o fabricante, a linha Quintessence possui, além da topologia Magic Scope, alguns cuidados essenciais para sua performance como: boa parte do dielétrico (35 %) é ar, fazendo o cabo ser extremamente leve e flexível. O material do condutor é cobre OFC de alta pureza, com seção total do condutor de 0,14mm². A blindagem é dupla, formada por alumínio laminado e cordoalha de cobre OFC, também de alta pureza. Diâmetro total do cabo RCA é de 7 mm, e do XLR é de 13 mm. Acabamento: Malha de nylon cor cinza e termo retrátil. Terminação Furutech com banho de ródio. Topologia Magic Scope: duplo transverso.

Falei no teste do cabo de caixa Quintessence como a topologia Magic Scope se comporta sonicamente - é como se o sinal escoasse sempre sem nenhum tipo de obstáculo. Soando sempre com mais energia, maior folga, silêncio de fundo e uma holografia 3D muito superior a outros cabos. Essas características também estão presentes nos cabos de interligação, com uma qualidade a mais: não precisam estar com o set completo de Quintessence para mostrarem suas virtudes. Como eu sei? Ouvindo por todos esses meses os Quintessences misturados com Transparent Opus G5, Sax Soul Ágata, Guarneri da Timeless, Crystal Cable Absolute Dream, etc.

Outra enorme qualidade: seu alto grau de compatibilidade com qualquer eletrônica, seja valvulado ou transistor! O primeiro impacto ao colocar no sistema o Quintessence é de que o sistema 'ascendeu', mudou de patamar, como me disse um amigo pianista. Tudo se torna mais presente, palpável e viciante!

Mas, a magia está em conseguir um equilíbrio entre presença e conforto auditivo. Ele não subtrai de forma nenhuma o conforto auditivo, ele só coloca o ouvinte em uma outra 'perspectiva'. Como se jogasse o ouvinte para mais perto do acontecimento

musical! E antes que alguém pergunte se ele soa mais frontal, já respondo: não!

Sua outra 'magia' está na apresentação holográfica 3D! Palco com uma profundidade, altura e largura excepcional e um foco, recorte e silêncio entre os instrumentos magistral! É preciso ouvir para crer em toda essa descrição que estou passando a vocês. Mas, não pensem que é necessário um sistema vultoso de alguns milhões de dólares, para o Quintessence mostrar todas essas suas virtudes. O Ulisses tem feito essas demonstrações em sua sala com sistemas bem modestos em termos de valores. Quem tiver o interesse de ouvir para crer, marque uma audição! Muitos leitores já experimentaram o 'efeito Magic Scope', e alguns estão postando suas impressões nos fóruns. A sensação depois do sistema todo com Quintessence, é que a amplitude do sinal é extremamente mais orgânica e muito mais natural, seja em termos de timbre, resposta de transientes, texturas e principalmente dinâmica!

Tanto que eu brinco com o Ulisses que essa série Quintessence deveria vir com uma advertência ao usuário: "Cuidado, pois depois de instalado e amaciado haverá uma forte tendência de querer abusar do volume". Pois a sua folga eu só escutei até hoje em outros dois produtos: Absolute Dream da Crystal Cable, e o Opus geração 5 da Transparent Audio. Nenhum outro cabo permite essa folga, que nos leva a sempre querer testar o limite das gravações. Sejam elas tecnicamente primorosas ou não.

Outro 'fenômeno sonoro' desses cabos é a capacidade e o prazer que temos em escutar discos com compressão ou excesso de equalização. Aqueles que, há muito tempo, jogamos no fundo da gaveta e só não descartamos por gostar muito da obra (e sempre termos a esperança que em algum momento, poderemos resgatá-los). Pois com o Quintessence, será este o momento!



O amplificador extremamente bem pensado.

QUAD VA-ONE

Neste mês, especificamente na página 34 desta edição.



Gibbon 88

A dynamic and delicate floor-standing two-way. Full-range and transparent, very easy to drive and easy to integrate into any room.

**DeVORE
FIDELITY**



096



stereophile
CLASS
RECOMMENDED COMPONENT

2017
SPEAKER
OF THE YEAR



stereophile
EDITOR'S CHOICE



3XL



THORENS®

QUAD
the closest approach to the original sound

STEREOPHILE CABLE CATALOG
ACROLINK®



 **DISTRIBUIÇÃO OFICIAL**

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

O que eu desenterrei de discos que não ouvia há anos foi um absurdo. Passei finais de semana só aumentando a pilha de discos 'inaudíveis' e me deliciando em recuperar obras que aprecio artisticamente. Até aqueles CDs que você ganha de final de ano de amigo secreto, tipo *The Best Of*, da Sade, eu escutei rs!

O impressionante desta topologia Magic Scope é que ficou patente que, à medida em que se utiliza cabos mais sofisticados (com maior pureza), a performance também só cresce. Em alguns momentos do teste fiquei tão 'desorientado' para chegar às minhas conclusões e fechar a nota do cabo, que pedi ao Ulisses que me emprestasse novamente um set de Reference Magic Scope, pois em minhas anotações a diferença entre esta série e a Quintessence era maior que cinco pontos (o que na nossa metodologia representa um outro patamar de classificação). Esperei por algumas semanas antes dele me enviar os References já totalmente amaciados, e minha impressão estava certa! O Quintessence não é apenas superior em todos os quesitos da metodologia, é muito superior!

O nível de folga, energia, organicidade, silêncio de fundo, conforto auditivo e naturalidade jogam a performance do Quintessence para um outro degrau muito, mas muito, mais acima do Reference!

Satisfeito com o resultado, só podíamos comparar o Quintessence com os nossos melhores cabos de referência: Opus G5 e Absolute Dream (sim meu amigo, é isso mesmo, estamos falando de cabos

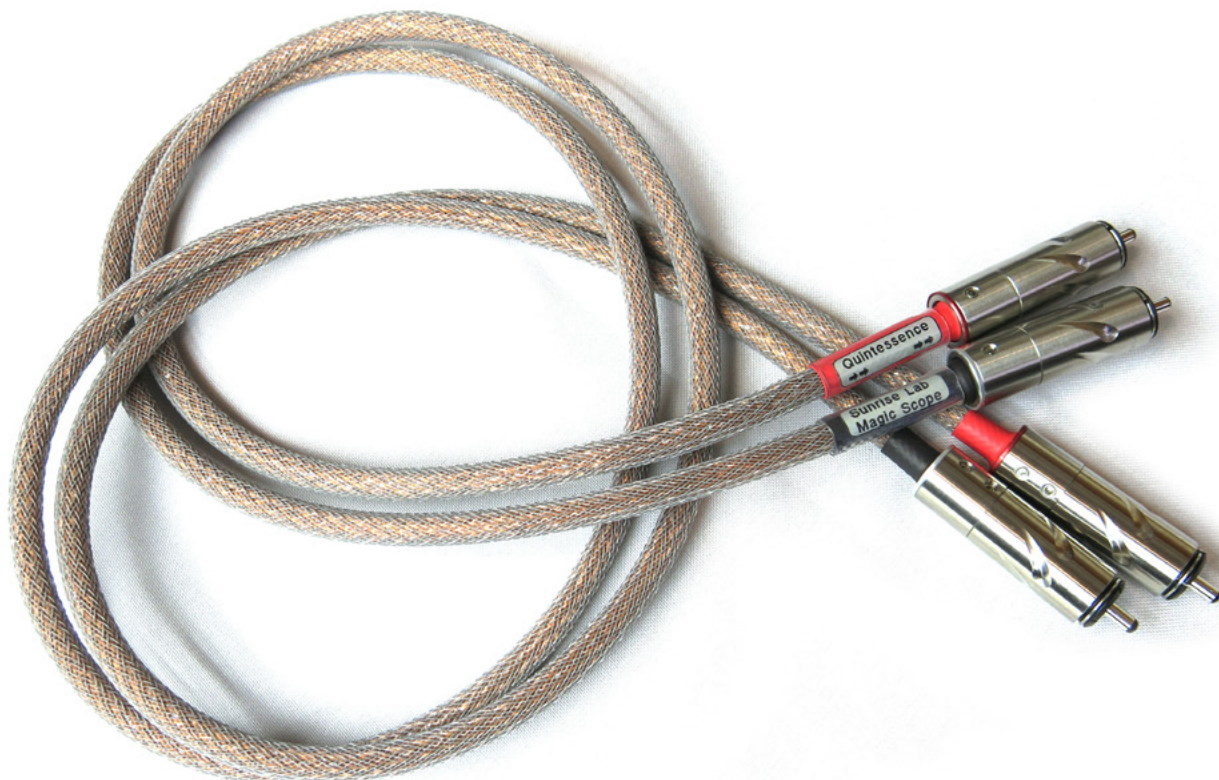
que receberam 105 pontos em nossa metodologia). Foram dois meses de testes exaustivos, pois não tínhamos um set completo nem de Opus G5 ou do Absolute Dream para fazer um A X B direto. Isso demandou paciência e estratégia para buscarmos saber a pontuação final do Quintessence.

Essa necessidade também exigiu que mantivesse o Reference XL MM2 de caixa no sistema para oportunamente ouvir o Opus G5 com um cabo com a mesma assinatura sônica. Consegui também, por uma semana emprestado, o Absolute Dream de caixa, o que me permitiu também escutar o Absolute Dream com seu par.

Resultado: o Opus G5 e o Absolute Dream continuam com sua hegemonia sonora intactas.

Não foram ameaçados pelo Quintessence, mas nunca um cabo nacional chegou tão próximo de ameaçar este trono. Tanto que, juntos, os três no nosso sistema de referência elevaram a resolução para um novo patamar. O casamento foi fantástico! A ponto de inúmeros colaboradores, amigos e importadores que ouviram o sistema com os três tocando juntos, admirarem o nível de performance que o sistema atingiu.

Outra enorme ajuda foi ter a disposição os produtos da CH Precision (que estão acima do nosso sistema de referência) e ouvir como este setup de cabos se comportou.



CONCLUSÃO

O Quintessence vira literalmente a página da história de cabos produzidos no Brasil e se coloca no mesmo patamar dos cabos Estado da Arte de nível superlativo existentes hoje no mercado. E com uma vantagem que trará muito desconforto e dificuldades para os cabos Estado da Arte importados: o preço! Ele custa literalmente uma fração do valor desses cabos top importados.

E consegue não só ombrear com os melhores, sendo que em alguns tópicos até os supera. Se você sempre desejou fazer um ajuste no seu sistema em que consiga aliar conforto auditivo, organicidade e holografia 3D, sem perder a naturalidade, fidelidade e musicalidade, você tem que ouvir o Quintessence, pois eles entregam tudo que prometem!

PONTOS POSITIVOS

Uma performance inigualável em sua faixa de preço.

PONTOS NEGATIVOS

Nenhum.

CABO DE INTERLIGAÇÃO SUNRISE LAB QUINTESSENCE

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	12,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	13,0
Total	102,0

[illegible]

ESPECIFICAÇÕES

Material do condutor	Cobre OFC de alta pureza.
Seção total do condutor:	0.14 mm²
Blindagem	dupla, formada por alumínio laminado e cordoalha de cobre OFC de alta pureza
Diâmetro total	RCA: 7 mm, XLR: 13 mm
Acabamento	Malha de nylon cor cinza e termo retrátil
Terminação	Furutech com banho de ródio
Magic Scope	duplo, transverso

Sunrise Lab

(11) 5594.8172

RCA (1 metro/par): R\$ 9.900

Cada 0.5 metro/par adicional + R\$ 1.300

XLR (1 metro/par): R\$ 11.900

Cada 0.5 metro/par adicional + R\$ 1.600

ESTADO DA ARTE



TESTE
5
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G9WTCKK_IQE](https://www.youtube.com/watch?v=G9WTCKK_IQE)

CAIXAS ACÚSTICAS Q ACOUSTICS 3020i

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Q Acoustics é uma empresa britânica de áudio única. Digo única porque ela segue na contramão dos seus concorrentes, fidelizando seus clientes de uma maneira bastante interessante. Ela não costuma lançar uma nova caixa acústica a cada ano, ao contrário disto, ela faz melhorias em seus produtos em linha dando novo fôlego aos produtos já vendidos, já que pouco se desvalorizam, e atraindo seus clientes cativos para novas atualizações sem que com isso precisem vender um rim para fazer um upgrade.

O tempo entre cada atualização também faz parte do respeito da marca para com seus clientes. Geralmente uma nova atualização de uma linha demora anos para ser anunciada, dando tempo para o comprador desfrutar plenamente de seu equipamento antes de pensar em upgrade.

Eu fiquei muito feliz quando soube que a Mediagear iria disponibilizar tanto a bookshelf 3020i quanto a torre 3050i para testes, além do modelo topo de linha. É uma marca pela qual tenho profundo

respeito e admiração, justamente por ter esta política de trabalho que, a meu ver, é mais “humana” que comercial.

Para esta edição, iniciaremos pela caixa acústica Q Acoustics 3020i bookshelf, a irmã menor desta série. O design da Q Acoustics não muda tanto assim de um modelo para outro, suas linhas são elegantes e extremamente harmoniosas. São delicadas, pois escondem bem os parafusos e os encaixes do gabinete com muita eficiência, porém não parecem femininas ou obras de arte do período barroco. Elas passam aquela sensação de firmeza e robustez mesmo tendo seus drivers adornados por apliques, com aquele cromo profundo de alta qualidade, do tipo que se vê em carros de luxo.

A Q Acoustics disponibiliza quatro opções de acabamento: cinza grafite, nogueira inglesa, preto carbono ou branco ártico. A que veio para teste tem acabamento preto carbono. O gabinete tem a mesma tecnologia das Concept 500, possuindo travamento ponto a ponto, conferindo maior rigidez ao gabinete e reduzindo ressonâncias. ►

Na parte de baixo temos dois parafusos que fazem o serviço do travamento do gabinete e que também servem para fixar a caixa ao pedestal. Se não tiver pedestais, ela vem com pequenos pés de borracha que ajudam no desacoplamento dela com a superfície onde será repousada.

O alto-falante de 12,5 cm possui um novo revestimento de borracha de baixa distorção que promete maior rigidez ao cone. O tweeter de 20 mm é desacoplado do gabinete por um sistema de suspensão de silicone, ficando livre das vibrações do woofer.

Na parte de trás estão os bornes, bastante exóticos, por sinal. Não seguem o padrão comum, mas cumprem seu papel corretamente. Por não terem estrias na parte atarraxante, se estiver utilizando cabos com terminação spade, é preciso se certificar com atenção se estão mesmo presos, pois o borne é liso nos dois extremos.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, e amplificador integrado Anthem STR. Fontes: CD-Player Luxman D-06, toca-discos de vinil Reloop TURN 2. Cabos de força: Transparent PowerLink MM 2, Sunrise Lab Premium Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Premium Magic Scope RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Zafira III XLR. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference e Quintessense Magic Scope.

Como quase sempre acontece, a caixa veio nova, zero Km. No momento de desembalar, percebi algo que talvez seja o único pênalti contra esta caixa: a tela de proteção. Ela possui um orifício onde o tweeter deveria se encaixar - é verdade que no aro cromado do woofer existe uma "guia" para posicionar a tampa e alinhar com o tweeter, mas é quase impossível não raspar uma ou duas vezes a parte plástica da tampa no tweeter. É preciso cuidado e paciência

para acertar em cheio. Fora isto, tudo OK. O melhor posicionamento se deu com as caixas a 1,67 metros da parede de fundo e 50 centímetros das paredes laterais. O toe in ficou em 10 graus. O palco ficou ótimo e a extensão dos graves também. O amaciamento total se deu com 280 horas. Começamos com o disco *Black Light Syndrome*, do trio Bozzio Levin Stevens, faixas 3 e 5. Nestas faixas as diferentes variações de velocidade e de dinâmica, únicas de cada instrumento, fazem muitas caixas embolarem o som, apagando o contrabaixo quando a bateria toma o controle, ou apagando a bateria quando o violão assume lugar de destaque. A 3020i se segura firme, mantendo os planos e a inteligibilidade sob controle, o violão não salta para o nosso colo, nem a bateria cobre o contrabaixo, tantas vezes a ponto de nos fazer esquecer que o contrabaixo está lá também.

Os agudos são fantásticos, rápidos, precisos e com excelente corpo. Os transientes brotam por toda parte, a ambiência toma conta da sala e o grave se mantém sob controle com modulações que nos fazem duvidar de que esta pequenina consegue tanta extensão de graves.

No disco da Dianne Reeves, *Bridges*, faixa 2, sua voz soa limpa e extremamente suave, com um corpo muito bom e timbre bastante correto. O piano não espirra, nem soa desequilibrado em nenhum momento. A Q Acoustics 3020i soa sempre correta, com calor na medida certa para nos seduzir e fazer com que a música nos abrace e nos transporte para outra dimensão!

Fazia tempo que não me empolgava tanto com uma book, mesmo tendo duas em casa. Esta Q Acoustics me surpreende a cada novo disco que lhe apresento. Ela não se intimida com grandes massas sonoras, porém há um limite imposto pelo gabinete que, em algumas músicas, principalmente clássicas, não dá conta do recado como deveria. Mas até aí, qual book que faz este trabalho com pé nas costas, não é mesmo?



O ar deslocado pela 3020i é muito bom para o seu tamanho. É possível sentir algumas batidas no peito quando utilizado o volume ideal da gravação. Isto é um feito e tanto para uma book tão pequena.

Algo que me chamou bastante atenção é a maneira sutil que esta caixa toma conta do sistema. Sua correção tonal e seu equilíbrio entre as frequências corrigem muitos dos deslizes cometidos pelo amplificador. Se o amplificador soa frio ou analítico, ela corrige. Se ele não tem velocidade, ela dá um jeitinho de tomar conta do sistema sem escancarar as estas limitações.

Isto pode ser bom e pode ser ruim... Para a fatia de mercado a que ela se destina, com amplificadores de entrada, e que certamente possuem alguns calcanhares de Aquiles, esta característica pode ser muito bem-vinda.

CONCLUSÃO

A Q Acoustics novamente nos surpreendeu apresentando uma caixa honesta, bonita, simples e eficiente. Com esta book, não tem mi-mi-mi: ela foi feita para tocar e tocar muito! Seu equilíbrio tonal com certeza faz dela compatível com os mais variados amplificadores modernos existentes no mercado. Seu fôlego é de book grande, então não tenha dó de colocá-la para tocar.

ESPECIFICAÇÕES

Tipo	2 vias bass-reflex
Driver de graves	125 mm
Driver de agudos	22 mm
Resposta de frequência (+3 dB, -6 dB)	64 Hz a 30 kHz
Impedância nominal	6 Ω
Impedância mínima	4 Ω
Sensibilidade (2.83 Vrms@1 m)	88 dB
Amplificação indicada	25 a 75 W
Frequência de crossover	2.4 kHz
Volume	6.1 L
Dimensões (L x A x P)	170 x 278 x 282 mm
Peso (cada)	5.5 kg

PONTOS POSITIVOS

Ótimo equilíbrio tonal e ótima organicidade. Acabamento sofisticado e de ótima qualidade. Pequena e estreita, fácil de se misturar em qualquer ambiente.

PONTOS NEGATIVOS

Tampa de proteção mal resolvida, se não tomar cuidado pode danificar o tweeter.

CAIXAS ACÚSTICAS Q ACOUSTICS 3020I	
Equilíbrio Tonal	9,0
Soundstage	8,5
Textura	8,5
Transientes	8,0
Dinâmica	8,5
Corpo Harmônico	8,5
Organicidade	9,0
Musicalidade	8,5
Total	68,5

VOCAL

ROCK . POP

JAZZ . BLUES

MÚSICA DE CÂMARA

SINFÔNICA

Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 3.165

OURO
REFERÊNCIA



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IJ65Q98GAUI](https://www.youtube.com/watch?v=IJ65Q98GAUI)

TOCA-DISCOS DE VINIL RELOOP TURN2



Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A importadora Alpha Áudio & Vídeo nos cedeu para testes o toca-discos de vinil Reloop modelo TURN2, o primeiro toca-discos da série TURN, composta por mais dois modelos: TURN3 e TURN5, respectivamente.

A Reloop atua fortemente na cena musical alemã há mais de duas décadas, desenvolvendo equipamentos pro audio para DJs e profissionais de estúdio. A quantidade de produtos é bastante extensa, indo de mixers para DJs à fones de ouvido, caixas de som, interfaces de áudio e toca discos de vinil: um dos primeiros produtos fabricados pela Reloop, e carro-chefe da empresa.

O TURN2 veio para brigar com toca-discos que são de entrada, mas que estão um degrau mais alto, tanto em design quanto em qualidade de materiais, como é o caso das linhas de entrada da Rega e da Pro-Ject, para o melômano e o audiófilo mais rodados, não sejam mais seduzido por perfumarias como saídas USB ou luzes estroboscópicas. Um toca-discos limpo, sóbrio e de muito

bom gosto, com boa qualidade de reprodução, durável e que também agrade aos olhos, fugindo um pouco daquela estética 'Audio Technica', brigando diretamente com o Rega Planar 1 e Pro-Ject Primary E. Ambos em tese, mais caros que o Reloop.

Embora sua fabricação esteja baseada na China - como quase todos os fabricantes do planeta - a Reloop mantém um olhar apurado no quesito controle de qualidade. Os pequenos erros, coisas ignoradas por algumas empresas que também possuem toca-discos vindos de lá, não estão presentes no TURN2. Da qualidade da pintura, ao pino da polia em latão, passando pelo braço reto de metal sem rebarbas no acabamento nem no engate do headshell, sem falar no prato em alumínio e borda polida, e da base em MDF, que neste modelo do teste é em preto texturizado, além de mais duas opções de acabamento: laca vermelha e laca branca. O lift manual é de metal, tem acionamento suave e progressivo, evitando assim trancos no cantilever da cápsula.

Por falar em cápsula, o TURN2 vem equipado com uma Ortofon OM10, já instalada no headshell, tornando a operação mais fácil para o novo proprietário deste toca-discos. Para mim, a OM10 não fica devendo para a Ortofon 2M Red, portanto, caso o proprietário queira melhorar a qualidade do seu toca-discos, sugiro ir direto para a 2M Blue ou Bronze e, esteja certo de que se surpreenderá com os resultados, pois este braço equipado no TURN2 tem refinamento para mostrar as qualidades destas cápsulas, sem precisar mexer com ajustes complexos como VTA.

As soluções encontradas para os botões de acionamento do prato e das velocidades 33/45 RPM são geniais! Cada botão ocupando uma pequena parte central de cada lateral do chassi trouxe equilíbrio e suavidade ao design do aparelho. Sua tampa em acrílico fumê de verdade, sem aquele tom esverdeado dos anos oitenta, faz deste conjunto uma peça de decoração que merece ficar exposto em uma sala de estar ou sala de audição dedicada, fazendo parte do ambiente.

COMO TOCA

Para o teste foram utilizados os equipamentos: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, amplificador integrado Anthem STR (com pré de phono embutido). Pré de Phono: Sunrise Lab The PhonoStage II SE. Caixas acústicas: Dynaudio Emit M30, Q Acoustics 3020i. Cabos de força: Sunrise Lab Premier, Emotiva IEC X-Series. Interconexão: Sunrise Lab Premier RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Zafira III XLR. Cabo de caixa: Sunrise Lab Reference e Quintessence Magic Scope.

O Reeloc TURN2 chegou lacrado em sua embalagem robusta, branca e estilosa. Dentro dela, o TURN2 vem acomodado em isopor injetado, separando prato, tampa acrílica e gabinete. A cápsula também vem desacoplada do braço, mas já instalada e ajustada no headshell. É só conectar ao braço e pronto. O único trabalho, mesmo, fica por conta do ajuste do contrapeso. Este não tem escapatória: é preciso ter uma balança para cápsulas, seja digital ou aquela de plástico da Ortofon.

O ajuste inicial ficou em 1,6 g, para acelerar o amaciamento do elastômero. Após 15 horas baixei para 1,5 g e, com 30 horas, o melhor ajuste se deu entre as duas marcas de 1,4 e 1,5 g, com antiskating na posição entre 4 e 5.

O toca-discos vem acompanhado de um cabo RCA com fio terra acoplado. Eu preferi utilizar apenas o terra deste cabo e começar as audições com o Sunrise Premium ligado ao Anthem SRT. De cara eu não gostei, achei que era coisa de amaciamento, mas como tinha ouvido a primeira hora com o pré da Sunrise, achei estranha aquela sonoridade dura e analítica, mesmo em fase de amaciamento. Foi então que descobri que o Anthem vem configurado para fazer up-sample para 24-bit/192 kHz o que, juntamente com o amaciamento, estava tirando toda a naturalidade da cápsula. Mexi nas configurações e deixei em modo direto e, agora sim, tinha um som relaxado e característico do vinil. E o disco escolhido foi do grupo LA4, álbum Zaca, selo Concord, faixas 1, 2 e 4. Logo nos primeiros acordes do violão é possível notar toda a intencionalidade do artista sem fazer esforço para entender sua digitação e os harmônicos que produz. A flauta soa clara e limpa, seu som não metaliza nem soa estridente em momento algum! O timbre e corpo da flauta nas altas têm ótimo tamanho, não emagrece nas passagens mais complexas da música.

O violão de Laurindo de Almeida não é dos mais fáceis de ser reproduzido eletronicamente. Ainda assim, dentro do possível, o conjunto Reeloc traz luz na medida certa para a digitação do violão, segurando as pontas até nas passagens dedilhadas à unha!

Trocando de disco, agora com Ron Carter, álbum Etudes, selo Elektra Musician, nacional. Na segunda faixa, a integração entre os músicos é maravilhosa - eles interagem entre si com ótima inteligibilidade, assim a música não cai na pegadinha de soar desinteressante aos ouvidos. Ao contrário, acompanhamos cada parte feita por cada integrante com bastante entusiasmo.

Música clássica é muito bem-vinda no Reeloc TURN2, pois se sai muito bem com este gênero musical. E aqui preciso dizer que fui ousado. Explico: já tive contato com toca-discos "primos" de



segundo grau deste modelo, e alguns deles tinham um motor tão limitado quanto à carga que podiam tracionar que não dava para usar qualquer tipo de clamp, mesmo os de pressão faziam a velocidade variar. Já no TURN2, é diferente. Sua maior vantagem é justamente poder tracionar e manter a rotação estável com vários tipos de clamps. O mais pesado que utilizei foi o Magis Áudio, com peso de 440 g, além do Trumpet de travamento por rosca e pressão, feito em madeira. A melhora no foco e recorte e inteligibilidade foram enormes, acompanhados por um palco profundo, porém ainda estreito – não dá para ter tudo nesta vida. Por causa do foco e recorte mais precisos, a massa orquestral não soava tão embolada como se esperaria desta cápsula. Era possível perceber ar entre os instrumentos, e a distância entre eles sem esforço algum. Tudo brotava dos sulcos do disco com ótimos transientes e variações de dinâmica e um silêncio de fundo maravilhoso!

Precisava colocar algo mais pop para saber como o TURN2 se comportaria fora da sua zona de conforto. É até curioso um toca-discos Reeloc, marca que nasceu nos bastidores da cena

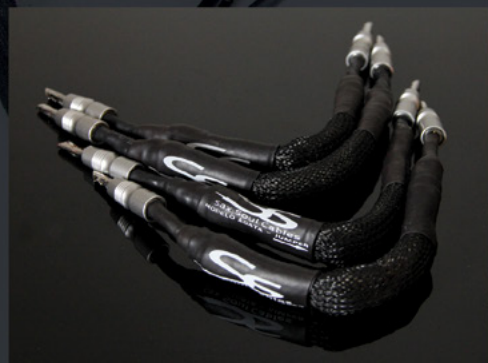
eletrônica alemã, soar como um perfeito cavalheiro inglês. Sem excessos, sem gordurinhas aqui e acolá e com ótima extensão nos dois extremos. Queria saber se ele espirraría notas com gravações mais comprimidas. E o escolhido para “espancar” o TURN2 foi Skrillex, *Triple Vinyl Box Set*, disco 1. O que ouvi foi muito bom. Descontando as compressões e abusos, o TURN2 mostrou competência para executar toda a complexidade deste disco. Assim como ele separou e não embolava muito com música clássica, ele também não decepcionou com este disco.

CONCLUSÃO

O casamento braço e cápsula é um dos melhores que já ouvi para este conjunto, e graças ao prato de alumínio e a base em MDF, todas as melhorias se somaram para formar um toca-discos de ótima qualidade. Este é, sem dúvida, um aparelho que faz frente aos concorrentes brigando ombro a ombro com as marcas já consagradas deste segmento de entrada. Com isto ganhamos mais uma excelente opção que com certeza vale a pena ouvir e conferir e, quem sabe, se apaixonar pelo seu som. ■



Sax Soul Cables
Extraia todo o potencial do seu sistema.



Tipo	Toca-discos de vinil
Tração	Belt-drive (tração por correia)
Motor	Motor DC
Velocidades	33-1/3, 45 RPM
Wow & flutter	0.2% WRMS
Relação Sinal / Ruído	>65 dB
Terminais	- 1x PHONO saída (folheado a ouro) - 1x GND Terminal de aterramento
Fonte de alimentação	DC 12 V, 500 mA
Consumo	6 W
Dimensões (L x A x P)	420 x 121 x 340 mm (incl. Tampa acrílica)
Peso	4.6 kg
Prato	
Material	Alumínio
Diâmetro	300 mm
Peso	550 g
Braço	
Tipo	Reto
Comprimento efetivo	224 mm
Overhang	19 mm
Ângulo de erro de tração	25°
Força de tração	1.5 g
Peso das cápsulas utilizáveis	4~6 g
Anti-Skating	0 a 3 g

PONTOS POSITIVOS

Excelente casamento entre braço e cápsula. Ótimo acabamento. Motor robusto e confiável.

PONTOS NEGATIVOS

Os pés de apoio não possuem regulagem de altura.

TOCA-DISCOS DE VINIL RELOOP TURN2

Equilíbrio Tonal	8,0
Soundstage	8,0
Textura	7,5
Transientes	8,0
Dinâmica	7,5
Corpo Harmônico	8,0
Organicidade	7,5
Musicalidade	8,0
Total	62,5

Gênero	Porcentagem
VOCAL	100%
ROCK . POP	100%
JAZZ . BLUES	100%
MÚSICA DE CÂMARA	100%
SINFÔNICA	90%

Alpha Áudio e Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 2.360

OURO
RECOMENDADO



Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Karma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR



Catedral de St. Vitus - República Tcheca

O NACIONALISMO MUSICAL NA EUROPA CENTRAL, ESCANDINÁVIA E ESPANHA



Omar Castellan
omarcastellan@clubedoaudio.com.br

O Romantismo e o acordar do individualismo suscitaram, por volta da metade do século XIX, um movimento que se inscreveu na lógica dos acontecimentos; por sua vez, os povos tomaram consciência da sua personalidade, do seu gênio próprio: alargaram a noção de individualismo à nação. E o Nacionalismo, política muitas vezes nefasta quando provoca os conflitos que frequentemente conhecemos, teve, pelo contrário, os mais felizes efeitos na arte.

A afirmação do Nacionalismo musical é, em primeiro lugar, a procura de canções e danças populares, além da criação de obras líricas

inspiradas em temas nacionais; em suma, tudo quanto evoque a tradição de um País e o caráter de seus habitantes. Nesse caso também existe, portanto, um desvio da música de caráter universal do século anterior para uma arte que pretende ser 'particular': assim, nascem as **Escolas Nacionais**, quase simultaneamente, em diversos Países da Europa. O folclore em que elas colhem seus temas é vasto, rico, ou já havia sido há muito tempo ignorado e abandonado. Na Europa central, essa busca foi chefiada pelos tchecos, povo de extraordinária musicalidade e folclore musical riquíssimo. ►

O que denominamos e nos parece ‘música tipicamente eslava’, na realidade é tcheca, pois a música polonesa é mais ocidentalizada, e a russa incorporada por muitos elementos orientais. Os porta-vozes dessa música foram três compositores de relevo: **Smetana, Dvorák e Janáček**.

A figura de **Bedrich Smetana** (1824-1884) significa por si só a cristalização da escola nacional tcheca. A obra dos músicos contrerários que lhe seguiram não é facilmente compreensível sem ele. Sua vida se desenrolou numa época de exaltação nacionalista - estimulada pelo legado revolucionário francês e pela reação absolutista austríaca, que pretendia voltar à ordem social anterior a 1789. Smetana foi o primeiro compositor boêmio que não se estabeleceu fora de seu País. Mas o Nacionalismo não foi, no caso dele, sinônimo de exclusivismo, de provincianismo pobre, de recusa de influências alheias. A escola tcheca, tal como a russa, formou-se mediante a adaptação do melodismo italiano e alemão a uma maneira especial de sentir e de criar. E Smetana teve como modelo a última expressão do *bel canto*, Verdi, Meyerbeer e Wagner, além de Liszt, Chopin, Schumann e Berlioz. Por isso, os que entendiam que uma escola nasce do nada, só na base de sons vulgares e ligeiros, criticaram implacavelmente sua música, tachada como ‘estrangeira’. E, no entanto, aí estão as suas óperas, todas escritas em tcheco - quando só se utilizava o alemão - e sobre temas tchecos. Em 1848, fundou em Praga uma escola de música e, em 1886, tornou-se diretor-geral do Novo Teatro Nacional de Praga, onde a sua tão famosa ópera **A Noiva Vendida** foi apresentada no mesmo ano. Com essa obra com música alegre, baseada na canção folclórica e seu tema rústico corriqueiro, o nome de Smetana criou fama. Igualmente famoso ficou o retrato de seu País amado, pintado em um ciclo de seis poemas sinfônicos, **Má Vlast** (**‘Minha Pátria’**) - nele ressurge o passado heroico, cantado por bardos, onde as florestas da Boêmia e as figuras lendárias tomam vida. O mais belo de todos é o agradável murmúrio de *O Moldava*, uma representação do rio, desde o seu começo, nascido da junção de dois alegres riachos que, correndo morro abaixo, precipitam-se sobre rochedos e pedras, até sua majestosa e caudalosa passagem por Praga, em direção ao mar. Da pouca música de câmara que escreveu, destacam-se o sombrio e trágico **Trio para Piano e Cordas em Sol Menor** e o **Quarteto para Cordas em Mi Menor, ‘Da Minha Vida’**, que retrata em seus movimentos as quatro fases de sua vida cheia de luta, sofrimento e dor, mas rica e plena em sua arte; o seu último movimento sugere um zumbido incessante no ouvido, que perseguiu Smetana todas as noites, consequência dos primeiros sinais de sífilis, que surgiram a partir de 1874, e que resultaria em sua surdez. Em abril de 1884, seu equilíbrio mental já se encontrava seriamente perturbado. Levado para o manicômio de Praga, morreu no mês seguinte.

A vida de **Antonín Dvorák** (1841-1904) foi uma das mais felizes e abençoadas pela música que nos é dado registrar. O que a torna

tão especial é que, apesar de sua ascensão até a eminência social e profissional (foi diretor dos conservatórios em Nova York e Praga, doutor *honoris causa* da Universidade de Cambridge e, nomeado por merecimento, membro da Câmara dos Lordes do Império Austríaco), ele nunca perdeu o inocente frescor de sua infância de aldeia, e o recuperou miraculosamente, vez após vez, na música. Jamais se adaptou ao mundo acadêmico e político, continuando a ser o mesmo e simples músico descendente de camponeses. Sua música reflete otimismo e bondade profunda, e essas qualidades são praticamente únicas no repertório romântico - naturalmente sombrio e agitado. Essa ausência de angústia ou de ansiedade acaba por colocar em evidência o esplendor e a riqueza dos materiais melódicos utilizados. Compositor prolífero, Dvorák conseguiu, no período de sua maturidade, criar espontaneamente uma linguagem musical bela, encantadora, altamente elaborada e assumidamente não revolucionária, que põe em evidência as vozes instrumentais escolhidas. Tomou Smetana como modelo a seguir. Continuou a linha musical traçada por este em múltiplos aspectos, mas não a repetiu, e sim a ampliou e fez frutificar sua mensagem. Os dois compositores empregaram os mesmos elementos, mas a inspiração é diferente. Smetana é discípulo de Liszt, conhece Wagner, tem preferência pelo poema sinfônico (música de programa) e elabora suas obras com o cuidado de um polifonista erudito. Dvorák é discípulo de Schumann e Brahms e reverencia Schubert, ocupando-se mais com a grande forma sinfônica, e é um grande improvisador que se submete à inspiração do momento, sem muita preocupação com a estrutura.

Embora Dvorák cultivasse a maior parte dos gêneros com um êxito considerável, a sua principal contribuição foi na música sinfônica e na de câmara. Duas coleções de **Danças Eslavas**, compostas primeiramente para piano a quatro mãos e depois adaptadas para orquestra, sublinham em 1878 o sucesso que se espalha pela Europa. As suas sinfonias distinguem-se por sua inesgotável inventividade e o aspecto policrômico de seu conteúdo expressivo. Das nove que ele compôs, as três últimas são as melhores. A **Sétima Sinfonia** pertence a um período (1884-1885) no qual Dvorák teve de superar uma crise pessoal. Extraordinariamente dramática e turbulenta (segundo muitos, é considerada a sua melhor sinfonia), deve ter sido concebida como um reflexo desse momento conflitivo de sua vida. Logo após, o compositor tcheco voltou a encontrar o seu equilíbrio interno e conseguiu realizar sua brilhante fantasia musical eslava - a bela, clara e maravilhosamente fluida **Oitava Sinfonia** (1889), um idílio bucólico, com temas inesquecíveis. Nos Estados Unidos, onde viveu durante três anos (de 1892 a 1895), Dvorák enfrentou experiências novas que deixaram marcas visíveis em suas obras de então, sobretudo na famosa **Nona Sinfonia**, a que ele mesmo deu o título de **‘Do Novo Mundo’**. Nela, combina seu próprio estilo musical tcheco com temas influenciados pelos negro spirituals. Assim, o tema da flauta, no primeiro andamento, é quase um eco de ‘Swing’ ►

Low, Sweet Chariot', e a melodia do corne inglês no andamento lento é um spiritual escrito pelo próprio compositor.

Na música concertante, destaca-se o exótico e famoso Concerto para Violoncelo e Orquestra em Si Menor (1895). No decorrer de seus movimentos, os fogos de artifício típicos de um concerto assumem um segundo plano diante da melodia arrebatadora, com o violoncelo sendo tratado como uma voz solista de ópera, cantando ao som da orquestra. Apesar de ser uma obra do 'Novo Mundo', ela não comporta absolutamente vestígios da influência americana: divide-se entre o sentimento de nostalgia suportado por Dvorák, separado de sua pátria havia três anos, e a energia que ele sempre retirou de suas raízes nacionais. Durante o verão de 1893, ele passou as férias de verão em Iowa, onde havia uma colônia boêmia. Aí escreveu a sua partitura de câmara mais célebre - o **Quarteto de Cordas em Fá Maior (nº 12)**, denominado '**Americano**'. Nessa peça não há problemas profundos nem dúvidas, mas sim elegância, correção no tratamento e colorido interessante, bem como a abundância de ideias. Outras duas obras-primas camerísticas são o Quinteto Op. 81 e o Trio 'Dumky', música altamente inspirada e de rara força espiritual. O **Quinteto para Piano e Cordas em Lá Menor, Op. 81** (1887), é uma peça de energia e força jubilosa; a brilhante tonalidade do piano é contrastada com as linhas sinuosas ou energéticas das cordas, mas a sensação é mais de diálogo amigável do que rivalidade. *Dumka*, *furiant* e outras formas rítmicas boêmias foram aí domesticadas. O **Trio para Piano e Cordas em Mi Menor, Op. 90**, denominado 'Dumky' (1891), é uma peça pensativa, sonhadora, com o lirismo à flor da pele e misteriosas complexidades harmônicas. Associando a *dumka* (que é uma dança folclórica tcheca com seções alternadas lentas e rápidas, frequentemente adaptando o mesmo material básico) com a forma sonata mais séria, ele expressa nessa obra um efeito encantador. As manifestações do catolicismo de Dvorák podem ser encontradas no **Stabat Mater**, no **Requiem** e no **Te Deum**, mostrando o seu talento para verter o elemento sacro em sons do apogeu do Romantismo.

O terceiro compositor tcheco de renome, **Leos Janáček** (1854-1928), nasceu treze anos após Dvorák, contudo parece pertencer mais ao século XX do que ao século XIX - foi 'um homem entre as épocas'. A sua longa e rica vida criativa é uma história de mestria lenta e pacientemente adquirida, um efeito coroado, sobretudo, por uma sequência de óperas cujo valor e grande originalidade não têm paralelo na música de outros compositores. Elas apresentam identidade de sentimentos com o **Bóris Godunov** de Mussorgski e com a **Pelléas et Mélisande** de Debussy, como também com Wagner, no que toca à adaptação da dicção melódica ao ritmo da língua. Janáček teve o seu primeiro contato com a música cantando no coro de um mosteiro; seguiu depois a tradição da família e se tornou professor de música. Embora respeitado como compositor e professor em sua cidade natal, Brno, somente depois da estreia, em

Praga, de sua ópera **Jenufa** (1915), é que seu nome se tornou nacional e internacionalmente conhecido. Com ela, Janáček adota um estilo melódico baseado não apenas nas características específicas da canção morávia, mas também na acentuação da linguagem autóctone. Ele observa com atenção o falar de gente simples (crianças e camponeses, em particular), que foi o bem mais preservado das influências exteriores, e se esforça por notar suas inflexões, como também os risos, os choros, os barulhos da natureza e o canto dos pássaros. Com isso, Janáček produziu um impacto direto e realista muito afastado dos sentimentos sublimes de grande parte da ópera do século XIX. Assim, seu estilo bastante pessoal, que também se encontra em muitas outras composições, está ligado a duas ideias fundamentais: a subordinação da harmonia ao ritmo e a das formas melódicas à entoação da linguagem falada ('melodia da fala'). Sua harmonia, audaciosa e independente, é determinada pelas características modais da música popular morávia. Empírica e funcional, ela é essencialmente expressiva, em particular no emprego dramático das dissonâncias; com intensidade selvagem, veemência bárbara e orquestração severa, é uma música que utiliza, frequentemente, motivos irregulares em *ostinato* na escrita instrumental.

Entre 1919 e 1925, Janáček compôs três de suas melhores óperas, todas sobre temas que tinham para ele especial significado: **Kátya Kabanová**, com sua esposa negligenciada que arranja um amante; **A Raposinha Esperta**, com seu retrato simpático dos animais (e, particularmente, da raposa), e **O Caso Makropoulos**, com a mulher 'sem idade', que fascina todos os homens. Já com mais de setenta anos, o compositor escreveu duas das suas partituras mais comunicativas e populares: **Sinfonietta**, em 1926, inspirada, em parte, pelo som de uma banda de metais a tocar num parque de Praga, e a **Missa Glagolítica**, em 1927, uma das maiores obras corais escritas no século XX, com texto litúrgico em língua 'eclesiástico-eslava', aquela em que os tchecos rezaram antes da Igreja Romana lhes impor a liturgia latina. Fruto de um amor platônico na velhice, o **Quarteto para Cordas nº 2** (1828), '**Cartas Íntimas**', apresenta em cada um dos seus quatro movimentos uma carta de amor colocada em termos musicais, exprimindo tanto o temperamento de sua amada quanto o desejo que ela lhe inspirava. Com a sua última ópera, **Da Casa dos Mortos** (certamente, a mais desolada e trágica de todos os tempos), tirada da obra homônima de Dostoiévsky, encerrou-se, em 1928, uma enorme produção de obras da maturidade, que fazem lembrar, pela sua originalidade e criatividade, os últimos jorros criativos de Haydn e Verdi.

Exceto na Dinamarca, País vinculado à sensibilidade francesa, os outros Países escandinavos orientaram a sua produção musical segundo modelos que os compositores alemães haviam adotado. No entanto, mais do que grupos de caráter nacionalista, surgiram personalidades que, apesar de terem recolhido elementos do folclore do País na sua obra, não chegaram a criar uma arte coletiva ►

de características nacionais. A música culta da Noruega surgiu com personalidade própria em meados do século XIX, e os seus primeiros exemplos foram uma tentativa de fundir numa única linguagem o Nacionalismo com o Romantismo alemão. Tal como em outros Países, dedicou-se uma atenção particular à primitiva música popular, em especial à das danças. O repertório nacional norueguês revela um grande primitivismo e uma tradição oral continuada. O seu folclore é, seguramente, o mais refinado dos Países nórdicos; talvez, por isso, os compositores procuraram rapidamente nele as fontes de inspiração.

Fiel ao seu empenho de forjar um destino que o transformaria no primeiro compositor da Noruega e lhe conferiria fama mundial, **Edvard Grieg** (1843-1907) trabalhou sempre em condições penosas, devido à sua crônica falta de saúde e debilidade física. No entanto, em outros aspectos gozou de melhor fortuna. Viveu num ambiente familiar favorável e musical; sua mãe, sobretudo, tinha grandes dotes de cantora e pianista, e organizava com frequência em sua casa serões musicais onde o pequeno Edvard cedo se interessou pela obra dos compositores clássicos. Estudou no Conservatório de Leipzig (1858-1862) e, posteriormente, estabeleceu-se em Oslo e Copenhague, ensinando e compondo. Em 1874, recebeu uma pensão vitalícia do governo norueguês, e com essa segurança financeira pôde começar uma carreira de concertista, regente e compositor mais tranquila - viajou em turnês com sua mulher, uma soprano, dando recitais de canções, de peças para piano e regendo em quase todas as cidades europeias. Durante as temporadas de liberdade de que dispunham entre um concerto e outro, os Grieg desfrutavam da casa que tinham construído nos arredores de Bergen, em Trolldhaugen ('Colina dos Trolls'), que atualmente se transformou num lugar de peregrinação para todos os seus admiradores. Nessa casa de campo, Grieg passou longas temporadas dedicando-se à composição. Sua pensão também o libertou da necessidade de escrever nas formas de escala mais ampla (sonata, sinfonia, ópera) que se esperavam dos principais compositores da época, e pôde, assim, se concentrar no tipo de obras mais curtas, nas quais ele era excelente. Grieg é um schumanniano, sem desprezar as lições de Liszt. Suas melhores peças são miniaturas românticas (canções, peças para piano, danças, suítes) em um estilo simples, derivado da música folclórica norueguesa, satisfazendo, assim, o gosto de sua época sem trair seu próprio estilo íntimo e poético. Ao lado de suas diversas coletâneas para piano, sua obra orquestral revela um hábil harmonista, que não deixou de influenciar Debussy e até mesmo Ravel, e traz a marca de uma autêntica inspiração popular. Sua obra-prima são as **Peças Líricas** (66 obras para piano, em dez cadernos, escritas ao longo de um período de quarenta anos), que são mais alemãs que escandinavas, e que refletem as duas faces da personalidade de Grieg, a elegíaca e a jovial. A paisagem norueguesa foi fonte de inspiração para ele, pois em muitos de seus **Lieder** (canções)

descreveu com sugestiva ternura as montanhas, os fiordes, os vales e outros aspectos alusivos à sua terra; muitos deles (escreveu quase 150) alcançaram grande popularidade, sendo que as oito canções de **Haugtussa ('A Donzela da Montanha')** correspondem à sua coleção mais elaborada. Em sua maioria, são melodias diretas, acompanhadas por acordes descomplicados em que a precisão é a mesma da poesia e a inspiração parece instantânea, exata, sem requerer qualquer artifício. A mais conhecida e popular obra de Grieg é, sem dúvida, o **Concerto para Piano e Orquestra em Lá Menor, Op. 16** (1868), que, pelo seu vigor, lirismo e melancolia escandinava, encontra-se entre as obras favoritas no repertório de concertos. Em janeiro de 1874, o dramaturgo Henrik Ibsen ofereceu a Grieg a oportunidade de compor a música de cena de **Peer Gynt** que, sem que ele soubesse, deveria assegurar-lhe grande parte de sua glória internacional. Dessa obra, posteriormente, escreveu duas **Suítes Orquestrais, a Op. 46 e a Op. 55**, escolhendo quatro peças para cada uma delas, do total das 23. Assim, surgem algumas das peças mais tocadas e melodiosas de Grieg, como a *Dança de Anitra*, a *Canção de Solveyg*, a *Morte de Ase*, *Na Gruta do Rei da Montanha* e o *Amanhecer*, ocupando um lugar permanente no repertório dos concertos sinfônicos e dos concertos de banda ao ar livre. Entre as obras tardias de Grieg encontra-se a **Suíte Holberg, Op. 40** (1884), para orquestra de cordas, coleção de miniaturas de perfeito acabamento, escrita para a comemoração do bicentenário de Ludvig Holberg, filósofo, escritor e humorista dinamarquês. Na música de câmara se destaca a **Sonata nº 3 para Violino e Piano em Dó Menor, Op. 45**, uma de suas indiscutíveis obras-primas - do começo até o fim é um assombro de inspiração, inteligência e independência; ao contrário das outras sonatas precedentes, é dominada por um sentimento trágico, uma intensidade dramática e uma profunda melancolia; em seu movimento final, vislumbra-se a simplicidade e a austeridade como que se houvesse um Classicismo dentro do Modernismo. Se Grieg só tivesse composto essa sonata, ela teria sido suficiente para fazê-lo conhecido na posteridade.

Existem poucos compositores tão estranhamente identificados com o ambiente em que viveram como **Jean Sibelius** (1865-1957) - ele fez da sua música um modelo vívido do que o Norte tem de selvagem e de grandioso. Depois dos primeiros estudos musicais em sua terra natal, foi para Berlim, onde sofreu a influência do Romantismo tardio; no entanto, o Romantismo já corria em suas veias, tanto pela época quanto pelo ambiente: amava temas nórdicos, abundantes na mitologia e na história da Finlândia. Saga e natureza são os dois pilares de sua criação sombria e nostálgica, que o tornaram o músico sinfônico mais significativo da Escandinávia. Uma característica importante da música de Sibelius é a de afastar-se das formas preestabelecidas: desse modo, as suas sete sinfonias (sem contar a **Kullervo-Sinfonia**, obra da juventude) tendem para uma continuidade orgânica que lhes é própria, através da aplicação, ao ►

BIBLIOGRAFIA

22
ANOS
MAG

menos em algumas, do princípio de 'crescimento temático', mais ou menos oposto à forma sonata clássica. Cada uma, ao mesmo tempo, é um recomeçar, um novo ato de fé e, por conseguinte, incomparável em relação às demais. De suas sinfonias, as duas primeiras são grandiosas, melodiosas e com forte influência de Tchaikovsky. Na **Primeira** (1899), destaca-se o conteúdo épico e dramático. A **Segunda** (1902), com vitalidade exuberante, amplos ritmos e seu irresistível finale, faz com que ela seja uma das mais queridas obras do compositor. Da Sinfonia nº 3 em diante, o tom épico dos poemas sinfônicos passa a prevalecer. Na **Terceira** (1907), de efeitos estilísticos muito próprios, chama atenção a concentração sobre motivos singelos que são transformados e vão crescendo até que aparecem como culminação no final do desenvolvimento sinfônico. A **Quarta** (1911) é a mais patética de seu autor, podendo-se perceber nela o catastrófico estado de ânimo e a crise por qual o músico passava naqueles momentos. A **Quinta** (1915), a sinfonia mais popular de Sibelius, simboliza a recuperada estabilidade interior; foi interpretada como a profecia de uma luta pela liberdade. A brilhante e intangível **Sexta Sinfonia** (1923), com suas nuances de meios-tons, a clareza de suas polifonias e a limpidez que brota de seu canto, foi descrita pelo próprio Sibelius como 'um gole de água fria na primavera'. Na **Sétima Sinfonia** (1924), apresentada como 'Fantasia Sinfônica', a arte das transições como a das polirritmias é tão soberana que parece legítimo falar em 'metamorfoses' sinfônicas; é a apoteose da concentração - em seu único e poderoso movimento, as estruturas dos tempos se inter-relacionam e, ao mesmo tempo, funcionam como unidades independentes, com conclusões e princípios.

Sibelius, a partir de 1890, se deixou fascinar pelo *Kalevala*, um imenso poema épico finlandês que trata da criação do universo, a descida dos deuses à Terra e, acima de tudo, do próprio surgimento da Finlândia, originária das águas geladas dos mares setentrionais. O compositor o utilizou como inspiração de várias cantatas e poemas sinfônicos. Ampla repercussão teve o poema sinfônico **Finlândia** (1900), que representou para os finlandeses, dominados na época pela Rússia, uma exortação ardente à liberdade, e contribuiu para fazer de Sibelius um compositor 'nacional'. Entre outros poemas sinfônicos conhecidos, encontram-se **En Saga**, **Tapiola**, **A Filha de Pohjola**, **As Oceânides** e a **Suíte de Lemminkainen** ('Quatro Lendas para Orquestra'); nessa suíte encontra-se o impressionista **O Cisne de Tuonela**, onde um solo inesquecível de corne inglês simboliza o cisne a deslizar suavemente nas águas negras rumo a Tuonela (Reino dos Mortos), levando as almas dos mortos sob os acordes de uma música que não mais parece pertencer a este mundo, para a terra do repouso eterno. Essa peça famosíssima continua sendo executada em concertos, destacada do resto da suíte, que é, lamentavelmente, pouco conhecida. **Tapiola** é, sem dúvida, a principal obra de Sibelius neste gênero, e está para os bosques nórdicos como *La Mer*, de Debussy, está para o mar. Nela se evoca o poder da natureza com uma grandiosidade e um pavor terríveis; é um mundo em constante atividade, indiferente ao homem, despovoado.

Uma das peças mais conhecidas e famosas de Sibelius é a **Valsa Triste**, um dos quatro trechos da música de cena para o drama **Kuolema** ('A Morte'): esta 'valsa' em lento compasso de três por quatro, de um expressionismo ao mesmo tempo patético e lânguido,



Conservatório de Nova York - EUA

ilustra o episódio no qual uma viúva dança nos braços da morte, cren-
do ver nela seu defunto marido. Frequentemente executado pelos
grandes virtuosos, o **Concerto para Violino em Ré Menor, Op. 47**
(1903, revisto em 1905), é um daqueles concertos no estilo típico do
século XIX, cheio de exibicionismo, e com um primeiro movimento
fortemente 'sinfônico', seguido de um movimento cantabile, lírico,
às vezes sentimental, e um final galopante, de natureza rapsódica e
folclórica. A única obra de música de câmara de grande envergadura
da maturidade de Sibelius é o **Quarteto para Cordas em Ré Menor,**
'Voces Intimae' - foi escrito durante um período de depressão na
vida do compositor (em 1908, Sibelius teve um tumor na garganta
que se pensou ser um câncer). Nunca se explicou exatamente a
razão por que ele o denominou 'Vozes Íntimas'. Acredita-se que o
motivo possa ser encontrado no movimento lento, *Adagio di Molto*,
que é um de seus trechos mais pessoais: uma página tranquila, de
introspecção, na qual Sibelius parece estar à procura de sua própria
alma. Em 1929, publica suas últimas obras e se fecha em um silên-
cio quase definitivo em Järvenpää, onde virá a falecer quase trinta
anos mais tarde. As razões dessa renúncia nunca ficaram claras: a
autocrítica, a insatisfação com os desenvolvimentos políticos e mu-
sicais da Europa do pós-guerra, além da doença, podem ter desem-
penhado algum papel na sua decisão. A música de Sibelius sempre
suscitou opiniões bastante contraditórias: 'O pior compositor do
mundo', segundo o famoso regente René Leibowitz; 'O maior sin-
fonista desde Beethoven', para o seu biógrafo inglês Cecil Gray. No
entanto, atualmente, está mais vivo do que nunca, e grandes maes-
tros se esmeram na exploração de suas originais obras sinfônicas.

Na Dinamarca, o verdadeiro criador de uma escola nacional
foi **Carl Nielsen** (1865-1931), autor de admiráveis melodias e de
uma ópera cômica, **Maskerade**, que é para os dinamarqueses o
que *A Noiva Vendida* é para os tchecos. Estudou no Conservatório
de Copenhague e trabalhou como violinista e regente, dirigindo a
Orquestra Real dessa cidade (1908-1914). O estilo inicial de Nielsen
foi influenciado pela tradição romântica alemã, mas, em sua música
posterior, desenvolveu idioma eminentemente pessoal, usando har-
monias dissonantes e cromáticas, como também experimentações
mais ousadas. A evolução do músico dinamarquês pode ser seguida
através de suas seis sinfonias, criadas paralelamente às sete sinfo-
nias do finlandês Sibelius. No entanto, seus estilos são diferentes:
ao estilo solene, quase litúrgico, que Sibelius usou para descrever
os amplos espaços da Finlândia, contrapõe-se, no músico da pe-
quena Dinamarca, uma linguagem que dá mais atenção ao huma-
no, e onde introduz um elemento de conflito. Nielsen dá prioridade
ao dinamismo dos ritmos. Sua **Primeira Sinfonia** (1892) é obra de
caráter experimental que, pela primeira vez nesse gênero, come-
ça numa tonalidade e acaba em outra; ainda apresenta influências
de Brahms, Dvorák e Svendsen; a **Segunda** (1902), chamada de

'Os Quatro Temperamentos', mostra a enorme capacidade
do autor para a caracterização. A **Terceira** (1911), denominada
'Expansiva', é a mais sorridente, ensolarada e talvez a mais sensual
de suas sinfonias, uma espécie de Pastoral nórdica. A **Quarta** (1916),
a **'Inextinguível'**, é uma espécie de sinfonia em um movimento que
ambiciona representar tudo o que sentimos e pensamos sobre a
vida, isto é, tudo o que temos vontade de viver e agir, e que jamais se
extingue. Ela tem um conteúdo mais conflitivo; os contrastes vão se
sucendendo ininterruptamente, até o atrevido duelo final dos timbales.
Na **Quinta** (1922), Nielsen concebeu as duas partes da sinfonia de
modo quase antagônico - a primeira, exprimindo as contradições e
as fraquezas de uma humanidade presa nos instintos da destruição
e a segunda, reconciliando essa humanidade ferida consigo mesma
e suas mais nobres aspirações, com uma espécie de energia regene-
radora universal. Na **Sexta** (1925), denominada **'Sinfonia Simples'**,
o humor ríspido aparece incidentalmente, e muitas passagens tra-
zem a marca de angústias pessoais que Nielsen jamais conseguiu
exorcizar inteiramente. Página mestra da maturidade do composi-
tor é o **Quinteto para Sopros, Op. 43** (1922). Música de câmara
soberba, ela é considerada como autêntica obra-prima do século
XX para este tipo de formação. Foi composta para cinco amigos, e
Nielsen deu a cada um deles a música que se adequasse às suas
respectivas personalidades: a parte da flauta é gentil, a da clarineta
é impetuosa, a do fagote é abrupta e jocosa, e assim por diante. A
obra tem melodias de gênero folclórico e harmonias arejadas.

A Espanha redescobriu na segunda metade do século XIX um
riquíssimo patrimônio musical que havia abandonado por muito
tempo em benefício da música italiana. Os grandes músicos que
serão a glória da escola espanhola moderna, **Albéniz**, **Granados** e
De Falla, contemporâneos de Debussy e Ravel, deverão a orienta-
ção de seus gênios à zarzuela, às ideias de Felipe Pedrell (mestre de
Granados e de De Falla), a Liszt e à nova música francesa. Realizarão
em suas obras o que o Italianismo e o Wagnerismo ambientes ve-
daram a Pedrell realizar nas suas: a integração das tradições espe-
cificamente espanholas na perspectiva de uma revolução europeia.
Todos eles viveram na Paris da *Belle Époque* e, com exceção de
De Falla, aí fizeram uma parte de seus estudos. Trazem aos france-
ses maravilhados uma música bem diferente de *Carmen* de Bizet, da
Espanña de Chabrier ou da *Sinfonia Espanhola* de Lalo.

A importância que **Isaac Albéniz** (1860-1909) tem no panorama
musical reside no fato de ter colocado em prática a teoria de Pedrell,
isto é, que uma arte musical espanhola poderia ser construída sobre
os alicerces do canto popular. Além de adotar os processos técnicos
da autêntica música espanhola, utilizando seu estilo e ritmos, Albéniz
saturou suas obras com a cor e atmosfera da Espanha - o sangue
escaldante dos ciganos, o fulgor do sol ibérico e os sinuosos movi-
mentos da dança espanhola. De sua música desprende-se, também, ►

a fragrância do Oriente, perceptível em suas melodias ricamente ornamentadas e em sua opulenta harmonização. Escreveu centenas de peças para piano, a maioria delas com suas raízes mergulhadas na música criada pelo povo. Cobrem toda a gama que vai dos mais elementares estudos às mais complexas e difíceis obras de todo o repertório pianístico. Nos quatro volumes da suíte **Iberia** (1906-1909), sua obra-prima é um dos pontos altos do Pianismo moderno, onde Albéniz aplica a técnica mais elaborada até então conhecida, mostrando-se mais vigoroso na descrição da paisagem natal e da gente de seu País: o azul sedoso do céu, as noites de Granada repletas de ecos musicais, as festas coloridas e alegres de Sevilha, os ritos misteriosos e as danças fogosas do bairro cigano de Andaluzia. Cada peça tem seu brilho próprio, e da paixão à melancolia basta, às vezes, um acorde. Mais ainda que Ravel, Albéniz é o continuador de Liszt, de quem foi aluno e o acompanhou a Budapeste, Weimar e Roma. Enfraquecido pelas grandes extravagâncias de seus anos de juventude, morreu muito jovem.

Catalão como Albéniz, **Enrique Granados** (1867-1916) tinha um temperamento completamente diferente. As viagens jamais o atraíram. Estudou em Paris e estabeleceu-se em Barcelona. Prosseguiu, como seu compatriota, no trabalho de criar uma verdadeira literatura pianística espanhola. Suas linhas eram mais tênues que as de Albéniz, com uma sensibilidade e uma delicadeza remanescentes de Chopin. A nostalgia que sentia de uma Espanha do século XVIII encontra lugar em suas langorosas *tonadilhas* (canções, habitualmente com letras sobre tristonhos casos de amor) e em sua obra-prima, a suíte para piano **Goyescas**, impressões poéticas sobre quadros de Goya. A mais famosa dessas sete peças é a nº 4, *La Maja y el Ruiseñor* ('A Bela e o Rouxinol'). Nas **Doze Danças Espanholas**, Granados também conseguiu fundir, em grau soberbo, a requintada técnica pianística com os autênticos acentos espanhóis. As mais conhecidas são a nº 2 ('*Oriental*'), a nº 5 ('*Andaluzia*') e a nº 6 ('*Rondalla Aragonesa*'). Com o material de *Goyescas*, elaborou uma ópera com o mesmo nome. Ela foi aceita para ser encenada na Ópera de Paris em 1914, mas a Primeira Guerra impediu-o. Sua estreia ocorreu somente em 1916, no Metropolitan Opera House de Nova York, com a presença do compositor. Granados morreu afogado quando regressava à Europa, após o torpedeamento do *Sussex* por um submarino alemão.

Manuel De Falla (1876-1946) é o maior músico que a Espanha já conheceu desde Victoria (1548-1611) - o mais autêntico e mais interiormente espanhol. Ele assimilou em profundidade as características essenciais da música andaluza e da antiga música religiosa de seu País, que influenciaram em seu estilo mais original, sóbrio, intenso e rigoroso do que o de seus compatriotas. Embora tenha estudado no Conservatório de Madri e iniciado sua carreira escrevendo *zarzuelas* (óperas cômicas espanholas), De Falla somente veio

a encontrar seu estilo de compositor quando passou a morar em Paris (de 1907 a 1914), conhecendo Stravinsky, Picasso, Nijinsky e outros colaboradores dos *Ballets Russes* de Diaghilev. Também sofreu a influência de seus amigos Debussy, sendo os mais próximos Dukas e Ravel. Foi então que estabeleceu a síntese entre o intenso modernismo que eles lhe ensinaram e as prolongadas e plangentes melodias da música popular andaluza, com suas duras e secas harmonias de guitarra. O cuidado com a forma, a conclusão da expressão, a clareza e a sobriedade da instrumentação fazem de De Falla um 'clássico'. Sua produção não é imensa, e concede um lugar importante para a voz, até mesmo nas obras de música instrumental. Sua primeira grande obra foi a ópera **La Vida Breve** (1905), um quadro trágico da vida primitiva espanhola, em que ainda se constata a influência de *Carmen* de Bizet e de Mascagni. A obra vale mais pelo colorido do que pela dramaticidade. Nas **Sete Canções Populares Espanholas** (1914), picantes composições vocais captam admiravelmente a atmosfera espanhola em melodias simples e breves, com acordes despojados. Há um arranjo dessas peças para violino, violão e, também, como uma suíte para piano. Em 1915, De Falla compôs **El Amor Brujo**, um bailado inspirado na arte popular espanhola que extravasa sensualidade, do qual um trecho, a 'Dança Ritual do Fogo', conquistou as salas de concerto; no ano seguinte, escreveu uma das obras mais belas e comoventes do século XX, **Noches en los Jardines de España**, suíte composta de três impressões sinfônicas para piano e orquestra, que mescla a música popular espanhola com uma orquestração colorida que faz lembrar Rimsky-Korsakov. Dos três andamentos, o primeiro é o que apresenta uma atmosfera mais densa, fazendo uso de harmonias cintilantes e fluidas, enquanto os dois últimos são mais exuberantes e com ritmos mais vivos. Com o bailado **El Sombrero de Tres Picos** (1919), fogo de artifício de ironia alegre, claro, tonal, exuberante, sem paixão nem ambiguidade, a reputação de De Falla ficou firmemente estabelecida. Esta obra revela o compositor espanhol na sua faceta simultaneamente mais espirituosa, bulhosa, rítmica e lírica, tratando a orquestra quase como se fosse uma enorme guitarra. Obra espanholíssima é a sua ópera de câmara **El Retablo de Maese Pedro** (1923), baseada em excertos de *Dom Quixote de Cervantes*, em que De Falla realiza, pela primeira vez, seu ideal de pureza com uma perfeição exemplar. A simplicidade e a orquestra reduzida, com seu cravo preciso e reservado, além da salmodia com algumas notas não geram segura nem frieza, mas um humor e uma ternura incorpóreos. Depois do *Retablo*, De Falla tornou-se menos produtivo do ponto de vista musical. Distúrbios nervosos, somados à fragilidade da sua constituição, tornam o trabalho difícil e penoso. A sua última grande obra foi o **Concerto para Cravo**, escrito em 1926 para a virtuose polonesa Wanda Landowska. Os traumas da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) quase o mataram; em 1939, aceitou um convite para visitar a Argentina, onde viveu até a sua morte, em 1946. ■

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Smetana

- **Má Vlast ('Minha Pátria')**: Kubelik / Czech PO - Supraphon 11 1208-2 ou Talich / Czech PO - Supraphon 38262-9 ('Talich Edition' Vol. 6) ou Kubelik / Chicago SO - Mercury 434379-2.

- **O Moldava**: Szell / Cleveland O. - Sony 48264 ou Fricsay / Berliner Philh. - DG 'Originals' 463650-2 ou Stokowski / RCA Victor SO - RCA 'Living Presence' 61503-2 ('Rhapsodies').

- **Prodaná Nevesta ('A Noiva Vendida')**: Jindrak / Benacková / Kosler / 103511-2 (3 CDs).

- **Trio para Piano**: Trio Borodin - Chandos 8445 (+ Dvorák: Trio 'Dumky').

- **Quarteto para Cordas nº 1 ('Da Minha Vida')**: Lindsay Quartet - ASV 777 ou Panocha Quartet - Supraphon 34502.

Dvorák

- **Danças Eslavas**: Harnoncourt / Chamber OE - Teldec 857381038-2 ou Neumann / Czech PO - Supraphon 11 1959-2 ou Sejna / Czech PO - Supraphon 1916-2.

- **Sinfonias (Integral)**: Neumann / Czech PO - Supraphon 40902-9 (8 CDs) ou Kertész / London SO - Decca 430046-2 (6 CDs).

- **Sinfonias nºs 7 e 8**: Dorati / London SO - Mercury 434312-2.

- **Sinfonias nºs 7 e 9**: Kubelik / Wiener Phil. - Decca 'Legends' 466994-2.

- **Sinfonias nºs 7, 8 e 9**: Dohnányi / Cleveland O. - Decca 421082-2 (2 CDs).

- **Sinfonia nº 9 ('Do Novo Mundo')**: Harnoncourt / Concertgebouw O. - Teldec 3984 25254-2 ou Jarvi / Cincinnati SO - Telarc SACD 60616 ou Ancerl / Czech PO - Supraphon 40162 ou Horenstein / Royal PO - Chesky 31 ou Fricsay / Berliner Philh. - DG 'Originals' 463650-2.

- **Concerto para Violoncelo**: Fournier / Szell / Berliner Phil. - DG 'Virtuoso' 4784233 ou Ma / Masur / New York PO - Sony 67173 ou Rostropovich / Ozawa / Boston SO - Erato 45252-2 ou Rostropovich / Karajan / Berliner Phil. - DG 'Originals' 447413-2.

- **Quarteto de cordas nº 12 ('Americano')**: Prazák Quartet - Supraphon 250136 ou Vlach Quartet - Naxos 8.553371.

- **Quinteto para Piano e Cordas, Op. 81**: Richter / Borodin Quartet - Philips 412429-2 ou Curzon / Wiener Phil. Quintet - Decca 421153-2 ou Firkusny / Juilliard Quartet - Sony 48170.

- **Trio para Piano e Cordas nº 4 ('Dumky')**: Smetana Trio - Supraphon 38722 ou Florestan Trio - Hyperion 66895.

Janáček

- **Óperas (Integral)**: Mackerras / Wiener Phil. - Decca 475687-2 (9 CDs).

- **Jenufa**: Mackerras / Soderström / Wiener Phil. 'The Originals' 4758227 (2 CDs).

- **Kátya Kabanová**: Mackerras / Soderström / Wiener Phil. - Decca 'The Originals' 4757518 (2 CDs).

- **A Raposinha Esperta**: Mackerras / Popp / Randová / Jedlicka / Wiener Phil. - Decca 'The Originals' 4758670 (2 CDs).

- **Sinfonietta**: Mackerras / Wiener Phil. - Decca 448255-2 (2 CDs).

- **Missa Glagolítica**: Mackerras / Danish NRSO - Chandos 9310.

- **Quartetos para Cordas nºs 1 e 2 ('Cartas Íntimas')**: Skampa Quartet - Supraphon 3486-2.

Grieg

- **Peças Líricas**: Gilels - DG 'Originals' 449721-2.

- **Concerto para Piano e Orquestra**: Andsnes / Jansons / Berliner Phil. - EMI 394399-2 ou Kovacevich / Davis / BBC SO - Newton Classics 8802019 ou Arrau / Davis / Boston SO - Philips 412293-2 ou Curzon / Fjeldstad / London SO - Decca 448599-2.

- **Peer Gynt**: Ruud / Bergen PO - Bis 1441/42 (2 SACDs) ou Blomstedt / San Francisco SO - Decca 'Eloquence' 4804838.

- **Peer Gynt (Suítes nºs 1 e 2)**: Oramo / Birmingham SO - Warner 8573 82917-2 ou Jarvi / Estonian NSO - Virgin 545722-2.

- **Holberg Suíte**: Ruud / Bergen PO - Bis 1491 (SACD) ou Marriner / ASMF - Decca 'Legends' 470262-2 ou Maksymiuk / Studt / BBC Scottish SO / Bournemouth S. - Naxos 8.554050.

- **Sonatas para Violino e Piano**: Dumay / Pires - DG 437525-2 ou Kraggerud / Kjekshus - Naxos 8.553904.

DISCOGRAFIA SELECIONADA

- **Lieder (Canções):** von Otter / Forsberg - DG 4776326 ou Groop / Derwinger - Bis 637.

Sibelius

- **Sinfonias (Integral):** Vanska / Lahti SO - Bis ('Sibelius Edition' Vol. 12) 1933/37 (5 CDs) ou Berglund / Bournemouth SO - EMI 973600-2 (4 CDs) ou Davis / Boston SO - Decca 4783696 (5 CDs) ou Karajan / Kamu - DG 474353-2 (3 CDs).

- **Sinfonia nº 1:** Bernstein / Wiener Phil. - DG 474936-2 (3 CDs).

- **Sinfonia nº 2:** Ashkenazy / Philharmonia O. - Decca 410205-2.

- **Sinfonia nº 4:** Karajan / Berliner Phil. - DG 'Originals' 457748-2 (2 CDs).

- **Sinfonia nº 5:** Vanska / Lahti SO - Bis 863 (versões: original e revisada).

- **Sinfonia nº 7:** Berglund / London PO - London Philharmonic 0005.

- **Poemas Sinfônicos (Finlândia, Tapiola, O Cisne de Tuonela, Valsa Triste):** Karajan / Berliner Phil. - DG 413755-2.

- **Poemas Sinfônicos:** Vanska / Lahti SO - Bis ('Sibelius Edition' Vol. 1) 190002 (5 CDs).

- **Concerto para Violino:** Kavakos / Vanska / Lahti SO - Bis 500 (versões: original e revisada) ou Mullova / Ozawa / Boston SO - Philips 464741-2 ou Lin / Salomen / Philharmonia O. - Sony 89748 ou Chung / Previn / London SO - Decca 'Originals' 4757734.

- **Quarteto para Cordas 'Voces Intimae':** Emerson String Quartet - DG 4775960 ou Sibelius Academy Quartet - Finlândia 95851-2.

Nielsen

- **Música Orquestral:** Schönwandt / Dausgaard / Danish NOS - Dacapo 8.206002 (6 CDs).

- **Sinfonias. Aberturas. Concertos. Quinteto para Sopros. Música para Piano:** Blomstedt / Davis / Brown / Woldike / Danish RSO - EMI 519429-2 (7 CDs).

- **Sinfonias nºs 1, 2 e 3:** Blomstedt / San Francisco SO - Decca 460985-2 (2 CDs).

- **Sinfonias nºs 4, 5 e 6:** Blomstedt / San Francisco SO - Decca 460988-2 (2 CDs).

- **Sinfonias nºs 1 e 2:** Saraste / Finnish RSO - Warner 2524 60431-2.

- **Sinfonia nº 4 ('Inextinguível!')**: Martinon / Chicago SO - RCA 76237-2.

- **Sinfonia nº 5:** Bernstein / New York PO - Sony 47598.

- **Quinteto para Sopros, Op. 43 (Scandinavian Wind Quintets):** Oslo Wind Ensemble - Naxos 8.553050.

Albéniz

- **Coletâneas de Músicas Espanholas para Piano (Albéniz, Granados, De Falla etc.):** Larrocha - EMI 'Icon' 629486-2 (8 CDs) ou Block / Ciccolini / Llacuna / Soriano - EMI France 336139-2 (5 CDs) ou Sánchez / Meshulan / Ortiz - Brilliant 9255 (6 CDs).

- **Iberia, Suíte Espanhola etc.:** Larrocha - Decca 'The Originals' 4780388 (2 CDs) ou Sanchez - Brilliant 92398 (3 CDs) ou Gonzáles - Naxos 8.554311/12 (2 CDs) ou Hamelin - Hyperion 67476/7 (2 CDs).

- **Music of Spain (Transcrições para Violão):** Bream - RCA ('Julian Bream Edition', Vol. 25) 61602-2.

Granados

- **Coletâneas de Músicas Espanholas para Piano (Albéniz, Granados, De Falla etc.):** Larrocha - EMI 'Icon' 629486-2 (8 CDs) ou Block / Ciccolini / Llacuna / Soriano - EMI France 336139-2 (5 CDs) ou Sánchez / Meshulan / Ortiz - Brilliant 9255 (6 CDs).

- **Goyescas:** Larrocha - 'Double Decca' 448191-2 (2 CDs) (+ Iberia de Albéniz) ou Luisada - DG 457893-2.

- **Danças Espanholas:** Larrocha - Decca 414557-2 ou Larrocha - RCA 'Artistes Répertoires' 84610-2 (2 CDs) (+ Valsas Poéticas, Allegro di Concerto, El Pelele, Danza Lenta e Goyescas).

- **Danças Espanholas (Transcrições para Violão):** Barrueco - EMI 5869852 (+ De Falla: Sete Canções Populares Espanholas).

- **Music of Spain (Transcrições para Violão):** Bream - RCA ('Julian Bream Edition', Vol. 25) 61602-2.

DISCOGRAFIA SELECIONADA

De Falla

- **Coletâneas de Músicas Espanholas para Piano (Albéniz, Granados, De Falla etc.):** Larrocha - EMI 'Icon' 629486-2 (8 CDs) ou Block / Ciccolini / Llacuna / Soriano - EMI France 336139-2 (5 CDs) ou Sánchez / Meshulan / Ortiz - Brilliant 9255 (6 CDs).

- **Obras para Piano:** Heisser - Warner 'Apex' 2564601572.

- **El Amor Brujo. La Vida Breve. El Sombrero de Tres Picos. Noches en los Jardines de España. El Retablo de Maese Pedro. Psychè. Concerto para Cravo:** Ansermet / Burgos / Rattle / Gabarain / Berganza / Larrocha / Constable / London SO e London Sinfonietta - Decca 433908-2 (2 CDs).

- **El Sombrero de Tres Picos. El Amor Brujo:** Ansermet / Orquestre de la Suisse Romande - 'Decca Legends' 466991-2.

- **El Sombrero de Tres Picos. Concerto para Cravo:** Colomer / Joven Orq. Nacional de España - Auvidis Valois 4642.

- **Noches en los Jardines de España:** Perianes / Pons / BBC SO - Harmonia Mundi 902099 ou Barenboim / Larmore / Domingo / Chicago SO - Teldec 0630 17145-2 ou Larrocha - Decca 410289-2.

- **Sete Canções Populares Espanholas:** Los Angeles / Soriano / Burgos / Giulini / Orch Nacional de España e Phiharmonia O. - EMI 567590-2 (2 CDs) (+ La Vida Breve, El Amor Brujo e El Sombrero de Tres Picos).

- **Sete Canções Populares Espanholas (Transcrições para Violão):** Barrueco - EMI 5869852 (+ Granados: Danças Espanholas).

PROMOÇÃO: CD *Timbres*

CAVI
RECORDS



R\$ 20,00
sem frete incluso

Adquira já pelo e-mail: revista@clubedoaudio.com.br

ROMANTISMO - NACIONALISMO NA MÚSICA - ESCOLAS TCHECA, ESCANDINAVA E ESPANHOLA

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

CURIOSIDADES

- O nome de família do compositor nacionalista norueguês Edvard Grieg era, originalmente, escrito Greig, sendo de origem escocesa. Seu bisavô estabeleceu-se na Noruega em 1770.

- Grieg conheceu o compositor húngaro Franz Liszt em Roma, no ano de 1870, e em uma segunda visita trouxe a partitura de seu famoso Concerto para Piano para ele tocar; Liszt tocou a obra sem nenhum ensaio, impressionando a plateia, tanto com sua capacidade quanto em relação à beleza da obra. Grieg, porém, considerou que o movimento foi tocado depressa demais.

- Smetana, que tinha a reputação de ser o pai da música nacionalista tcheca, nasceu em uma época onde a Boêmia e a Morávia, que hoje compõem a República Tcheca, eram províncias da monarquia da Casa de Habsburgo, também conhecida como Império Austríaco e, portanto, local onde o alemão era a língua oficial. Com isso, seu aprofundado e correto conhecimento da língua tcheca se deu muito tempo depois.

- Enquanto estudante em Praga, Smetana conheceu o compositor alemão Robert Schumann e sua esposa Clara, para quem apresentou sua Sonata em Sol Menor. O casal Schumann, porém, considerou que a obra soava 'Berlioz' demais.

- Dotado de forte autocrítica, Sibelius, em 1945, queimou uma enorme quantidade de manuscritos de suas partituras na lareira da sala de sua casa, incluindo, segundo sua esposa Aino, partes da suíte Karelia. Disse Aino também que, depois desse ato, Sibelius ficou mais calmo e com melhor humor.

- Sibelius e Mahler eram considerados rivais na produção de suas sinfonias.

Em 1907, Mahler visitou a Finlândia e, em uma conversa entre os dois compositores, Sibelius afirmou que, em uma sinfonia, a severidade do estilo e a lógica eram fatores que criavam a conexão entre todos os motivos musicais. Mahler manifestou opinião contrária, de que uma sinfonia deveria ser como o mundo, abraçando tudo.

- Logo após assumir a direção do Conservatório Nacional de Música de Nova York, nos EUA, em 1892, Dvorák escreveu uma série de artigos onde defendia que a música nativa norte-americana e a música afro-americana deveriam ser usadas como fundação para o crescimento da música norte-americana.

- Isaac Albéniz era considerado de tal maneira uma criança prodígio musical, criando um mito popular de que ele, aos 12 anos de idade, havia fugido sozinho para Buenos Aires e depois para Cuba, EUA, Liverpool, Londres e Leipzig, ganhando a vida fazendo concertos. A verdade é que ele viajou bastante, mas acompanhado de seu pai.

- Durante a Primeira Guerra Mundial, Enrique Granados apresentou-se em Nova York e, a pedido do então presidente Woodrow Wilson, fez um recital particular que o fez perder seu navio direto de volta à Espanha. Tomou então um navio para a Inglaterra e, de lá, uma balsa do Mar do Norte para a França. A balsa foi afundada por um submarino alemão, que causou a morte do compositor. Foi a primeira e última viagem de navio de Granados, que sofria de medo do mar.

- Manuel De Falla, em 1893, então com 17 anos de idade, inspirado por um concerto que assistiu com a obra do compositor norueguês Edvard Grieg, declarou que a vocação definitiva de sua vida era a música.

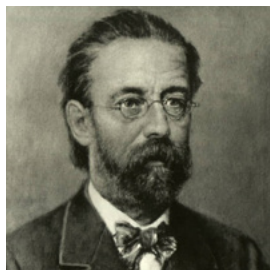
LINHA DO TEMPO

1824 - Nasce o compositor tcheco Bedrich Smetana.	1865 - Nasce o compositor finlandês Jean Sibelius.
1825 - Estreia a 9ª Sinfonia de Beethoven na Inglaterra.	1866 - Estreia da ópera A Noiva Vendida, de Smetana, em Praga.
1827 - Morre o compositor alemão Ludwig van Beethoven.	1867 - Nasce o compositor espanhol Enrique Granados.
1841 - Nasce o compositor tcheco Antonín Dvorák. Felix Mendelssohn se torna diretor do Conservatório de Leipzig.	1874 - Estreia de Ma Vlast, obra-prima de Smetana.
1842 - Fundação da Orquestra Filarmônica de Nova York.	1876 - Nasce o compositor espanhol Manuel De Falla. Grieg compõe Peer Gynt.
1843 - Nasce o compositor norueguês Edvard Grieg.	1884 - Morre Bedrich Smetana.
1854 - Nasce o compositor tcheco Leos Janáček.	1894 - Sibelius compõe Finlândia.
1856 - Henry Engelhard Steinway cria seu primeiro Grand Piano.	1901 - Estreia da ópera Rusalka, de Dvorák, em Praga.
1860 - Nasce o compositor espanhol Isaac Albéniz.	1957 - Morre Jean Sibelius.

PRINCIPAIS COMPOSITORES



Edvard Grieg: nascido em Bergen, na Noruega, em 1843, de pai comerciante e mãe professora de música, com quem começou a aprender o piano aos seis anos de idade. O violinista Ole Bull, amigo da família, reconheceu o talento de Grieg e convenceu seus pais a enviá-lo para o Conservatório de Leipzig, na Alemanha, então dirigido pelo compositor e virtuoso Ignaz Moscheles. Dois anos depois, uma doença deixou-o com um só pulmão e com problemas de saúde para o resto da vida. Terminando seus estudos, retornou à terra natal e depois para Copenhaga. Casou-se com sua prima Nina Hagerup, que faleceu em seguida de meningite. Logo após, tornou-se maestro da Filarmônica de Bergen e, tempos mais tarde, seu diretor artístico. No início do século XX, gravou suas obras para piano em discos de 78 RPM e também em rolos para pianola. Faleceu no outono de 1907, aos 64 anos. Estima-se que 40 mil pessoas compareceram ao seu enterro.

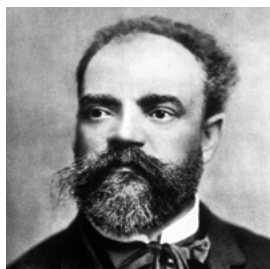


Bedrich Smetana: nascido em Litomysl, em 1824, perto da fronteira entre a região da Boêmia e da Morávia, na atual República Tcheca. Smetana foi introduzido à música por seu pai, músico amador e cervejeiro do Conde Waldstein, e aos seis anos de idade apresentou-se pela primeira vez. Quando a família mudou-se para o sul da Boêmia, começou a estudar violino e piano e a compor pequenas peças musicais. Após completar seus estudos normais, foi estudar música em Praga com Josef Proksch. Durante a revolução de 1848, compôs suas primeiras obras com temática nacionalista, porém não conseguiu estabelecer carreira e mudou-se para a Suécia, onde foi mestre do coro e professor em Gotemburgo, onde casou-se duas vezes e teve seis filhas. Na década de 1860, retornou a Praga, onde, apesar do nacionalismo de sua música, identificou-se com as ideias de Franz Liszt e Richard Wagner. Surdo em 1874, dedicou-se à composição, falecendo dez anos depois, após um colapso mental.



Jean Sibelius: nascido em Hämeenlinna, no sul da Finlândia, em 1865. Aos 15 anos de idade, decidiu tornar-se um violinista virtuoso, chegando até a apresentar-se em Helsinki. Após os 20 anos, passou a cursar Direito, curso que logo largou a favor de seu interesse maior, a música, passando primeiro a estudar na Escola de Música de Helsinki (atual Academia Sibelius), depois em Berlim com Albert Becker e, finalmente, em Viena. Em 1892 casou-se com Aino Järnefelt, com quem teve seis filhas, e mudou-se para sua propriedade Ainola, no Lago Tuusula. Fez longas viagens ao exterior, passando por Viena, Berlim, países escandinavos, Reino Unido, França, EUA e Canadá. Foi um dedicado maçom, chegando a escrever música ritual maçônica. Viveu a maior parte dos últimos 30 anos de sua vida recluso, junto à natureza, em Ainola, onde faleceu aos 91 anos de hemorragia cerebral.

PRINCIPAIS COMPOSITORES

22
ANOS
MAG

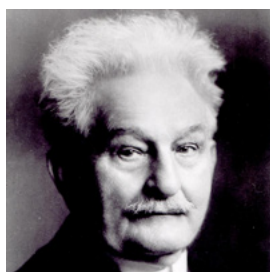
Antonín Dvořák: nascido na vila de Nelahozeves, na Boêmia (hoje República Tcheca), em 1841. Começou a estudar música em sua vila aos seis anos de idade, e depois na escola de organistas de Praga, especializando-se em violino e viola. Tornou-se, na década seguinte, violinista da Orquestra Provisória do Teatro da Boêmia, regida por Bedrich Smetana, e dando aulas de piano para complementar seus ganhos. Ocupou, até 1877, a posição de organista da Igreja de Saint-Ethelbert. Viajando bastante, recebeu o título de doutor honoris causa das Universidades de Cambridge, Viena e Praga. Em 1892 ocupou o cargo de diretor do Conservatório de Nova York, retornando três anos depois ao cargo de professor no Conservatório de Praga. Faleceu aos 63 anos, em 1904, por consequência de um derrame.



Isaac Albéniz: nascido na província de Girona, na Catalunha, em 1860. Foi uma criança prodígio, apresentando-se como músico já aos quatro anos de idade. Aos sete anos tentou entrar no Conservatório de Paris, mas foi recusado por ser muito jovem. A partir dos nove anos, apresentou-se durante anos, acompanhado pelo pai, em vários países. Após breve período no Conservatório de Leipzig, em 1876 foi estudar no Conservatório Real de Bruxelas. Casou-se com Rosina Jordana, com quem teve três filhos. A partir de 1889 viajou por toda a Europa como concertista, obtendo várias encomendas para a composição de óperas. Depois de 1900 passou a sofrer de insuficiência renal crônica e voltou a compor obras para piano. Faleceu em 1909, aos 48 anos, em Cambo-les-Bains.



Enrique Granados: nascido em Lérida, na Espanha, em 1867. Começou cedo seus estudos de piano em Barcelona, com Francisco Jurnet e Joan Baptista Pujol. Depois, em 1887, foi à França tentar a admissão ao Conservatório de Paris, mas acabou por ter aulas particulares com o professor do conservatório Charles-Wilfrid de Bériot, refinando sua afinação, técnica e improvisação, e com o catalão Felip Pedrell, retornando para Barcelona em 1889. Seus primeiros sucessos vieram no fim da década de 1890, com a zarzuela Maria Del Carmen, que atraiu a atenção do Rei Alfonso XIII da Espanha. Em janeiro de 1916 estreou em Nova York sua ópera baseada em Francisco de Goya, onde também fez várias gravações de rolos para pianolas. Perdendo seu navio direto para a Espanha, retornou em um navio para a Inglaterra, onde pegou a balsa Sussex em direção à França. A balsa foi torpedeada por um submarino alemão, e Granados afogou-se tentando salvar sua esposa.



Leos Janáček: nascido em Hukvaldy, na Morávia (hoje República Tcheca), em 1854. Começou a demonstrar seu dom musical quando criança, cantando no coral. Com 11 anos entrou para a fundação da Abadia de São Tomás em Brno, cantando no coral e ocasionalmente tocando órgão. Entrou para a escola de organistas de Praga com a intenção de estudar piano e órgão e, eventualmente, dedicar-se completamente à composição. Retornou para Brno, onde ensinava música e regia coros amadores e, em 1876, chegou a ser mestre do coro e regente da Filarmônica de Beseda Brněnská. Em 1902 visitou a Rússia com sua filha Olga, que adoeceu e faleceu no ano seguinte, levando-o a dedicar sua ópera Jenufa à sua memória. Jenufa somente foi aceita no Teatro Nacional de Praga 13 anos depois. Faleceu em Ostrava, na Morávia, de pneumonia, em 1928.



Manuel De Falla: nascido em Cádiz, na Espanha, em 1876. Começou quando criança a aprender música com sua mãe e seu avô. Aos nove anos, teve aulas de piano com Eloísa Galluzo, e depois com Alejandro Otero. Com Enrique Broca, estudou técnicas de harmonia e contraponto. Logo se mudou para Madrid, onde estudou no Real Conservatorio de Música Y Declamación, e estudou piano com José Tragó, colega de Isaac Albéniz, e composição com Felip Pedrell, com quem aprendeu a gostar da música da Andalusia, que influenciou profundamente seu trabalho. Em 1907 mudou-se para Paris, onde conheceu vários compositores que influenciaram seu estilo, como os impressionistas Debussy e Ravel. Após a declaração da Primeira Guerra, retornou para Madrid e, depois, para Granada. Faleceu em 1946, na província de Córdoba, na Argentina, de parada cardíaca.

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
i "movieplaydigital"

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.



ROMANTISMO - NACIONALISMO NA MÚSICA - ESCOLAS TCHECA, ESCANDINAVA E ESPANHOLA - VOL. 7

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Um dos temas mais ricos do repertório do Romantismo é o dos compositores nacionalistas, aqui exemplificados pela escola escandinava com Grieg e Sibelius, pela escola tcheca com Dvorák, Janáček e Smetana e pela escola espanhola com Falla, Albéniz e Granados. Mais uma vez, o espaço limitado de um CD, além do compromisso em apresentar movimentos e trechos completos, sem cortes ou edições, resultou em não conseguirmos ilustrar todas as vertentes e todos os compositores do Romantismo nacionalista. Compositores como Sibelius, Dvorák e Smetana possuem uma bela e extensa obra que, por si só, já valeriam um CD para cada um.



**FAIXA 1 - EDVARD GRIEG (1843-1907) - CONCERTO PARA
PIANO EM LÁ MENOR - I. ALLEGRO MOLTO MODERATO (1868) -
(NAXOS 8.571206, FAIXA 6)**

Uma das obras mais populares do repertório de Grieg, e um dos mais emblemáticos concertos para piano do repertório, o Concerto para Piano em Lá Menor é o único finalizado pelo compositor. Composto em 1868, na Dinamarca, quando ele tinha apenas 24 anos, essa obra - além da forma - tem várias semelhanças com o Concerto para Piano de Robert Schumann. Além de Grieg ter ouvido Clara Schumann tocar o concerto do marido em Leipzig, no ano de 1858, ele foi grandemente influenciado pelo estilo de Schumann. O concerto, que já mostra influências da música folclórica norueguesa em sua forma, estreou em 3 de abril de 1869 nas mãos do pianista norueguês Edmund Neupert, em Copenhague. Entre os que assistiram ao concerto, estava o pianista russo Anton Rubinstein, que emprestou o piano para a apresentação. Foi o primeiro concerto para piano a ser gravado, em 1909, em performance do pianista alemão Wilhelm Backhaus.



FAIXA 2 - BEDŘICH SMETANA (1824-1884) - MÁ VLAST - Nº 2 VLTAVA (MOLDAU) (1879) - (NAXOS 8.50931, FAIXA 2)

Má Vlast (Minha Pátria) é uma série de seis poemas sinfônicos compostos entre 1874 e 1879 que, apesar de terem sido concebidos como peças separadas, são geralmente apresentados ou gravados em conjunto. Também estrearam separadamente, entre 1875 e 1880, sendo que a primeira vez que foram tocados juntos foi em 5 de novembro de 1882, em Praga. Sendo um exemplo notável da combinação da forma de poema sinfônico criada por Franz Liszt com os ideais da música nacionalista, cada poema mostra a história e as lendas de uma parte da região da Boêmia, hoje República Tcheca. O poema mostrado aqui, Vltava ou Moldau, é o mais famoso do ciclo, falando dos sons e da beleza de um dos principais rios da região. Contém a melodia mais famosa de Smetana, baseada em La Mantovana, obra atribuída ao tenor renascentista Giuseppe Cenci.



FAIXA 3 - JEAN SIBELIUS (1865-1957) - KULLERVO - V. A MORTE DE KULLERVO (1892) - (NAXOS 8.553756, FAIXA 5)

Composto por Sibelius aos 27 anos, é um poema sinfônico baseado no personagem Kullervo do poema épico Kalevala, originário do folclore e da mitologia finlandeses. Por ser escrita na língua finlandesa, a obra gerou controvérsia à época, por causa do País dividido entre os nacionalistas finlandeses e suecos. O poema sinfônico completo é a crônica da vida heroica e trágica do personagem Kullervo, sendo o último movimento, apresentado aqui, sobre sua morte. Estreou em 29 de abril de 1892, com o compositor regendo a recém-fundada Orquestra de Helsinki. Foi uma das quatro apresentações da obra feitas durante a vida de Sibelius, que somente permitiu a publicação da mesma no fim de sua vida, em 1957.



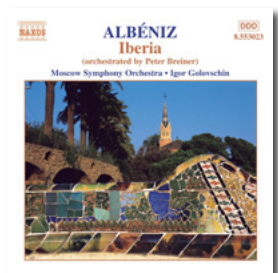
FAIXA 4 - ANTONÍN DVORÁK (1841-1904) - SINFONIA Nº 9 'DO NOVO MUNDO' - III. SCHERZO: MOLTO VIVACE (1893) - (NAXOS 8.570714, FAIXA 4)

Composta em 1893, durante o período em que era diretor do Conservatório de Nova York, a sinfonia popularmente conhecida como 'Do Novo Mundo' é a obra mais conhecida e tocada de Dvořák, com a influência das melodias dos spirituals afro-americanos em sua composição. A sinfonia estreou em 16 de dezembro de 1893 no Carnegie Hall, sob a batuta do regente húngaro Anton Seidl, sendo até hoje uma obra muito popular e sempre profusamente aplaudida. O astronauta norte-americano Neil Armstrong levou uma gravação da sinfonia

DISCOGRAFIA

22
ANOS
NAXOS

‘Do Novo Mundo’ na missão Apollo 11 da NASA, que pousou na Lua pela primeira vez, em 1969.



FAIXA 5 - ISAAC ALBÉNIZ (1860-1909) - IBERIA - LIVRO IV: JEREZ (1909) - (NAXOS 8.553023, FAIXA 11)

No final de sua vida, sofrendo de insuficiência renal crônica, Albéniz voltou-se às composições para piano e, no ano de sua morte, finalizou sua obra-prima: Iberia, uma suíte de 12 peças para piano que recebeu grandes elogios de compositores como o francês Claude Debussy, principalmente por seu estilo impressionista e evocativo da Espanha. Iberia é dividida em quatro ‘livros’, sendo que cada um foi apresentado separadamente, à medida que eram finalizados, entre 1906 e 1909. O Livro IV, que contém a faixa Jerez aqui apresentada, estreou em 9 de fevereiro de 1909, na Société Nationale de Musique, em Paris.



FAIXA 6 - ENRIQUE GRANADOS (1867-1916) - GOYESCAS - SERENATA GOYESCA (1911) - (NAXOS 8.554403, FAIXA 8)

Composta de seis peças baseadas nas pinturas do mestre romântico espanhol Francisco de Goya, foi finalizada pelo compositor em 1911. Considerada como obra-prima de Granados, Goyescas faz parte do repertório padrão de piano do Romantismo. A quarta parte da suíte, a mais conhecida, inspirou a compositora mexicana Consuelo Velázquez a compor a canção Bésame Mucho, em 1940. Goyescas foi composta em duas partes: o Livro I estreou no Palau de la Música Catalana, em Barcelona, em 11 de março de 1911, e o Livro II estreou na Salle Pleyel,

em Paris, em 12 de abril de 1914, ambas com a performance do próprio compositor.



FAIXA 7 - LEOS JANÁČEK (1854-1928) - TARAS BULBA - II. SMRT OSTAPOVA (A MORTE DE OSTAP) (1918) - (NAXOS 8.572695, FAIXA 2)

A rapsódia para orquestra Taras Bulba, considerada uma das mais poderosas obras de Janáček, é baseada no livro homônimo do escritor russo Nikolai Gogol, tendo sua primeira versão em 1915, porém sendo revisada e modificada pelo compositor até 1918. A obra, que foi dedicada por Janáček ao ‘nosso exército, o protetor armado de nossa nação’, estreou em 9 de outubro de 1921, no Teatro Nacional de Brno, na atual República Tcheca, sob a batuta de František Neumann.



FAIXA 8 - MANUEL DE FALLA (1876-1946) - EL SOMBRERO DE TRES PICOS - PARTE II: DANZA FINAL (JOTA) (1919) - (NAXOS 8.557800, FAIXA 21)

Logo após o início da Primeira Guerra Mundial, Falla, que estava em Paris, retornou a Madrid, onde compôs várias de suas obras mais conhecidas, entre elas o balé El Corregidor y la Molinera, que depois de uma revisão foi rebatizado para El Sombrero de Tres Picos, baseado na novela de mesmo nome do escritor espanhol Pedro Antonio de Alarcón. A obra foi comissionada à Falla por Sergei Diaghilev, da companhia russa itinerante de balé Ballets Russes, tendo os cenários e roupas desenhadas pelo famoso artista espanhol Pablo Picasso em sua estreia, em Londres, no Alhambra Theatre, em 22 de julho de 1919. ■



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA SINFÔNICA ROMANTISMO - NACIONALISMO - VOL. 07

A Editora AVMAG disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD
HISTÓRIA DA MÚSICA: ROMANTISMO - NACIONALISMO - VOL. 07:

- | | |
|------------|------------|
| ▶ Faixa 01 | ▶ Faixa 05 |
| ▶ Faixa 02 | ▶ Faixa 06 |
| ▶ Faixa 03 | ▶ Faixa 07 |
| ▶ Faixa 04 | ▶ Faixa 08 |

COLEÇÃO MUSICIAN HISTÓRIA DA MÚSICA CLÁSSICA

A Editora AVMAG dará a oportunidade para você, que na época do lançamento, não conseguiu adquirir a coleção completa em CD.

Para isso, basta enviar-nos um e-mail, com essa solicitação.
O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de SEDEX.
NÃO PERCA TEMPO!!!



Adquira já pelo e-mail
revista@clubedoaudio.com.br





HIGH BIT-RATE OU SIMPLEMENTE HB-R

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br



Foi em meados de julho que recebi um telefonema do Carlos de Andrade, da Visom Digital, falando que iria me enviar alguns DVDs que haviam sido modificados disponibilizando uma qualidade superior em tratamento de imagem e áudio, graças a uma menor taxa de compressão de seus conteúdos audiovisuais.

O processo batizado de HB-R (High Bit-Rate) foi desenvolvido pela própria Visom Digital e consiste em três fases distintas: escolha dos melhores filmes que poderão passar pelo processo de refinamento, seguido de estudo minucioso pela Visom Digital do material, estabelecendo parâmetros de cor, contraste e brilho para cada uma das sequências filmadas compensando as perdas provenientes de compressões extremas do formato MPEG-2 (o algoritmo utilizado nos DVDs). O próximo passo é a utilização do sistema Sonic Solutions-Creator e Scenarist SD para a definição do nível de compressão ideal para cada parte do filme observando mudanças de ambientação, luminosidade, textura e velocidade. Depois de feito este trabalho de forma quase que artesanal, como se estivesse editando novamente o filme, passa-se para a última etapa na qual se estabelece manualmente quais cenas deverão ser recodificadas para que se obtenha o melhor desempenho do algoritmo de compressão. Esse processo, chamado de segment re-cording, é a fase

mais complexa e delicada do processo, posto que é preciso recodificar cena a cena observando-se as sequências de fotogramas e otimizando seus parâmetros individuais.

Paralelamente, a Visom Digital em seu estúdio de áudio realiza uma remasterização do áudio multicanal e estéreo do filme e extras, otimizando sua espacialização, equalização, volume dinâmica e emprestando ao espectador a dramaticidade dos estúdios de finalização de Hollywood.

A tecnologia HB-R tem por meta ampliar a capacidade sensorial do telespectador de uma forma totalmente nova. Para a nossa avaliação, a Europa Filmes nos enviou quatro filmes em publicações originais e em versão HB-R. Foram eles: Piaf - Um Hino Ao Amor, O Som Do Coração, O Pianista e Tristão e Isolda. Em edições extremamente bem cuidadas de luxo, a versão HB-R possui 2 discos - filme e extras.

Para o teste, utilizamos O Blu Ray da Oppo modelo BDP-83, TV de plasma Panasonic Viera de 42 polegadas Full HD, Receiver Cambridge Áudio Azur 340 R, caixas para home theater AAD Reference e Mordaunt Short Alumni para 2.0, amplificador integrado MBL 7008 e caixas PSB Imagine T. Cabos HDMI da Oppo e Logical Cables, caixas Van den Hul - Clear Water e de interligação The Name da Van den Hul e Ethernity da Logical Cables. Como eu não

havia assistido no cinema Piaf, este foi o primeiro DVD que abri. Comecei por ver a versão original e, depois de algumas anotações, passei para a versão HB-R.

Foi um choque tanto em termos visuais como de áudio. A começar pelo grau de inteligibilidade de detalhes como barulho de rua, sons ambientes, na relação de volume dos instrumentos e voz de Piaf. Os diálogos ganharam maior presença, tornando o espectador ainda mais presente e cúmplice.

É notória a força que uma imagem exerce em nosso cérebro. E a forma mais honesta de descrever a experiência de assistir a versão HB-R é que realmente realizamos uma viagem sensorial muito mais profunda e focada.

A segunda experiência foi rever o Pianista pela décima vez. Foi comovente perceber o grau e interpretação e entrega de Adrien Brody, não somente através de suas feições, mas também do esforço físico que ele impõe no começo de sua heroica sobrevivência em que seus gestos são firmes e depois, com o passar do tempo, e com o longo processo de inanição, já sem forças, ele vai se entregando. Na versão HB-R, o áudio de seus movimentos pelos escombros de Varsóvia vão se tornando cada vez mais sutis e se percebe nitidamente o grau de perfeccionismo de toda a equipe de filmagem em tornar cada cena o mais realista possível.

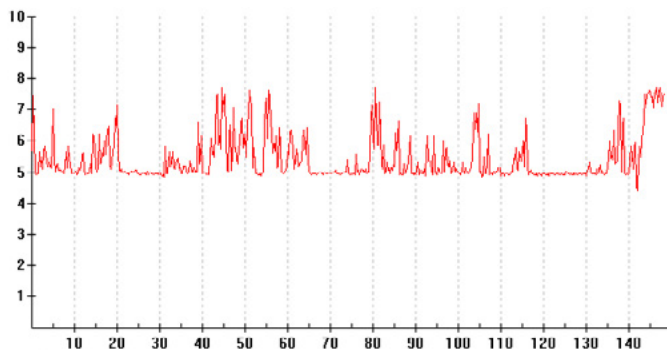
No processo HB-R, o grau de inteligibilidade do processo de degradação moral e física é retratado de forma excepcional também através do áudio. Para os fãs de batalhas épicas, Tristão e Isolda deve realmente ser um deleite. As imagens com menor compressão na versão HB-R realmente fazem grande diferença. Melhor contraste, cores mais naturais e um áudio extremamente realista, colocando o telespectador dentro da batalha (principalmente em 5.1).

A tecnologia HB-R é a prova que, quanto menor for a compressão do vídeo e do áudio, maior será o prazer em assistir grandes filmes. Trata-se de uma enorme evolução e que foi desenvolvido totalmente no Brasil por uma das mais importantes empresas de autoriação de DVDs na América Latina: a Visom Digital.

Com a tecnologia HB-R, qualquer cinéfilo realmente realizará seu sonho de possuir versões definitivas de seus filmes preferidos. Esperamos sinceramente que a Europa Filmes não pare por aqui e lance em um curto espaço de tempo muitos outros títulos.

Consumidores ávidos por produtos de melhor qualidade certamente agradecerão e farão o que for preciso para possuir a versão HB-R. ■

O Pianista (DVD de 2003) - 5.44 Mb/segundo (média)



O Pianista (DVD HB-R de 2009) - 6.72 Mb/segundo (média)

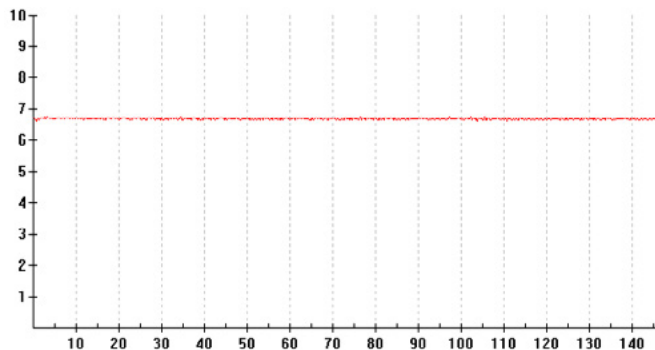


Gráfico comparativo entre os dois DVDs, onde na versão HB-R apresenta uma maior taxa de transferência.

Imagens dos gráficos - Blog do Jotacê.



O PACTO

Quando estudava na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, um professor me disse que para conhecer verdadeiramente o jazz deveria primeiro me concentrar na “raiz” antes de apreciar os frutos. Ele, obviamente, estava falando do Blues.

Lembro do impacto que aquela proposta me causou, fazendo-me sair alucinado em busca de livros e discos do gênero. Eram

tempos difíceis e com a reserva de mercado as gravadoras lançavam muito poucos discos (a maioria coletâneas), e os discos importados tinham um preço proibitivo.

Poucos amigos se interessavam pelo blues, assim, tive que me contentar com o que tinha na época, como as gravações do Cream, Jimi Hendrix, Muddy Water, B.B. King, Eric Clapton e Jonh ►

Lee Hooker. Só nas décadas de 80 e 90 é que voltei a ter acesso a documentários e discos essenciais para conhecer a fundo o blues.

No entanto, neste período, meu interesse já havia se diluído e a paixão pela música clássica já havia determinado que todo dinheiro que sobrasse seria gasto na compra de obras obrigatórias.

Dos mais de 9 mil discos (entre CDs e LPs) que possuo, diria que somente 1% é de blues.

Finalmente, quase 40 anos depois, me redimo ao encontrar uma coleção de 7 DVDs lançado no Brasil pela Focus Filmes, em edição especial e série limitada com direção de Martin Scorsese e mais seis diretores convidados que contam a história do Blues de forma documental. São eles: Marc Levin que conta a trajetória da gravadora Chess Records através do produtor Sam Lay (filho do fundador da gravadora); Wim Wenders que nos fala que aceitou a proposta imediatamente, já que sempre teve uma forte identificação com o Blues: “Essas músicas significam o mundo para mim.

Quando as escuto, sinto que existe mais verdade nelas do que em qualquer livro que li sobre a América”; Clint Eastwood que afirma: “O blues sempre fez parte de minha vida e o piano tem um significado especial, começando quando minha mãe trouxe para casa todos os discos de Fats Waller”.

Na entrevista com Ray Charles, ambos lado a lado no piano é imperdível!; Richard Pearce diz: “O blues é a chance de celebrar uma das últimas e verdadeiras formas de arte americana, chegaremos lá antes que seja tarde demais”; Mike Figgis conta: “Sempre fiquei curioso em entender a agitação que o Blues causava entre os músicos europeus. Então juntei um grupo de músicos ingleses apaixonados por Blues e deixei que eles falassem através da música o que era aquele sentimento”.

Entre os músicos reunidos estão: Jeff Beck, Jon Cleary e o próprio Mike Figgis. E por fim, temos a própria visão de Martin Scorsese: “A cultura de contar histórias através das músicas é incrivelmente fascinante e atrativa para mim. O blues tem um grande eco emocional”.

Ainda que você não seja um fã incondicional do gênero, acredite amigo leitor, vale a pena, pois trata-se de uma jornada musical fascinante. Como certa vez disse Miles Davis: “O blues é o único gênero musical que não possui sombra”.

Esse é um excelente presente para dar a si mesmo! ■



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas *Áudio Ví-deo Magazine* e *Musician Magazine*. É organizador do *Hi-End Show* (anteriormente *Hi-Fi Show*) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de *Percepção Auditiva*, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415
www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG



VENDAS E TROCAS

VENDO

- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital RCA - 1 m (com caixa). R\$ 3.900.
- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital USB - 1 m (com caixa). R\$ 4.300,00
- Cabo Chord Company Sarum Super Array digital DIN 3 pinos - 1 m (sem caixa). R\$ 3.900
- Cabo de caixa Chord Company Sarum banana x banana - 3 m (com embalagem original). R\$ 17.200

Allan

allanhiend73@gmail.com

VENDO

- DCS Paganini - três peças (DAC + Transporte + Clock) 220 V - comprado em 2008, na Ferrari Technologies. Possui caixa com manual e controle remoto. Testado na edição 131 da Revista AVM.
- Interconnects VDH entre as três peças + 03 Cabos de força cabo de força Transparent Power Link MM de 1,5 m. R\$ 95.000.

Andrés Kokron

(11) 98584.3351

avkokron@gmail.com

VENDO

- CD SACD Player Accuphase DP-720, considerado melhor CD Player integrado do mundo pela revista Stereoplay Alemã. Menos de 1 ano de uso, aparelho está como zero, 120 V, 28 Kg. R\$ 38.000.
- Aurender A10 Music Server e Player, 4TB, 120GB, 120V. Lançamento da Aurender, estado de zero. R\$ 24.000.
- CD Player Hegel Mohican, 120 V. Lançamento da Hegel, aclamado mundialmente por todas publicações especializadas, estado de zero. R\$ 13.800.
- Cabo de Caixa Kubala Sosna Elation, 2,5 metros. R\$ 14.000.

Valdeci Silva

(44) 99957.6906

valdeci.vgds@gmail.com

1.



2.



3.



4.



5.



6.



VENDO

1. Cápsula Transfiguracion Proteus, sem uso. Impecável. Preço excepcional.
2. Condicionador Shunyata modelo Guardian Pro Modelo 6, em excelente estado. Excepcional para a melhora de sistemas digitais e imagem. Por apenas US\$ 850
3. Koetsu Rosewood Signature Platinum. U\$ 7.495.
4. Cabo Ortofon Reference Black. R\$ 2.800.
5. Toca-discos Air Tight T-01 sem braço e sem cápsula. R\$ 25.000.
6. Braço Jelco. R\$ 5.800.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

A proteção do seu sistema

Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100



O MELHOR SOM ALIADO A MAIS ALTA TECNOLOGIA



NOVA LINHA DE RECEIVERS YAMAHA AVENTAGE RX-Ax70

A nova linha de Receivers AV Yamaha AVENTAGE RX-Ax70 apresenta o que existe de melhor em áudio e em vídeo.

Além das tecnologias Dolby Atmos e DTS:X aprimorando a imersão sonora em até 7.2.4 canais* com áudio tridimensional, agora os receivers possuem HDR e o padrão Dolby Vision que conferem cores mais vívidas e maior extensão de contraste juntamente com upscaling para 4K Ultra-HD.

A linha AVENTAGE é capaz de reproduzir os detalhes mais sutis do áudio e imagem de alta definição para a mais impressionante experiência de cinema dentro de sua casa.

Explore a melhor qualidade sonora com a maior quantidade de recursos Yamaha.

*RX-A3070

AVENTAGE



Baixe o aplicativo MusicCast



musicCast
musiccast.yamaha.com.br